

# Revista **a** EVOLUÇÃO

Ano III - nº 27 - Abril/2022

ISSN 2675-2573



## SEMEANDO IDEIAS

Cleia Teixeira da Silva / José Wilton dos Santos

## TCA FAZENDO A DIFERENÇA



### DESTAQUE

A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza



# Revista **EVOLUÇÃO**

Ano III - nº 27 - Abril de 2022

ISSN 2675-2573

Uma publicação mensal da Edições Livro Alternativo

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (Angola):**

Manuel Francisco Neto

**Coordenaram esta edição:**

Alexandre Passos Bitencourt

Andréia Fernandes de Souza

Isac dos Santos Pereira

Vilma Maria da Silva

**Organização:**

Vilma Maria da Silva

**Colunistas:** Cleia Teixeira da Silva / Isac dos Santos Pereira / José Wilton dos Santos

## AUTORES(AS) DESTA EDIÇÃO

Alecina do Nascimento Santos

Andreia Ferreira de Melo Faria

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

Maurina Pereira Coelho

Mônica Iara Marsura

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Quitéria Maria da Silva Barros

Simoni Alves Pereira Almeida

Tamires Aparecida Silva dos Santos

Tânia de Jesus Alves

Tatiana Lima Passos

Vilma Maximiano Vieira

Viviane de Cássia Araujo



<https://doi.org/10.52078/issn2673-2573.rpe.27>

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano III, n. 27 (abr. 2022). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2022.

106 p. : il. color

Bibliografia

Mensal

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

ISSN 2675-2573 (on-line)

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877



São Paulo  
2022

**Editor Responsável:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado

**Editor correspondente (ANGOLA):**

Manuel Francisco Neto

**Comissão editorial:**

Antônio Raimundo Pereira Medrado  
José Roberto Tenório da Silva  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Denise Mak  
Isac dos Santos Pereira  
Patrícia Tanganelli Lara  
Thaís Thomas Bovo

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Me. Adeilson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Ma. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Dra. Patrícia Tanganelli Lara  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo  
Profa. Ma. Veneranda Rocha de Carvalho

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Colunistas:**

Profa. Mestranda. Cleia Teixeira da Silva  
Prof. Me. Isac dos Santos Pereira  
Prof. Mestrando José Wilton dos Santos

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
José Roberto Tenório da Silva  
Lee Anthony Medrado

**Contatos**

Tel. (11) 98031-7887  
Whatsapp: (11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com  
https://primeiraevolucao.com.br  
São Paulo - SP - Brasil

netomanuelfrancisco@gmail.com  
Luanda - Angola

**Imagens, fotos, vetores etc:**

https://publicdomainvectors.org/  
https://pixabay.com  
https://br.freepik.com

É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Os artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião da revista.

Publicada no Brasil por:

Edições **Livro Alternativo**

CNPJ: 28.657.494/0001-09

Colaboradores voluntários em:



A revista **PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial criado pela Edições Livro Alternativo para auxiliar professores(as) a publicarem suas pesquisas, estudos, vivências ou relatos de experiências.

O corpo editorial da revista é formado por professores, especialistas, mestres e doutores que atuam na rede pública de ensino, e por profissionais do livro e da tecnologia da informação.

É totalmente financiada por professoras e professores, e distribuída gratuitamente.

**PROPÓSITOS:**

Rediscutir, repensar e refletir sobre os mais diversos aspectos educacionais com base nas experiências, pesquisas, estudos e vivências dos profissionais da educação;

Proporcionar a publicação de livros, artigos e ensaios que contribuam para a evolução da educação e dos educadores(as);

Possibilitar a publicação de livros de autores(as) independentes;

Promover o acesso, informação, uso, estudo e compartilhamento de softwares livres;

Incentivar a produção de livros escritos por professores e autores independentes.

**PRINCÍPIOS:**

O trabalho voltado (principalmente) para a educação, cultura e produções independentes;

O uso exclusivo de softwares livres na produção dos livros, revistas, divulgação, palestras, apresentações etc desenvolvidas pelo grupo;

A ênfase na produção de obras coletivas de profissionais da educação;

Publicar e divulgar livros de professores(as) e autores(as) independentes e/ou produções marginais;

O respeito à liberdade e autonomia dos autores(as);

O combate ao despotismo, ao preconceito e à superstição;

O respeito à diversidade.

**Esta revista é mantida e financiada por professoras e professores.  
Sua distribuição é, e sempre será, livre e gratuita.**



Filiada à:



**www.primeiraevolucao.com.br**

A educação evolui quanto mais evoluem seus profissionais

# SUMÁRIO

## 05 APRESENTAÇÃO

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Andréia Fernandes de Souza

## COLUNAS

### 6 **Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes**

Isac dos Santos Pereira

### 10 **Semeando Ideias**

Cleia Teixeira da Silva Oliveira / José Wilton dos Santos



## ARTIGOS

1. ALGUMAS PREOCUPAÇÕES COM O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM Alecina do Nascimento Santos	19
2. A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL Andreia Ferreira de Melo Faria	27
3. AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM Fabiana Lemes da Silva	33
4. JOGOS E DOBRADURAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA Ivan Aparecido da Silva	39
5. A PSICOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA AVALIAÇÃO ESCOLAR Maurina Pereira Coelho	45
6. O TAI CHI PAI LIN COMO INICIATIVA FILOSÓFICA Mônica Lara Marsura	51
★ 7. A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA Patrícia Mendes Cavalcante de Souza	57
8. A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Quitéria Maria da Silva Barros	65
9. O TDAH NO CONTEXTO ESCOLAR Simoni Alves Pereira Almeida	69
10. A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL Tamires Aparecida Silva dos Santos	75
11. O BRINCAR HEURÍSTICO, AS CRIANÇAS E AS MATERIALIDADES Tânia de Jesus Alves	83
12. A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL Tatiana Lima Passos	89
13. RESPEITO PELO RITMO, AQUISIÇÕES E APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS Vilma Maximiano Vieira	93
14. O PLANEJAMENTO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL Viviane de Cássia Araujo	97

**S**e há algo que nós seres humanos aprendemos desde pequenos são os rituais que marcam as passagens do tempo. O almoço da Páscoa, a viagem no feriado do Carnaval, os ritos religiosos, as férias, a temperatura e o céu marcando a mudança das estações, as roupas que usamos, as comidas que comemos, os lugares que visitamos, o término de um ciclo escolar. Os acontecimentos acabam sendo marcadores de uma época e nós crescemos aprendendo a fazer determinadas coisas em cada tempo.

Em um único dia vivemos as quatro estações e às vezes sentimos mais frio no verão do que no inverno.

Cada vez mais esse tempo parece estar sem fronteiras. Trabalhamos em casa, respondemos demandas no momento em que estamos desfrutando do ócio, não percebemos a diferença entre dias úteis, feriados ou domingos, como mostrava bem a música "Domingo" do Titãs "... é dia de descanso, não precisava tanto"...

O tempo parece sempre estar escasso, as tarefas sempre maiores do que é possível atender, e naqueles momentos que poderíamos desligar, ficar offline, há uma perturbadora culpa de estar e não postar. É como se não estivessemos vivos diante da ausência das redes.

Nesse turbilhão de redes sociais e ritos de passagem que transpuseram o tempo no qual estamos acostumados, visto o Carnaval depois da Páscoa, nos sentimos meio bagunçados e parece que mais uma vez queremos o fim deste ciclo, deste ano, para iniciarmos outro mais "certinho".

Talvez possamos refletir mais sobre a urgência, o imediatismo, o instantâneo. Parar, pensar, respirar e dar seu tempo.

Com essa energia apresentamos mais uma edição da Revista propondo um afastamento do cotidiano para ler de forma leve mas crítica, em doses homeopáticas mas que sejam profundas, sem desespero para realizar as demandas mas com a responsabilidade de que elas tem um tempo natural e alheio a nossa vontade para amadurecerem.

Boa leitura!



**Profª. Dra. Andréia Fernandes de Souza**

Licenciada em Artes Visuais, Pedagogia e Matemática. Doutora pela (UNIFESP). Professora Nota Dez em 2015 (VICTOR CIVITA). Professora dos anos iniciais na rede pública estadual e municipal de São Paulo.





## DESENHO DE APROPRIAÇÃO OU ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS? DESENHOS ANIMADOS QUE BALIZAM OLHARES E VALIDAM AÇÕES DESENHISTAS<sup>1</sup>

**E**ntre *rabiscos, desenhos*, intenções e saberes desenhistas, mesmo que em constante confronto com a matéria e possibilidades de criação, a criança se desenvolve enquanto artista, aventureira e pesquisadora ativa ao grafar sobre alguma superfície. Rosa Iavelberg (2017) define as duas últimas etapas do desenho da criança como desenho de apropriação e desenho de proposição. Um, seria o momento em que ela se apropria dos componentes imagéticos circundantes e tenta grafá-los sobre algum lugar, e o segundo seria quando ele propõe novas figuras, o tão famoso desenho de criação. No entanto, nesses últimos momentos de possibilidades artísticas da criança ao desenhar, por questões de compreensão às acepções das palavras, optou-se por complementá-las denominando-as de fase de apropriação de sentidos e fase de reconfiguração mnemônica.

Para a autora, a criança se apropria dos elementos imagéticos que a circunda, porém, entende-se que essa ação não é arbitrária, mas seletiva, expressiva, importante. Essa reelaboração do nome de tal fase do desenho da criança tem por objetivo trazer uma reflexão com uma denominação que se torne mais concreta e abrangente face ao novo período de massificação audiovisual em que estão imersas, um dos segmentos mais presentes e propiciadores de imagens da atualidade. Existem diversas obras com imagens e sons, vários lugares, pessoas e veículos, mas não é tudo que circunda o estudante que ele se apropria, contudo, somente o que lhe apraz, o que lhe é significativo.

Nesse interim reflexivo sobre essas possibilidades de se denominar as fases do desenho infanto-juvenil, optou-se por inserir algumas propostas de um pequeno estudante do presente pesquisador. Os desenhos a seguir fazem parte do acervo da coleção gráfica do jovem desenhista Lucas, feitos durante o ano de 2019 na EMEF Paulo Setúbal; ainda que haja um virtuosismo no grafismo do educando para com a similitude dos traços e das intenções dos personagens mostradas em suas produções, ele decidiu, não se sabe até então o motivo, por ficar e desenvolver muito mais sua fase de apropriação de sentidos, pois até então as imagens audiovisuais com as quais tem contato lhes fazem muito mais sentido em sua verossimilhança, haja vista suas produções fidedignas com as animações que assiste.

Para alguns, cópias, para outros, tentativas e erros, para outros, mais alguns desenhos...

Entretanto, suas batalhas gráficas se fazem enquanto ações materializadas em seus desenhos, que de alguma maneira inferem questões, propõem pensamentos face à similitude com que desenha os personagens... Seus universos desenhístico são mais do que meros fazer por fazer.

É interessante também salientar que se encontram também, mesmo que timidamente, algumas poucas de suas produções que leva a crer que há desenhos de reconfiguração mnemônicas, todavia seu acervo está grandemente tomado por apropriações gráficas do que de fato criações, sem evidências claras de acordo com as conjecturações aqui desenvolvida de novas reformulações de memórias visuais. Mas, isso não desmerece seu trabalho, mas tão logo o exalta pela tamanha perspicácia detalhada do pequeno artista e persistência em representação tal como ele vê nas animações.

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 para o primeiro autor.



**Figura 1** Personagem Goku



**Figura 2** Desenho de apropriação (Memória) da animação Dragon Ball/EMEF Paulo Setúbal



**Figura 3** Desenhos de apropriação (Memória) da animação Dragon Ball/EMEF Paulo Setúbal



**Figura 4** Desenhos de apropriação (Memória) da animação Dragon Ball/EMEF Paulo Setúbal.

Fonte: Acervo fotográfico pessoal, 2019 e Goku disponível em<<https://personagensdedragonball.wordpress.com/alguns-guerreiros/goku/>>.



**Figura 5** Desenho de apropriação (Memória) da animação Nanatsu no Taizai /EMEF Paulo Setúbal



**Figura 6** Desenho de apropriação (Memória) da animação Nanatsu no Taizai /EMEF Paulo Setúbal



**Figura 74** Personagem de Nanatsu no Tazai

Fonte: Acervo fotográfico pessoal, 2019, e imagens da animação disponíveis em: [https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1149670016-fantasia-cosplay-meliodas-nanatsu-no-taizai-sob-confecco-\\_JM?quantity=1](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1149670016-fantasia-cosplay-meliodas-nanatsu-no-taizai-sob-confecco-_JM?quantity=1)



**Figura 8** Personagem Sasuke em Naruto Shippuden



**Figura 9** Desenho de apropriação de sentidos do personagem Sasuke



**Figura 10** Desenhos de apropriação de sentidos (Memória) do Goku da animação Dragon Ball

Fonte: Acervo fotográfico pessoal, 2019 e Sasuke do Shippuden Disponível em <https://www.pinterest.cl/pin/504895808198971521/>

Por intermédio das fotografias do caderno anual de Lucas, percebe-se que sua intenção, mais do que propor algo novo, reconfigurar memórias, é tornar-se virtuoso ao desenhar as animações conhecidas por muitos e as quais aprecia inegavelmente, imitando não só o desenho como um todo, mas em suas particularidades, minúcias gráficas.

E você, leitor, em qual desses momentos você acha que se encaixaria?

Se apropriaria de imagens e tentaria representá-las da forma mais próxima possível, ou reconfiguraria todas essas memórias que você tem até então aí com você, todas arquivadas?

### Isac dos Santos Pereira

Doutorando e Mestre em Comunicação audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi – UAM com pesquisa sobre Naruto na sala de aula. Especialista em Arte/Educação: teoria e prática, pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP. Especialista em Neurociências Aplicada à Educação pela Universidade Anhembi Morumbi -UAM. Licenciado em Artes visuais pela Faculdade Paulista de Arte -FPA. Professor atuante de Arte no Ensino Fundamental I da rede Municipal de São Paulo, na Emef Paulo Setúbal.  
E-mail: <mailto:isacsantos02@hotmail.com>





# Revista Primeira Evolução

Mensal - Digital - Legal - Acessível

Sua participação financia livros e projetos educacionais e culturais.



Edições  
**Livro Alternativo**

... de professores(as) para Professores(as)

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)



## SEMEANDO IDEIAS

José Wilton dos Santos  
Cleia Teixeira da Silva

**N**esta edição, a coluna *Semeando Ideias*, em continuidade à proposta de divulgar boas práticas que ocorrem nas unidades educacionais, apresenta um trabalho desenvolvido pelos estudantes do CEU EMEF Água Azul, pertencente à Rede Municipal de Ensino de São Paulo. A escola se localiza no extremo leste da capital, Bairro Cidade Tiradentes, e está vinculada à Diretoria Regional de Educação de Guaianases.

Esse projeto surgiu a partir dos pressupostos da Rede, no qual os estudantes desenvolvem, nos anos finais do ensino fundamental, uma pesquisa de campo, intitulado Trabalho Colaborativo de Autoria (TCA). Assim sendo, Daniel Felipe Teixeira da Silva, Felipe de Souza Nascimento, Felipy Fernandes Anastácio, Guilherme Vitorino Dos Santos, Herik Rodrigues de Oliveira, Iury Moreira Ramalho, Kaique Lira dos Santos, Lara Raissa Cunha Miranda, Maiane Macedo da Silva, Marcos Fernando da Conceição F. Junior, Maria Luiza Oliveira Botelho, Rayhane de Souza Nantes e Yasmin Ribeiro da Camara, todos estudantes do 8º ano, sob a orientação do Professor de Ciências Luiz Carlos Gonzales Rodrigues, superaram todas as expectativas para uma proposta como é o TCA.

### TRABALHO COLABORATIVO DE AUTORIA FAZENDO A DIFERENÇA

O Trabalho Colaborativo de Autoria, em stricto sensu, trata-se de uma proposta de atividade, onde os estudantes em grupo desenvolvem um projeto de intervenção social, ou seja, que seja aplicável na vida real.

O destino dos projetos não é o arquivo escolar nem o fundo empoeirado das gavetas. Sua finalidade é tornar-se coisa pública, interpretação de mundo e a possibilidade de participação nele (Plano de Navegação do Autor, 2014).

Para tamanha grandeza, será necessário que os estudantes lancem mão de uma série de ferramentas adquiridas ao longo dos anos de estudos no Ensino Fundamental.

Assim sendo, é preciso que o grupo de estudantes, sob a orientação de um Professor, pensem em uma temática atual, que seja local ou global e que se debrucem sobre essa temática com intuito de resgatar conhecimento e/ou produzir novos conhecimentos a partir dela. Publicizando, posteriormente, esses novos conhecimentos ou essas produções.

Considerando o ensino por investigação como base, faz-se necessário partir de uma questão problema, seguindo de elaboração de hipóteses. Essas hipóteses serão experimentadas e testadas, tendo como fundo de pano dados estatísticos. Busca-se chegar a conclusões, que devem ser apresentadas nas mais diversas formas possíveis.

Partindo desses pressupostos, um grupo de estudantes do 8º ano escolar só faltou fazer chover (como diz na gíria do futebol). Eles escolheram o tema COVID-19, algo um tanto comum para os últimos dois anos, entretanto, a forma como o tema foi trabalhado superou, e muito, as expectativas.

O passo inicial foram as muitas pesquisas, fazendo uso dos recursos tecnológicos disponibilizados pela *Unidade Educacional* (figuras 1 e 2).



Figura 1: Iury, Kaique e Maiane pesquisando sobre o TCA.





Figura 2: Professor Luiz Carlos, Kaique, Iury e Maiane em momento de pesquisa no laboratório de Ciências.

O título, então, foi especialmente definido: Os Impactos do Coronavírus na Sociedade e a Irresponsabilidade durante uma grande pandemia. Esse viés que o grupo de estudantes definiu para trabalhar foi muito apropriado, pois abriu espaço para olhar os tais impactos de ângulos diferentes, especialmente:

Acerca do negacionismo, de forma muito didática, buscou-se inicialmente sensibilizar o público interno da *Unidade Educacional*, refazendo os banners, tornando-os mais atrativos, lançando mão de personagens de desenhos animados e desse modo conseguindo mais atenção do público-alvo para as informações importantes (figuras: 3 e 4).



Figura 3: Banner interativo criado pelos estudantes.



Figura 4: Banner interativo produzido pelos estudantes.

A forma de apresentar o trabalho para os estudantes foi um ponto extremamente positivo, pois foram diversas ferramentas utilizadas para alcançar a todos. Destacamos aqui o Teatro de Fantoches intitulado: **“O NEGACIONISMO NA PANDEMIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA PERIFERIA”**.

Nessa encenação, o grupo traz uma experiência vivenciada por uma família que não acreditava nos perigos advindos da COVID-19, assim como muitas famílias do Bairro Cidade Tiradentes. De modo resumido, a peça teve como personagem principal o jovem estudante Mike, que vivenciava o negacionismo no interior da sua família. Um certo dia, ao sair de casa, encontra seu padrinho e este, extremamente consciente dos riscos causados pela pandemia, orienta seu afilhado quanto os riscos da não utilização dos protocolos de segurança. Ao chegar em casa, Mike, em conversa com a mãe, descobre que o avô saíra para o bar sem proteção alguma. Para sua surpresa, a mãe também não demonstra nenhuma preocupação quanto aos riscos de contaminação da doença. No dia seguinte, o avô amanhece com sintomas da doença e é socorrido pela família. Felizmente, após realização de exames, fica constatado que ele não adquirira o vírus. Toda a situação vivenciada pela família do Mike serviu para que passassem a se proteger contra os malefícios causados pela Covid-19.

Durante toda a peça, os estudantes se preocuparam em promover a conscientização nos espectadores acerca do negacionismo e da não utilização dos protocolos de segurança. Ao final da peça, percebe-se a valorização da Ciência e dos estudos relacionados à imunização contra a doença.

Dramatizar textos literários faz parte da história da humanidade. Desde tempos remotos, conforme já defendia o filósofo Aristóteles, a arte vem imitando a vida e proporcionando às pessoas a possibilidade de representar e refletir o cotidiano artístico. Entendemos que trazer essa forma de reflexão ao ambiente escolar, pode ampliar, consideravelmente, a criticidade, o autoconhecimento, a exposição de sentimentos, dentro uma infinidade de aprendizagem. Neste sentido, a teatralização adotada pelo grupo, cumpriu devidamente o seu papel.

Devemos enfatizar que não bastasse criar o texto, fazer o roteiro e interpretar, os estudantes em tela construíram o cenário para tal exposição (figuras: 5 e 6).



**Figura 5: Processo de construção do cenário para o Teatro de Fantoches.**





Figura 6: Cenário da peça Teatral de Fantoches pronto.

No que tange ao aumento do número de violência doméstica, dados constatados na ocasião da pesquisa davam conta de que: "UMA EM CADA QUATRO MULHERES FOI VÍTIMA DE ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA DURANTE A PANDEMIA NO BRASIL". Essa informação é muito relevante, não sendo possível ficar represada entre os muros da *Unidade Educacional*. Sendo assim, o grupo realmente ativo, transpôs os portões da escola e levou essa informação para a comunidade em forma de panfleto e de diálogo (figuras: 7 e 8)



Figura 7: Ação interventiva na comunidade.



Figura 8: Ação de intervenção realizada na comunidade.



Figura 9: Panfleto criado pelos estudantes para a ação de intervenção social.

O panfleto foi especialmente criado para chamar atenção. Para além das informações cruciais, as cores têm o seu destaque próprio. Desse modo, foi usado o fundo na cor preta, demonstrando que tais informações e tais crimes provocam em todos nós um estado de luto; as letras em cores brancas, simbolizando o nosso desejo de paz; com uma mulher sendo vítima de violência física, dentro do símbolo de proibido, extremamente conhecido, em cor vermelha de sangue, pois sangramos juntos todas as vezes que não conseguimos proteger as nossas mulheres, nossas crianças e nossos idosos (figura 9).



Dentre as informações, destacamos ainda o incentivo à denúncia, fornecendo os canais onde as ajudas podem ser solicitadas.

Ressaltamos também o encontro com uma artista local, **JUJU ZL**, que fez questão de compartilhar em seus canais de comunicações a prática dos estudantes em destaque, ampliando significativamente as ações realizadas por estes meninos e meninas (figura 10).

Não podemos deixar de citar que tais ações tiveram início dentro da *Unidade Educacional*, vez que, antes de tudo, houve a preocupação de fazer o dever de casa (figura: 11).



Figura 11: Sensibilização no âmbito interno da Unidade Educacional.



Figura 12: Yasmim e Iury apresentando o telejornal.



Figura 13: Maiane recitando o seu poema autoral em uma das apresentações que o grupo fez.



Figura 10: Encontro com uma artista local.

Ampliando ainda mais o raio de ação, buscando com isso costurar os meios utilizados para compartilhar as informações pesquisadas e produzidas, houve a apresentação de um telejornal (figura 12). Este telejornal foi assistido por todos os estudantes do CEU EMEF Água Azul, tal ação foi estendida para WEBINÁRIO DO TCA 2021, evento organizado pela Diretoria Regional de Educação de Guaianases, ocorrido em 11 de novembro de 2021, de forma virtual. Seguem os principais pontos abordados no telejornal:

Inicialmente, os estudantes se apresentaram e, na sequência, trouxeram informações científicas a respeito do coronavírus, abordando questões relacionadas à transmissão, sintomas, prevenção, número de óbitos no Brasil e no Mundo e pesquisas relacionadas às vacinas (CoronaVac, AstraZeneca, Pfizer e a Janssen).

Durante o telejornal, houve a declamação do Poema autoral da estudante Maiane Macedo (figura 13), que vai ao encontro dos assuntos tratados na apresentação. Segue o Poema:

*E de repente tudo muda, num dia abraços e no outro lockdown  
E o ar que entrava nos meus pulmões hoje é um vírus mortal  
Máscara, álcool em gel, ficar em casa são nossas armas contra um vírus letal  
Primeiro caso e logo em seguida, escolas, comércios, ruas fechadas...  
E todo dia no jornal: "aumentam os casos"  
Já no aparelho... a linha terminal  
Mas tem aqueles que podemos chamar de corajosos ou como eu prefiro, tolos. Tolos porque não acreditam naquele que chamamos de Covid  
Até que ele não possa dar um enterro digno ao seu pai, que morreu do vírus que ele levou pra casa.  
E a você faça um pedido,  
leve isso a sério,  
não é apenas uma gripezinha, como diz o governo, esse vírus mata  
se cuide,  
cuide daqueles que ama  
para não precisar sentir aquilo que muitos estão sentindo  
Ao perder parentes, amigos, pai, mãe para um vírus tão... Irrracional*

Em seguida, com a função de comentarista, a estudante Yasmin trouxe a sua reflexão no que tange a temática. Conforme transcrito a seguir:

## COVID 19

A causa da ansiedade dos estudantes a causa da preocupação da população, quase 4 milhões de mortes no mundo inteiro, o equivalente a população do Piauí. Vocês têm noção disso? quase um estado perdido! agora me fala o que fazemos se o próprio presidente da república, fala que tudo isso é apenas uma gripezinha?

Não! não é apenas uma gripezinha, não sei se vocês sabem, mas quando falamos liberamos gotículas salivares, então a máscara não protege só a você, ela protege a todos que você ama e todos que estão ao seu redor.

Agora pergunto a vocês: Por que o mercadinho do seu Zé terá que ser fechado e o transporte público ainda continua lotado?

O Presidente diz estar preocupado conosco, mas ele fala para mídia:

“Vai comprar vacina na casa da mãe!”

“Quem for de direita vai tomar cloroquina e quem for de esquerda vai tomar tubaína”

Ha ha ha... não sabemos qual é pior a cloroquina, a tubaína ou o próprio Presidente!

Jogadores de futebol em cassinos e blogueirinhas em baile funk, vou ter que citar novamente que enquanto vocês estão se “divertindo” pessoas estão morrendo?

É, meus amigos, mas nessa pandemia não são só os doentes que estão morrendo, muitas vezes crianças, idosos e principalmente as mulheres, muitas vezes por violência doméstica. Isso dói, dói muito saber que em um momento que precisamos de amor ao próximo, mulheres, idosos e crianças estão sendo espancados!... mas, enquanto isso eu grito resistência! E os convido a gritarem comigo também!

O telejornal foi encerrado com uma síntese das principais ações desenvolvidas pelo grupo de estudantes, repassando pela pesquisa de observação em relação ao uso da máscara, tabulação de dados, elaboração de Banners e Panfletos, distribuição desses materiais à comunidade interna e externa à escola, além da inclusão de estudantes com deficiência em diversas ações do projeto (figuras 14 e 15).



Figura 14: Daniel e suas artes.



Figura 15: Kaique, Herik, Maiane, Guilherme, Maria Luiza, Yasmin, Iury, Felipe e Marco.

---

Impossível não querer saber desse grupo de estudantes um pouquinho do que eles têm para nos falar. Sendo assim, conversamos com alguns deles:

**Primeira Evolução: Lury, todo processo de pesquisa gira em torno de objetivos e de expectativas. Comente se e em que medida eles foram superados.**

Lury: O nosso TCA teve longo tempo de planejamento e pesquisa, o que acabou criando muitas expectativas e objetivos desde o início. Muitos deles nós conseguimos alcançar e até superá-los. Algo que surpreendeu a todos nós, foi a proporção que o nosso trabalho tomou. Um exemplo disso foi a nossa ação de intervenção social, através da distribuição de panfletos com mensagens de incentivo à denúncia dos casos de violência doméstica durante a pandemia. Esse caso, em especial, foi um dos crimes que mais cresceu durante a pandemia. Além disso, em meios digitais, onde nosso trabalho foi publicado, também houve uma resposta positiva, com nossos vídeos, fotos e conteúdos tendo centenas de visualizações e curtidas, algo muito surpreendente para nós alunos. Tivemos ainda a oportunidade de apresentar nosso trabalho no evento WEBINÁRIO, organizado pela equipe da Diretoria Regional de Educação de Guaianases, que era um dos nossos objetivos desde o início, e que também foi alcançado, com muito esforço, empenho e dedicação. Diferente de nós alunos, que não tínhamos noção do que esse trabalho poderia se tornar, a equipe Gestora da escola e nosso Professor Orientador sempre tiveram muita confiança em nosso trabalho, o que nos motivou a não desistir e se empenhar ao máximo para conquistar tudo o que tínhamos como objetivo. Tivemos também a chance de mostrar nosso trabalho para os demais estudantes da nossa *Unidade Educacional*, durante o período de aulas, e fizemos isso em uma série de apresentações. De modo geral, nosso trabalho conseguiu surpreender positivamente a todos nós, e podemos dizer com toda certeza que o nosso objetivo foi concretizado e superado.

**Primeira Evolução: Yasmin, o Trabalho desenvolvido pela equipe foi permeado de inúmeras ações. A partir dessa afirmação, relate quais aprendizagens serão levadas para a vida de vocês.**

Yasmin: Para algumas pessoas o nosso TCA talvez tenha sido apenas só um "trabalho de escola", mas para mim foi um trabalho para a vida! sim um trabalho para vida, nunca vou me esquecer das falas e frases que todos nós falávamos nos momentos de nervosismo e de felicidade. Nosso professor, desde o início, nos ensinou sobre o trabalho em grupo. No começo, não levávamos tão a sério, mas com o passar dos tempos, fomos percebendo que sem união não teríamos resultados positivos. Passamos a trabalhar juntos, todos de mãos dadas, e o nosso professor, que nunca soltou as nossas mãos, ficou feliz. Com isso aprendi que, sempre que eu precisar fazer algo com colegas, é necessário o trabalho em equipe. Nosso projeto também precisou de muita organização. Além disso, nós tínhamos que ir atrás das informações, dos dados, tínhamos que perguntar, pesquisar, etc. Aprendi então que se eu não correr atrás, ninguém vai fazer por mim. Uma das coisas que nunca, nunca irei me esquecer, é uma das frases que o nosso professor Luiz costumava falar em todas as reuniões, que também eram palestras, pois depois que eu saía dessas reuniões, me sentia uma pessoa mais motivada para fazer exatamente tudo, e acredito que meus colegas também se sentiam assim, a frase que ele costumava dizer era "Nunca entre para fazer só o básico, ou entra para fazer o melhor trabalho de todo o mundo, ou não entre", e esse é um dos maiores aprendizados que vou levar para minha vida. Nunca vou esquecer desse trabalho incrível, que me ensinou muitas coisas, e mudou muito meu jeito de pensar.

**Primeira Evolução: Kaique, sabemos que todo trabalho em equipe produz inúmeros saberes e aprendizados aos envolvidos. Na sua opinião, qual foi a maior dificuldade enfrentada/ barreira vencida durante todo o processo?**

Kaique: Nunca tive muitos problemas com individualismo ou protagonismo, sempre aceitei e sempre soube trabalhar em grupo. Pelo menos eu achava que sabia. As minhas maiores dificuldades giraram em torno dos debates de ideias e o convívio entre todos nós do grupo. Mesmo falando que nunca tive problemas com trabalhos em grupo, ao mesmo tempo, esse TCA que fizemos foi o projeto mais complexo que já participei. E nele, pude ver um pouco da realidade de um trabalho em grupo de verdade. O debate de ideias como já havia dito foi uma imensa "barreira", ouvir as ideias e sugestões de todos e a partir daí decidir o que seria melhor para o projeto, não foi fácil para mim, pois, muitas vezes eu pensava diferente dos meus colegas de projeto, mas, tinha que aceitar as decisões do grupo e prosseguir. Pensar e refletir em todas as opções e decidir o que fazer foi mais complicado do que eu imaginei. Mas com a ajuda de todos e do nosso Professor Luiz Carlos, consegui encontrar o caminho certo para o desenvolvimento do convívio ideal de um trabalho em grupo. Uma requisição importante em trabalhos em equipe é saber que não podemos misturar pessoal com profissional. E isso, talvez tenha sido a "barreira" mais alta para mim, já que em alguns momentos acabei me deixando levar para o lado



---

pessoal e isso poderia ter prejudicado o TCA. Ter que cobrar os amigos e ser cobrado por eles também, geraram alguns conflitos. Mas, à medida que o projeto transcorria, começamos a aprender controlar esses inconvenientes, de modo que, o trabalho seguiu e conseguimos concluí-lo de forma brilhante.

**Primeira Evolução:** Maiane, no TCA, houve um Poema de sua autoria que fez parte do trabalho. Na sua opinião, em que medida a literatura contribui para uma leitura de mundo?

Maiane: A literatura, de certa forma, é possibilidade. Podemos ter a possibilidade de criar a mais bela das histórias, como o mais realista dos poemas. Quando fui convidada a escrever algo sobre o título de trabalho escolhido, me perguntei: "mas o que eu vou escrever?"... Admito que até tive um bloqueio, passei horas sem que nada me viesse a mente. De repente, me lembrei que literatura é possibilidade e, lá estava eu, tendo a possibilidade de conscientização com minha escrita. A partir daí, tudo fluiu naturalmente, tendo em mente de que quem estivesse lendo, ou como foi feito, ouvindo meu poema, em cada palavra e verso, receberia a realidade daquilo que estávamos vivenciando, por mais dura que fosse. E acho que nisso a literatura contribui para uma leitura de mundo, pois traz a realidade, de forma dura ou "enfeitada", mas sempre realista, nos fazendo ver aquilo que está a nossa volta.

A despeito da orientação do trabalho, tivemos o Professor Luiz Carlos a frente, de modo que gostaríamos de entender um pouco através do olhar qualificado do mestre.

**Primeira Evolução:** Professor Luiz, considerando a importância do TCA na formação dos estudantes da PMSP, comente acerca da escolha do tema do trabalho desenvolvido pela equipe.

Professor Luiz: Sabemos que o TCA contribui de maneira significativa para o ensino e aprendizagem dos estudantes, pois, nesse modelo de atividade, eles devem ser os protagonistas, desde a escolha do tema, seguido do título e ainda o método que será aplicado. Desse modo, nas primeiras reuniões para discussão sobre o trabalho, alguns dos estudantes trouxeram para a pauta uma percepção visual que estavam acompanhando no dia a dia. Essa observação dava conta da temática COVID 19. De forma muito evidente, a grande maioria dos moradores do bairro Cidade Tiradentes não faziam uso dos protocolos de saúde para prevenção da COVID. Surgiu então a seguinte pergunta: O quanto será que essa falta de prevenção tem contribuído com a disseminação do Vírus? Desse modo, definimos o tema como sendo: **Os Impactos do Coronavírus na Sociedade e a Irresponsabilidade durante uma grande pandemia**. A partir de então, buscamos explorar o máximo de ferramentas educacionais e de pesquisas, de modo que, fosse possível abordar de forma clara todas as vertentes que o título nos possibilitava. A primeira delas veio através do incentivo à pesquisa científica na prática. Os estudantes observaram, anotaram e tabularam dados coletados no bairro sobre quem estava usando a máscara e respeitando os protocolos da saúde e quem não estava. Esses dados foram comparados com os dados oficiais do governo, justificando o grande número de casos de COVID-19 nas periferias, principalmente. Desse momento em diante, começamos a pensar em forma de sensibilizar a todos da nossa escola e da comunidade.

Não é possível desenvolver um bom projeto em âmbito educacional sem a participação efetiva da equipe gestora. Neste sentido, o grupo de coordenadores e assistentes de direção, liderados pela *Eliane Soares Cesário Torres*, soube ser presente e o suporte necessário, possibilitando que os estudantes tivessem os recursos apropriados para o bom desenvolvimento do trabalho. Também é indiscutível a importância que os quadros de apoios educacionais tiveram no desenvolvimento desse TCA. Por inúmeras vezes estes foram acionados e sempre estiveram dispostos a ajudar e orientar, participando efetivamente do processo educacional.

Dizer que esse TCA superou as expectativas de todo o grupo de professores, orientador e gestores, é muito pouco. Esse grupo de estudantes fizeram do TCA uma verdadeira obra de arte. Produziram materiais riquíssimos e significativos para a comunidade escolar interna e externa.

É maravilhoso ver como o grupo conseguiu colocar em prática a **resolução de problemas**, pois os problemas surgiram e não foram poucas vezes que tiveram de encontrar soluções para eles; a **comunicação**, que a nosso entender, foi um dos pontos máximos em todo o processo; o **autoconhecimento e o autocuidado**, vez que houve a necessidade de se conhecerem e se cuidarem cada vez mais, afinal, estávamos em um momento muito crítico da pandemia; ficou muito evidente o quanto o grupo agiu com **autonomia e determinação**, pois, não foram poucas as vezes que a dúvida sobre o andamento do projeto pairou, mas, desistir nunca foi uma opção; no que tange a **responsabilidade e participação**,

restou evidente suas aplicações, a partir das falas dos protagonistas, em nosso bate-papo; e o **repertório cultural** desses alunos? Foi extremamente vasto e rico, eles trouxeram para o trabalho tudo que acumularam em suas vidas escolares e pessoais; a **empática e colaboração** inundou o grupo, ao ponto deste tornar-se ainda mais unido e amigos; e ainda o **pensamento crítico**, muito presente no poema da Maiane e no texto reflexivo da Yasmin, assim como perpassou em todas as fases do TCA. Os itens aqui descritos formam a nossa matriz dos saberes, cerne da nossa forma de pensar educação.

Para além da Matriz dos Saberes, alguns dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável estiveram o tempo todo presentes, citamos: **Saúde e bem estar** e **Vida na Terra**, viés principal do tema escolhido; e ainda **Parcerias e meios de implementação**, fundamentais para possibilitar que os conhecimentos produzidos e as informações pesquisadas fossem disseminadas.

As competências-chaves, não ficaram de fora, pois, esse grupo, de forma muito evidenciada, aplicou uma série de competências importantes. Os estudantes em tela praticaram a **competência do pensamento sistêmico**, a **competência antecipatória**, a **competência normativa, estratégica** e de **resolução de problemas**. Todas essas competências são esperadas que os estudantes adquiram no transcorrer de seus estudos no Ensino Fundamental.

Diante do esplendoroso Trabalho Colaborativo de Autoria realizado por estes meninos e meninas, resta-nos dizer que esse grupo fez a história acontecer e tornaram-se referências no tocante ao TCA. Da mesma forma, queremos enaltecer a prática orientadora do Professor Luiz Carlos que, com maestria, foi extremamente capaz de harmonizar as melodias que seus alunos estavam produzindo.

Importante ressaltar que o TCA na unidade educacional em referência cumpriu seu papel essencial: proporcionar autonomia e protagonismo aos participantes. Durante todo o ano de 2021, no dia a dia e/ou em paradas específicas, cerca de 50 grupos de educandos, orientados por seus respectivos mestres, estiveram envolvidos em pesquisas, estudos e registros, culminando com apresentações a toda comunidade escolar ao final do ano letivo.

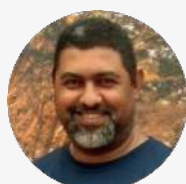
Parabéns a todos!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- SÃO PAULO, SME. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. São Paulo: SME / COPED, 2017.
- SÃO PAULO, SME. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Ciências da Natureza. São Paulo: SME / COPED, 2017.
- SÃO PAULO, SME. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da Cidade: Ensino Fundamental: Tecnologia da Aprendizagem. São Paulo: SME / COPED, 2017.
- SÃO PAULO, SME. Coordenadoria Pedagógica. Orientações didáticas do currículo da cidade: Língua Portuguesa. São Paulo: SME / COPED, 2010.
- SÃO PAULO, SME. Coordenadoria Pedagógica. Orientações didáticas do currículo da cidade: Ciência da Natureza. São Paulo: SME / COPED, 2010.
- SÃO PAULO, SME. Direitos de Aprendizagem nos ciclos interdisciplinar e autoral. São Paulo: SME / COPED, 2016.
- SÃO PAULO, SME. Plano de Navegação do Autor. São Paulo: SME / COPED, 2014.



**Cleia Teixeira da Silva** é Mestranda do programa de Pós-graduação PROFLETRAS, da Universidade de São Paulo, e Coordenadora Pedagógica no CEU EMEF Água Azul.  
E-mail: cleia.oliveira@sme.prefeitura.sp.gov.br



**José Wilton dos Santos** é Mestrando do programa de Pós-graduação PROFMAT, da Universidade Federal do ABC, e Professor de Ciências na EMEF Armando Cridey Righetti.  
E-mail: josew@sme.prefeitura.sp.gov.br





## ALGUMAS PREOCUPAÇÕES COM O PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

ALECINA DO NASCIMENTO SANTOS

**RESUMO:** Esse artigo busca refletir a respeito da transformação dos comportamentos das crianças, dos jovens e dos adultos, quando tem a oportunidade de serem ouvidos, no sentido de desenvolver o seu protagonismo. Tem como objetivo discutir na sua fundamentação teórica as inovadoras práticas pedagógicas que procuram aguçar o espírito criativo dos estudantes. Pretende-se também identificar os principais métodos da escuta para serem desenvolvidos pelos professores/ educadores. A metodologia abordada baseia-se em uma pesquisa bibliográfica, com a corroboração de autores que denotam sobre o tema em questão. Observa-se que a criatividade das crianças apresenta uma grandeza infinita e que pode ser explorada, produzindo resultados capazes de provocar transformações significativas nas diversas personalidades. Conclui-se que a criança na educação infantil deve ser precedida de ações que promovam a sua liberdade, fundamentalmente quando estão realizando atividade em grupo, no qual a interação social deve ser estimulada pelos professores, dando continuidade até as próximas séries.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Educação. Ensino Superior. Interações. Práticas Pedagógicas.

### INTRODUÇÃO

Segundo defende FREIRE (2007) procurar entender as linguagens das crianças assim como identificar os seus pensamentos e desejos representa uma condição base para que os profissionais educadores produzam resultados altamente positivos em relação à busca do comportamento inclusivo relacionado com o protagonismo infantil desenvolvido pelas crianças das séries iniciais do ensino fundamental no país.

A Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional criada ainda no final do século XX mais precisamente em 1996 reconheceu esta necessidade dos professores educadores do ensino regular elaborar os seus planejamentos de aulas direcionados a educação infantil com os objetivos primeiro de buscar este processo de inclusão e do protagonismo das crianças.

Para BARBOSA (2008) a pré escola no Brasil está procurando transformar o seu conceito onde sempre predominaram as condições assistencialistas e afetivas que não exige qualificação acadêmica dos profissionais professores e também não busca transformar o comportamento das crianças que apresentam dificuldades de aprendizado através dos métodos pedagógicos da escuta que é possibilitado pelas atividades escolares que propõem o desafio para estas crianças poderem pensar e opinar dentro da sala de aula.

Como mostra VEIGA (2001) sem as transformações que foram provocadas a partir da lei de diretrizes e bases da educação infantil no país não teria evoluído e estaria num patamar de atraso comparado às nações subdesenvolvidas que não tem uma educação infantil de base de qualidade para as crianças.

Sobre esta condição dos profissionais entender a fala e o pensamento das crianças da educação infantil para que possam desenvolver o seu comportamento, a opinião de KINNEY(2009) é bastante relevante quando ressalta que;

Os profissionais educadores ao desenvolver os seus planos de aula devem ser direcionados para as condições que possibilitam entender as principais necessidades deste público infantil, compreender as suas formas de comunicação e a partir destas condições procurar alinhar a sua didática de acordo com as especificidades e capacidades de cada criança (Kinney).

---

SENGE (2005) defende que a didática apresentada deve ser preparada de modo que possa buscar explorar as potencialidades de cada criança e assim promover a inclusão e o ensino que faz realmente surgir as transformações tão necessárias para construir cidadãos com personalidades e opiniões próprias.

Deve se observar neste contexto que o modelo de ensino da educação infantil que está sendo idealizado para este projeto deducional da linha de pesquisa da docência não é definitivo e acabado, pois leva em consideração que para colocá-lo em prática em países como o Brasil necessita de ajustes constantes de forma periódica para que possa ser adaptado a nossa realidade cultural em relação a educação infantil praticada em cada região do país.

Outra observação importante é que apesar de algumas experiências isoladas, praticadas no Brasil em relação ao modelo de ensino infantil que está sendo proposto no projeto de ensino a educação para crianças no país ainda vai demorar muito para alcançar este estágio de qualidade, principalmente quando se trata de ensino público devido aos problemas estruturais sociais e culturais que fazem parte da formação educacional das crianças.

Como mostra VEIGA (2001) visualizar a criança na sua formação de base como sujeito crítico e construtor de pensamento e ideias, principalmente como elemento integrante da sociedade faz parte do papel do professor educador dentro da realidade do ensino aprendizagem moderno.

E um dos instrumentais mais indicados para exercer esta proposta é lançar mão da interdisciplinaridade, onde as mais diversas disciplinas tem como função dentro deste processo pedagógico de complementar os conhecimentos impostos aos alunos.

## A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A evolução histórica da educação brasileira passou por rupturas marcantes, e se estabelece até hoje tendo em vista alcançar padrões internacionais, constituído socialmente.

A chegada dos portugueses às terras brasileiras é um marco histórico para a educação sistematizada no Brasil. Não há como negar que os povos nativos possuíam formas de ensino, uma vez que a cultura e os hábitos eram aprendidos desde a mais tenra idade pelas crianças da época. No entanto, não há registros de um sistema educacional formalizado.

A educação sistematizada no Brasil teve início com o movimento jesuíta, onde padres portugueses da Ordem dos Jesuítas passaram a dedicar seu tempo à educação religiosa dos nativos. Pelas diferenças culturais, foi necessário ensinar primeiramente a língua portuguesa e elementos básicos da cultura europeia como o uso de roupas por exemplo (ALVES, 2005). Esse padrão europeu, não anula o fato de que os nativos já possuíam técnicas e maneiras de fazer a educação.

Foi Tomé de Souza, que seguindo ordens do D. João III, trouxe os padres da Companhia de Jesus com intuito de propagar a fé católica. Dado o abismo encontrado entre indígenas e jesuítas a fim de estabelecer a conversão, foi necessária a adaptação do ensino, ou seja, a sistematização da educação por meio de colégios e missões espalhadas pelo litoral do Brasil se fez necessária para que os indígenas aprendessem não somente o cristianismo, mas também a língua e os costumes de Portugal.

Com a chegada ao Brasil dos primeiros jesuítas em 1549, surgiram as primeiras atividades de educação sistematizada na colônia. Diante desta nova realidade, surge também as primeiras leis na área de educação no Brasil.

Regida pela Igreja Católica, a educação era oferecida por padres jesuítas dos quais se destacam inicialmente como educadores os padres Manoel da Nóbrega, Vicente Rodrigues e Antônio Vieira. Quinze dias após desembarcarem em terras brasileiras, os jesuítas criaram a primeira escola nestas terras. O mestre era o Irmão Vicente Rodrigues e quem comandava as obras era o Padre Manoel da Nóbrega.

Na Bahia, Vicente, ministrava aulas de catecismo, e alfabetizava os nativos, tendo sido o primeiro professor da Companhia. Irmão Vicente foi o primeiro português a ensinar pelo modelo de educação europeia no Brasil e por mais de 50 anos se dedicou ao ensino da cultura e da religião do Velho Mundo aos que aqui estavam.

O objetivo dos Jesuítas no Brasil era catequizar e difundir a fé católica, no entanto, tendo em vistas as dificuldades impostas pela barreira linguística e cultural, não seria possível pregar o catolicismo sem antes alfabetizá-los. Diante desta realidade, além da religião também aprendiam a ler e escrever.

A instrução jesuítica teve início em Salvador e logo avançou rumo ao sul do país, sendo que em 1570 existiam escolas de Educação Elementar em Porto Seguro, Ilhéus, São Vicente, Espírito Santo e São Paulo de Piratininga e colégios no Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia.

---

O regulamento válido para todas as escolas jesuíticas era um documento escrito por Inácio Loyola, o Ratio atque Institutio Studiorum Societatis Iesu que significa Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus.

Com a primeira edição em 1599, o Ratio Studiorum, foi um conjunto de normas e princípios que regulamentava as práticas da educação jesuítica. O método, ordenava as atividades, as funções e a avaliação das escolas da Companhia de Jesus. Antes de 1599, os colégios jesuítas, funcionavam segundo os Ordenamentos de Estudos, regimento interno, utilizado como inspiração e modelo da Ratio Studiorum. O documento era constituído por um conjunto de 467 regras, que cobriam todas as atividades de ensino da Companhia, assim como a função de seus agentes e de todos que estivessem diretamente ligados à educação pedagógica.

O ensino Jesuítico não estava limitado apenas à alfabetização. Além da alfabetização, os colégios jesuítas ofereciam cursos de Letras e Filosofia, tendo caráter secundário, e o curso de Teologia e Ciências Sagradas, direcionado àqueles que desejavam tornarem-se sacerdotes.

O curso de Letras oferecia o ensino de Gramática Latina, de Humanidades e Retórica, enquanto no curso de Filosofia eram estudadas Lógica, Metafísica, Moral, Matemática e Ciências Físicas e Naturais.

O modelo de educação Jesuítica prevaleceu no Brasil por 210 anos tendo fim em 1759, com a expulsão dos jesuítas por Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal. Ao ser expulsa, a Ordem possuía em território brasileiro aproximadamente 35 missões, 25 residências, 36 e quase 20 colégios e seminários. Havia também seminários pequenos e escolas de primeiras letras funcionando em todas as cidades por onde a Companhia passou no Brasil.

A Família Real voltou a Portugal em 1821, e em 1822, o Príncipe D. Pedro I Proclama a Independência do Brasil. O país deixa de ser uma colônia portuguesa e passa a ser um império, tendo sido D. Pedro I o primeiro imperador do Brasil.

Antes da constituição, em 1823, devido à falta de professores, foi instituído o Método Lancaster. Consistia no ensino mútuo, onde um aluno devidamente treinado, o decurião, ensinava grupos de até 10 alunos, as decúrias. O processo se dava sob a vigilância rígida de um inspetor.

Em 1824 é apresentada a primeira Constituição Brasileira. Outorgada em 25 de março de 1824, a Carta Magna, garantia a unidade do território brasileira e dividiu o governo em quatro poderes: Poder Executivo, Poder Legislativo, Poder Judiciário e o Poder Moderador, este último era exercido pelo imperador e lhe dava direito a intervir nas decisões dos outros poderes. O Art. 179, parágrafo 32 desta Lei Magna dizia que a instrução primária seria gratuita para todos os cidadãos e que em colégios e em universidades deveriam ofertar o ensino de ciências, letras e das artes.

Durante a abertura do Parlamento em 1826, um decreto determinou que a educação fosse dividida quatro graus, o primeiro, chamado de "Pedagogias", correspondia à instrução primária; o segundo, chamado de "Liceus", era equivalente ao que hoje conhecemos como ensino profissionalizante; o terceiro, "Ginásios", ofertavam a educação secundária; e o quarto, as "Academias", eram referentes ao Ensino Superior.

A Lei de 15 de outubro de 1827, determina entre outras coisas que, em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, devia haver escolas de primeiras letras. Ainda neste documento é determinado que os salários dos professores sejam equivalentes às circunstâncias e os locais das aulas; que nas capitais das províncias ou em locais populosos, as escolas seriam de ensino mútuo e que essas escolas deveriam ser equipadas com materiais apropriados, custeados pelo Governo. Para serem instrutores em escolas mútuas, os professores deveriam arcar com os gastos necessários para sua formação. Segundo esta lei caberia ao professor, ensinar a ler, escrever as quatro operações de matemática prática, frações, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria, a gramática e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica.

O Ato Adicional à Constituição de 1834 estabelece as províncias deveriam administrar o ensino primário e secundário. Em 1835, é aberta a primeira Escola Normal em Niterói.

Apesar do investimento e do planejamento, a educação no Brasil continuou a apresentar baixos resultados.

Embora o Imperador afirmasse que, se não fosse Imperador se tornaria um Mestre-Escola, seu amor pela educação não foi suficiente para elevar a educação nacional a resultados satisfatórios. O sistema de educação brasileiro continuou defasado, não suprimindo a necessidade da população.

Uma nova política de educação começou a tomar corpo com a criação do Ministério da Educação e Saúde Pública, com Francisco Campos, que constituiria como ministérios dos mais conscientes de sua ação administrativa.

---

A revolução de 1930 foi um marco na história do capitalismo no Brasil, uma vez que pela primeira vez em sua história havia capital interno para investir. Essa rede de investimentos, trouxe uma nova realidade para o país exigindo cada vez mais, mão de obra especializada, e a obtenção dessa mão de obra veio de investimentos na educação.

O Ministério da Educação e Saúde Pública, criado em 1930, sanciona em 1931 decretos para a melhor organização da educação secundária e para a criação de universidades brasileiras. Os decretos de 1931 foram conhecidos como Reforma Francisco Campos.

A Constituição de 1934, determinou que a educação é um direito de todos devendo ser responsabilidade da família e do Estado.

Em 1942, são estabelecidas reformas em alguns ramos da educação, tendo estas Reformas recebido o nome de Leis Orgânicas do Ensino, compostas por Decretos-Lei que criaram entre outras coisas o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI oferecendo o ensino profissionalizante. O idealizador destas reformas foi o Ministro Gustavo Campanema.

E posteriormente, na Constituição de 1946, foi outorgada após o fim do Estado Novo. Esta Carta Magna, teve o texto mais democrático até então, e nas áreas da educação determinou a obrigatoriedade de se cumprir o ensino primário e que a legislação sobre diretrizes e bases da educação deveria ser da União.

Além disso, a Nova Constituição fez voltar o preceito de que a educação é direito de todos, inspirada nos princípios proclamados pelos Pioneiros, no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, nos primeiros anos da década de 30.

A educação brasileira sofreu um duro golpe durante o Regime Militar. Apresentando um caráter antidemocrático, tinha por objetivo confirmar sua proposta de governo. Durante este período, professores foram presos, torturados e demitidos, muitos tendo recorrido ao exílio, afim de manterem-se vivos.

Houve invasões a universidades, além da prisão arbitrária e tortura de estudantes em confrontos com a polícia, alguns foram mortos. O Decreto-lei 477, fechou a União Nacional dos Estudantes (UNE) e calou professores e alunos.

Foram criados neste período, os exames vestibulares classificatórios, já que houve grande expansão universidades no Brasil. O objetivo do exame era acabar com os excedentes, que apesar de notas altas, não encontravam vagas, devido à falta de vagas no Ensino Superior.

Com a intenção de erradicar o analfabetismo, os militares criaram o Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF, que utilizava a didática de Paulo Freire. O projeto não alcançou sucesso e foi extinto dando espaço para a Fundação Educar.

Em meio ao período mais sangrento a Ditadura Militar é instituída a Lei nº 5.692, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, em 1971, que teve como característica marcante a educação por meio da formação profissional.

Após o fim do Regime Militar, todos os esforços políticos se voltaram ao esquecimento dos “anos de chumbo” pelos quais o Brasil havia passado. Neste cenário, a educação passou a ser trada num sentido mais amplo, tendo participação ativa de pensadores de outras áreas do conhecimento. Neste momento, a educação deixa de ser somente o simples processo ensino-aprendizagem para tornar-se parte da vida dos educandos. A partir da nova Constituição, o deputado Octávio Elísio encaminhou um Projeto de Lei para uma nova LDB à Câmara Federal em 1988. Apesar de várias manifestações de legisladores no sentido de criar uma nova LDB, somente em 1996, o Deputado Darcy Ribeiro consegue a aprovação de seu projeto que consolida as Leis de Diretrizes e Bases da Educação.

## **ENSINO APRENDIZAGEM E A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

O primeiro passo para se alcançar um ensino aprendido de qualidade dentro do ambiente escolar, principalmente nas séries iniciais onde o perfil dos alunos se apresenta como ávido pelo novo, de conhecer os movimentos da sociedade e passar a opinar de forma construtiva ou a construir pensamento crítico da realidade onde está inserido, é fortalecer a relação e o vínculo que envolve os agentes professores e os educandos, sem a presença do comportamento que possa ser preconceituoso ou de discriminação com os discentes que apresentam dificuldades de aprendizado.

Sobre esta situação de procurar mostrar a inclusão a opinião de BARBOSA (2008) é bastante esclarecedora, ele comenta que;

---

O dinamismo da inclusão social dentro do espaço pedagógico deve sempre existir neste processo de ensino. O professor como educador não deve oferecer o produto acabado, mas sim sempre colocar para os discentes a oportunidade de ver a outra face ou opinar de modo diferente do que está sendo exposto para ele sem utilizar o comportamento de discriminação contra aqueles que apresentam déficit intelectual (BARBOSA, 2008, p.37).

É este comportamento que leva os alunos a terem a postura que leva estes indivíduos sentirem como sujeitos construtores do conhecimento e que está sendo construído pela sociedade sem o comportamento discriminatório ou a práticas de outras violências relacionadas com as adversidades.

Outro papel importante dentro da escola relacionado com a inclusão é a do gestor pedagógico que deve levar para este espaço de convívio e de aprendizado a gestão participativa, inclusive com lideranças de alunos de maneira que possa como estudante levar opiniões em relação às práticas desenvolvidas e os modelos de aprendizado que podem não estar sendo satisfatório.

A escola atualmente através dos professores educadores e também da sua direção deve mostrar que tem as reais condições de promover um aprendizado de qualidade para todos sem qualquer discriminação e que supere o ensino teórico provocado pelas transformações tecnológicas.

Tem se observado que passou ser alvo de intensos debates as condições que envolvem a necessidade de mudanças no modelo de ensino público praticado no país direcionados as crianças e que venha atender as propostas colocada na Constituição e também na legislação específica de defesa dos direitos deste público que é o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Mas o que aparece com mais consistência em todo este processo de transformação do ensino é a necessidade de consolidar cada vez mais a conscientização dos nossos educadores, de que para se ter uma educação com qualidade é necessário a intervenção do poder público para promover a consolidação de um processo que leve o fortalecimento da administração escolar voltada para a gestão democrática participativa e inclusiva.

E para alcançar esta posição de se constituir instrumento do desenvolvimento protagonista é necessário que fortaleça as instituições escolares que fazem parte deste processo, principalmente os conselhos de classes e as associações dos pais dos alunos e também os profissionais da pedagogia que tem a responsabilidade de conduzir este processo de transformação.

Além destas instituições se torna de importância fundamental o papel decisivo dos demais gestores escolares como inspetores, supervisores e pedagogos que passam a ser mais atuantes e participativos no processo de tomada de decisões dentro das escolas públicas no nosso país.

Outra conclusão importante dentro do estudo investigativo é a relevância do papel dos diretores das escolas e a sua disposição em promover esta participação de todos os membros que estão envolvidos da instituição, principalmente a comunidade em que a instituição escolar estar envolvida.

Em contrapartida, a comunidade escolar também deve cobrar esta participação e não ficar de forma passiva, favorecendo o comportamento autoritário da direção, tomando medidas de cunho individualista.

Uma das possibilidades mais relevantes para se fundamentar o protagonismo infantil na educação básica é transformar a didática promovida pelas escolas e transformar o comportamento dos professores no sentido de promover as condições que levam a autonomia dos alunos, principalmente aqueles que apresentam dificuldades de aprendizado e comportamental.

PARA EDWARDS (1999) as práticas pedagógicas como o que emprega o método da escuta onde as crianças têm prioridade para desenvolver de forma livre e espontânea as suas atividades práticas e passam a questionar os professores é um importante instrumento para se chegar ao protagonismo infantil e para o enfrentamento dos comportamentos relacionados com a discriminação e os preconceitos dentro do ambiente das escolas.

Desta forma o protagonismo infantil mostra uma condição de proporcionar aos alunos das séries iniciais esta liberdade de criar e produzir trabalhos a partir da sua imaginação visual do ambiente em que está inserido.

O atual ensino de educação infantil que é realizado na atualidade nas escolas públicas no Brasil direcionada ao público de crianças exclui este processo de liberdade do pensamento que leva ao comportamento da criação de situações novas.



---

Muito pelo contrário os alunos ficam sem autonomia e liberdade para questionar sobre situações ou condições que aparecem no seu ambiente de convivência. Outra forma de proporcionar o protagonismo infantil a partir do modelo da didática da escuta é possibilitar as crianças destas séries iniciais as condições que possam interagir com outras pessoas inclusive com os próprios pais que tem papel fundamental na questão do desencomendo comportamental.

A discussão do termo protagonismo infantil passa também pela transformação da didática na educação infantil a partir da educação continuada dos professores para que possam criar as condições de levar adiante métodos mais eficaz em relação a formação escolar deste público das séries iniciais.

Pois, o professor neste processo do protagonismo infantil passa a ter um papel de fundamental importância nesta condição para levar as crianças a terem um comportamento autônomo para poder criar situações e realidades de ambientes onde estão inseridos.

E ainda o protagonismo infantil origina das situações em que a escola e os professores oferecem as crianças de forma iguais a oportunidade de compartilhar os momentos das atividades escolar com a sua família que tem uma fundamental importância no processo do ensino aprendizagem.

Uma questão importante nesta discussão do importante papel dos professores no desenvolvimento do comportamento do protagonismo infantil é procurar entender as falas ou linguagens dos alunos e também as suas principais potencialidades e fraquezas para que possam serem exploradas.

Outra questão fundamental relacionada com a participação dos professores neste contexto de ensino de qualidade comprovada e inclusive se concentra nas oportunidades de as crianças descobrirem novas realidades, estimular os diálogos procurando estreitar os relacionamentos e assim tomar parte no crescimento do comportamento destes alunos das séries iniciais do ensino fundamental.

E manter o reconhecimento dos direitos de cada criança, observado de forma particular as suas especificidades como deficiências e potencialidades de maneira que evidencie a espontaneidade destes indivíduos e certamente são comportamentos que levam as condições do protagonismo infantil com a participação fundamental dos professores educadores.

E nesta condição de melhor aproveitar as potencialidades dos alunos das séries iniciais e promover a sua inclusão social que a instituição familiar tem uma grande importância no sentido de compartilhar com a escola estes momentos de interação.

Os modelos didáticos que podem funcionar com inclusão que promovem o desenvolvimento do comportamento cognitivo das crianças na educação da sua formação básica se referem a metodologia dos conteúdos escolares que empregam as formas lúdicas e que tem importância fundamental na questão do desenvolvimento das potencialidades que levam as condições do surgimento do protagonismo infantil.

Pois a ludicidade e as atividades práticas desenvolvidas por equipes de alunos colaboram para que possam desenvolver comportamentos de interação social e principalmente espaços para discussão sobre determinados temas.

As crianças numa situação de exclusão social devido as dificuldades de relacionamentos comportamentais e de comunicação conforme mostra KINNEY (2009) se sentem parte integrante de todo o projeto escolar e também passam a sensação de serem valorizadas pelos membros de educadores e também pelas suas famílias.

Quando as escolas não praticam estas ações que promovem o protagonismo infantil neste público pode comprometer todos os resultados que são esperados das práticas didáticas dos profissionais professores.

Este método da escuta proporciona a liberdade da fala e das expressões dos alunos, pois discentes desta idade quando estão na sua formação escolar de base necessitam de autonomia para que possa desenvolver o seu comportamento cognitivo e assim serem considerados como protagonistas.

A liberdade de pensar e de expressar através destas figuras e das imagens são de importância fundamental para que os alunos possam mostrar as suas potencialidades e, por outro lado, as suas dificuldades de opinar diante do grupo que está sendo realizada a atividade.

Para FREIRE (2007) se a preparação dos professores não for adequada todo o processo do método da escuta pode apresentar resultados completamente desfavorável em relação ao aprendizado e ao desenvolvimento do comportamento crítico dos alunos.

Os espaços escolares onde são realizadas as práticas escolares também se torna de importância fundamental para que possa ser desenvolvido o protagonismo infantil nos alunos.

---

Esta falta de espaços pode limitar a capacidade dos alunos em desenvolver um pensamento criativo das novas situações que aparecem nos espaços que possibilitam mais liberdade.

Também foi discutido pelo grupo que os profissionais professores educadores devem ser criativos nas suas didáticas como mostrou nas experiências das escolas brasileira.

Quando os alunos se defrontam com novos espaços e atividades que aguçam as suas curiosidades o rendimento do aprendizado se torna altamente positivo.

É importante afirmar que todos alunos desta idade escolar apresentam as suas potencialidades e fraquezas que estão ocultas e vai depender da capacidade dos docentes em relação a criatividade para que possa descobrir estes comportamentos dos seus discentes.

Para SENGE (2005) este processo da metodologia pedagógica do método de escuta vem sendo amplamente recomendado como instrumento didático que permite os profissionais educadores a descobrir novas possibilidade de inclusão social e principalmente erradicar os altos índices de evasão escolar devido ao sentimento de exclusão que a grande maioria dos alunos passam dentro das salas de aula.

A educação infantil deve ser observada como uma oportunidade de explorar os talentos dos alunos e não reduzir a sua capacidade de participação quando estão diante de colegas e professores nas salas de aula.

Segundo defende BARBOSA (2008) o processo de escuta também oferece a oportunidade de os alunos manifestar sobre os problemas de relações pessoais dentro do ambiente familiar que pode estar comprometendo o seu rendimento escolar e a partir desta situação a escola passa a ter a responsabilidade de transformar a situação da criança e criar um comportamento em que ela possa desenvolver as suas competências e habilidades.

As escolas e os profissionais educadores, principalmente numa visão de gestão democrática devem ter a responsabilidade social de propor métodos pedagógicos que são mais direcionados ao desenvolvimento do comportamento cognitivo e também para que os alunos da educação infantil se sintam como protagonistas neste processo de formação básica.

É desta forma que se constrói uma formação básica de qualidade sem a preocupação da alienação dos alunos, neste método democrático da escuta as crianças tem as possibilidades de serem críticas e capazes de se posicionar dentro do contexto social em que estão inseridos no futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para promover uma educação inclusiva e o protagonismo infantil que é mostrado como uma condição relevante no comportamento da formação educacional das crianças que frequentam o ensino de base das séries iniciais deve ter a frente profissionais capacitados para a condução da organização das didáticas direcionada para este público infantil.

Os educadores precisam estar sempre se reciclando para obter novos conhecimentos para serem levados para dentro das salas de aula e que consiga transformar de forma positiva esta realidade, conscientes de que a criança é dotada de capacidade de criar e produzir situações novas desde que as suas potencialidades sejam exploradas de forma adequada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, M. C. S. HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança: abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo: relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007
- KINNEY, L.; WHARTON, P. **Tornando visível a aprendizagem das crianças**. Porto Alegre: Artmed, 2009.



### Alecina do Nascimento Santos

Graduada em Pedagogia, em 2010 pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE. Graduada em Artes Visuais em 2014, pela Universidade de Santos. Pós-Graduada em 2018 em Educação Infantil pela Faculdade Campos Elíseos, FCE. Pós-Graduada em Formação Docente em 2020, pela Faculdade Campos Elíseos, FCE. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo.





## A IMPORTÂNCIA DA LUDICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANDREIA FERREIRA DE MELO FARIA

**RESUMO:** Na atualidade, trabalhar com a ludicidade na Educação Infantil tem sido considerada uma ferramenta facilitadora para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, pois, as mesmas desenvolvem os aspectos cognitivo e motor, ao mesmo tempo, em que aprendem brincando. A infância é uma das fases mais prazerosas que existe, pois, o brincar combina imaginação e realidade. A ludicidade presente em jogos e brincadeiras faz com que as crianças se desenvolvam melhor, contribuindo para diferentes processos como a socialização, o compartilhamento, o emocional, o afetivo, o mental, o cuidado, dentre outras questões. Para o docente, permite um fazer pedagógico mais completo e pleno. Ainda, é preciso lembrar que a Educação Infantil é uma das etapas de ensino que melhor se identificam com esse tipo de metodologia. Assim, o objetivo do presente artigo é o de analisar e discutir sobre as implicações do uso da ludicidade para o desenvolvimento das crianças que frequentam a Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Brincadeiras. Desenvolvimento. Infância. Jogos. Lúdico.

### INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a etapa escolar que contempla o desenvolvimento das crianças em diferentes aspectos. O desenvolvimento dos aspectos cognitivo e motor são alguns deles, trazendo a possibilidade de se trabalhar com eles a partir de uma ferramenta em especial que é a ludicidade.

A ludicidade é considerada um elemento facilitador para a aprendizagem, pois, se fundamenta no desenvolvimento global da criança, já que elas estão desenvolvendo os pensamentos e o corpo.

Brincar é um dos momentos mais prazerosos da infância, então porque não transformar esse momento especial em aprendizagem. Quando as crianças participam dos jogos e brincadeiras, elas se desenvolvem melhor, estimulam a imaginação, a memória, a afetividade, entre outros aspectos.

O docente da Educação Infantil que prioriza a ludicidade permite a construção de um trabalho pedagógico pleno, baseado inclusive em documentos norteadores como é o caso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A infância é a fase que possibilita a construção desse tipo de conhecimento, favorecendo o protagonismo e o amadurecimento infantil.

Ao se planejar atividades lúdicas deve-se pensar que elas precisam ser divertidas e prazerosas. O que mais caracteriza a ludicidade é a possibilidade de desenvolver a criança por si mesma. Diferentes pesquisadores explicitam que o lúdico está presente desde o nascimento, com as brincadeiras da família, abrangendo características psicológicas, psicomotoras e sociais.

Para que a ludicidade atinja seus objetivos é preciso que o docente e consequentemente a escola esteja preparada para discutir a importância da utilização dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil, pensando e repensando em suas práticas, para que as crianças se desenvolvam globalmente.

Assim, o presente artigo teve como objetivo analisar e discutir as implicações do uso da ludicidade na Educação Infantil, por levantamento bibliográfico a respeito do tema.

### DOCUMENTOS NORTEADORES

O brincar está presente na vida das crianças desde o momento em que nascem. Quando bebês, eles ainda não possuem capacidade motora, mas já conseguem prestar atenção e seguir os diferentes movimentos com os olhos, como, por exemplo, quando observa o móvel pendurado sobre o berço. Outra manifestação lúdica são as primeiras risadas para os familiares, demonstrando que de alguma

---

forma elas conseguem se manifestar e desenvolver aspectos cognitivos, psicológicos, psicomotores e sociais que serão trabalhados na escola posteriormente.

Levando-se em consideração esses aspectos, o trabalho com o lúdico se torna de suma importância para o desenvolvimento das crianças. A participação em jogos e brincadeiras vai possibilitar o encontro com o eu e com o outro, estabelecendo assim, relações de troca e autoconhecimento entre os pares (ALMEIDA, 2008).

O docente ao propor uma atividade lúdica deve pensar em atividades que mais do que brincadeiras, possam desenvolver a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Para a construção do conhecimento nessa fase, as mesmas utilizam as mais diferentes linguagens, exercendo a capacidade de desenvolver ideias e descobrir respostas para as suas próprias inquietações.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), traz que: “Nesta modalidade de educação as crianças devem ser estimuladas através de atividades lúdicas e jogos, a exercitar as capacidades motoras, a fazer descobertas e a iniciar o processo de alfabetização” (BRASIL, 1998, p.32).

A Educação Infantil, portanto, é o momento certo para desenvolver diferentes capacidades cognitivas nas crianças além de contribuir com o seu desenvolvimento global.

Vygotsky (2011), discute que os jogos e brincadeiras influenciam diretamente no desenvolvimento, havendo a necessidade do acompanhamento e intervenção docente sempre que for necessário a fim de delimitar regras e limites para cada jogo ou brincadeira. Segundo o autor, trabalhar a ludicidade na Educação Infantil garante muitos avanços para as crianças.

É no brincar também que a criança reproduz o seu cotidiano. Por isso, cabe ao docente aproveitar e explorar esse momento de todas as formas a fim de que os jogos e brincadeiras possibilitem uma aprendizagem efetiva, auxiliando na construção da sua identidade, além de desenvolver a criatividade (ALMEIDA, 2008).

As crianças encontram-se predispostas a adentrar no mundo das relações sociais quando começam a frequentar a escola, desenvolvendo a criticidade, a iniciativa e o auxílio ao próximo. Muitas vezes, a criança que brinca sozinha desenvolve a imaginação, mas, quando começa a interagir e brincar com outras crianças, passa a se desenvolver em diferentes aspectos de acordo com as experiências vivenciadas junto aos demais.

A criança ao brincar passa a dominar seus próprios medos, externalizando-os através dos brinquedos. Isto ocorre porque desde cedo possui capacidade de simbolizar e representar: “[...] O brinquedo permite à criança vencer o medo aos objetos, assim como vencer o medo aos perigos internos; faz possível uma prova do mundo real, sendo por isso uma ‘ponte entre a fantasia e a realidade’ (KLEIN apud ABERASTURY, 1982, p. 48).

Neste caso, a ludicidade deve proporcionar prazer e significado ao mesmo tempo, pois, é através dos jogos e brincadeiras que ela se desenvolverá de forma plena: “Quando brinca, a criança prepara-se a vida, pois é através de sua atividade lúdica que ela vai tendo contato com o mundo físico e social, bem como vai compreendendo como são e como funcionam as coisas” (ZANLUCHI, 2005, p. 89).

O docente é responsável por proporcionar junto a ludicidade situações-problema de modo que as crianças possam aprender a lidar e a resolver situações treinando já para situações reais no futuro.

## **APLICAÇÃO DA LUDICIDADE NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

No Brasil, a ludicidade começou a fazer parte efetivamente da Educação Infantil a partir da introdução da Escola Nova. Até então, jogos e brincadeiras não eram vistos como atividades que poderiam desenvolver diferentes aspectos cognitivos e motores nas crianças, não recebendo desta forma a devida importância.

Com a Escola Nova, esse tipo de metodologia começou a ter certa valorização. Diversos autores discutem o desenvolvimento psicomotor em dois momentos distintos: na Educação Infantil; e no Ensino Fundamental I.

A Educação Infantil merece destaque uma vez que nesta fase as crianças estão descobrindo e explorando o mundo que as cerca. Compreende-se que o desenvolvimento infantil ocorre desde o nascimento e vai até os seis anos.

Nessa fase importante da vida da criança, ela passa a se socializar através da família, por diferentes meios, mas, é na escola efetivamente que as relações sociais começam a ser modificadas, a partir do convívio e das novas descobertas e experiências vivenciadas (ALMEIDA, 2008).



---

Como dito anteriormente, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), é o principal documento que direciona e norteia o trabalho nesta etapa escolar indicando quais competências e habilidades devem ser desenvolvidas, além de orientar o que deve ser aplicado já que não existe um currículo delimitado: “Nesta modalidade de educação as crianças devem ser estimuladas através de atividades lúdicas e jogos, a exercitar as capacidades motoras, a fazer descobertas e a iniciar o processo de alfabetização” (BRASIL, 1998, p.32).

O RCNEI traz ainda a discussão de como o docente pode escolher as atividades corporais de modo a observar as expressões da motricidade infantil, compreendendo seu caráter lúdico e expressivo. O docente deve aprofundar situações que contemplem o desenvolvimento de aspectos mais específicos do ponto de vista do desenvolvimento corporal e motor (BRASIL, 1998).

Luckesi discute o trabalho com a ludicidade nas escolas:

Em 1998, escrevi um texto intitulado “Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade”, no qual explicitava a seguinte compreensão da ludicidade: “Tomando por base os escritos, as falas e os debates, que tem se desenvolvido em torno do que é lúdico, tenho tido a tendência em definir a atividade lúdica como aquela que propicia a ‘plenitude da experiência’”. Comumente se pensa que uma atividade lúdica é uma atividade divertida. Poderá sê-la ou não. O que mais caracteriza a ludicidade é a experiência de plenitude que ela possibilita a quem a vivencia em seus atos. (LUCKESI, 1998, p.9-25)

Nem sempre a ludicidade será algo prazeroso e divertido. O caráter lúdico pode estar presente, mas, o importante é que a criança ao participar desse tipo de atividade aprenda a conviver, adquirindo experiência para lidar com situações difíceis, praticar atividades físicas, desenvolver a autonomia e a empatia, além de aprender a dividir e respeitar outras crianças.

Assim, as brincadeiras e jogos são atividades lúdicas em sua maioria agradáveis que podem contribuir para o desenvolvimento de diferentes aspectos cognitivos. Os docentes da Educação Infantil devem garantir espaço para as brincadeiras em todas as fases de desenvolvimento, possibilitando perspectivas criadoras, imaginárias e reais, priorizando o desenvolvimento pleno das crianças que estão sob sua responsabilidade. No lúdico, a criança vai construindo conceitos e superando dificuldades no processo de aprendizagem, desenvolvendo o prazer em aprender. (ASSIS, 2018)

Trabalhar a ludicidade é fundamental para o desenvolvimento pleno da criança. Assim:

Brincar, jogar, agir ludicamente, exige uma entrega total do ser humano, corpo e mente, ao mesmo tempo. A atividade lúdica não admite divisão; e, as próprias atividades lúdicas, por si mesmas, nos conduzem para esse estado de consciência. Se estivermos num salão de dança e estivermos verdadeiramente dançando, não haverá lugar para outra coisa a não ser para o prazer e a alegria do movimento ritmado, harmônico e gracioso do corpo. Contudo, se estivermos num salão de dança, fazendo de conta que estamos dançando, mas de fato, estamos observando, com o olhar crítico e julgativo, como os outros dançam, com certeza, não estaremos vivenciando ludicamente esse momento. (LUCKESI, 2000, p.21)

A Educação Infantil deve contemplar todos os aspectos de desenvolvimento humano a fim de que as crianças possam avançar para outras etapas com autonomia e segurança.

## A PSICOMOTRICIDADE E A LUDICIDADE

A psicomotricidade compreende o movimento e o desenvolvimento corporal, que pode ocorrer também a partir de atividades lúdicas. O conhecimento vai sendo construído através das brincadeiras e da integração que ocorre entre as crianças:

A motricidade contém, portanto, uma dimensão psíquica, e é um deslocamento no espaço de uma totalidade motora, afetiva e cognitiva, que se apresenta em termos evolutivos segundo Wallon sob três formas essenciais: deslocamentos passivos ou exógenos, deslocamentos ativos ou autógenos e deslocamentos práticos. (FONSECA, 2008, p. 15)

Fonseca (1998), definiu a psicomotricidade como sendo uma habilidade que envolve o aspecto afetivo, a fim de desenvolver os movimentos em geral, como a disponibilidade tônica, a segurança gravitacional e o controle postural, trazendo noção do próprio corpo, da lateralização e direção tornando

---

possível a aprendizagem. É a partir dela que o corpo é abordado como uma unidade. Assim, a psicomotricidade trabalha diversos aspectos cognitivos, psicossomáticos e psicológicos.

Vygotsky (2011), entende que os jogos e brincadeiras influenciam diretamente no desenvolvimento infantil, onde existe a necessidade de intervenção por parte do professor para mediar as regras e limites de cada jogo ou brincadeira. Para ele, usar brincadeiras na Educação Infantil permite grandes avanços, desenvolvendo a criança como um todo. Ainda, considera que os jogos estão intimamente ligados à imaginação, promovendo assim, aspectos cognitivos, denominado por ele de Zona Proximal de Desenvolvimento (ZPD).

Ou seja:

A expressão motora ilustra, conseqüentemente, uma alternância funcional: ou é virada para o conhecimento interior (noção do eu-espaco subjetivoafetivo), ou é virada para o conhecimento exterior (noção do não-eu-espaco objetivo-cognitivo), isto é, o desenvolvimento psicomotor da criança espelha igualmente uma sucessão de predominâncias funcionais entre os três componentes: o afetivo, o cognitivo e o motor. Cada um deles predomina em um dos estágios do desenvolvimento [...]. Os três nutrem-se mutuamente, a atividade de um interfere com a maturação dos outros. É nesse contexto que o pensamento walloniano reforça o conceito de integração funcional entre os três universos: motor, afetivo e cognitivo (FONSECA, 2008, p. 45).

Assim, quanto mais a criança desenvolve aspectos relacionados a sua realidade, mais maturação lógica ela terá, cabendo a família e ao professor proporcionar-lhe uma infância rica de estímulos, tanto a fantasia quanto a imaginação.

O volume III do RCNEI traz o eixo movimento, diretrizes que sugerem novos paradigmas. Essa concepção está relacionada à ampliação da cultura corporal, do significado do corpo, buscando a importância da tonicidade, da motricidade e da expressividade das crianças:

[...] O movimento humano, portanto, é mais do que simples deslocamento do corpo no espaco: constitui-se em uma linguagem que permite às crianças agirem sobre o meio físico e atuarem sobre o ambiente humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo (BRASIL, 1998, p. 15).

O Referencial discute ainda que as crianças assumem um papel importante, pois, mais que movimentar partes do corpo, elas conseguem se comunicar e se expressar através de gestos e mímicas faciais através do mesmo. Ainda, traz a importância do desenvolvimento da motricidade desde a infância:

... o movimento para a criança pequena significa muito mais do que mexer partes do corpo ou deslocar-se no espaco. A criança se expressa e se comunica por meio dos gestos e das mímicas faciais e interage utilizando fortemente o apoio do corpo. A dimensão corporal integra-se ao conjunto da atividade da criança. Pode-se dizer que no início do desenvolvimento predomina a dimensão subjetiva da motricidade, que encontra sua eficácia e sentido principalmente na interação com o meio social, junto às pessoas com quem a criança interage diretamente. A externalização de sentimentos, emoções e estados íntimos poderão encontrar na expressividade do corpo um recurso privilegiado. (BRASIL, 1998, p.18)

Oliveira (2011) discute que o significado dos movimentos infantis envolvem inicialmente uma agitação orgânica e uma hipertonicidade global, o que aparentemente parece bagunça. Mas, gradualmente, ela vai se apropriando dos movimentos e passa a se expressar através de gestos ligados à afetividade, relacionados também às emoções vivenciadas:

O corpo é uma forma de expressão da individualidade. A criança percebe e percebe as coisas que a cercam em função de seu próprio corpo. Isto significa que, conhecendo-o, terá maior habilidade para se diferenciar, para sentir diferenças. Ela passa a distingui-lo em relação aos objetos circundantes, observando-os, manejando-os (OLIVEIRA, 2011, s/p.)

Ainda:

A motricidade deixa aqui de ser explicada por uma simples conduta motora concreta, para ser imaginada e concebida por meio de processos

---

mentais e representacionais que têm suporte na imagem corporal pessoa. A motricidade passa, então, a estar ao serviço da representação mental permeada pro relações sociais, conquistas e conflitos, contradições e crises de afirmações que aparecem, reaparecem infindavelmente, apenas se modificam por várias nuances emocionais [...] (FONSECA, 2008, p. 33)

A dinâmica e o planejamento dessas aulas é essencial. O docente, depois da família, é o adulto que apresenta maior contato com a criança, pois passa boa parte do dia junto a ela e é através de suas ações e responsabilidade que a criança poderá se desenvolver de forma plena, a partir do seu planejamento:

É a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. Portanto, psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização. (BRASIL, 2014, p. 1)

A criança se desenvolve ao brincar, mas adquire conhecimentos para a sua realidade. Ou seja, a Ludicidade deve estar presente em todas as fases da vida, para que não se perca o encantamento do mundo que a cerca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo o que foi exposto até aqui e referente ao que foi encontrado na literatura sobre a Ludicidade na Educação Infantil, é possível compreender que os jogos e brincadeiras devem ser utilizados no ambiente escolar, para desenvolver diferentes aspectos na criança como: o cognitivo, a coordenação motora, a socialização, o respeito às regras, o convívio social, a integração enquanto ser pensante, desenvolvendo-se integralmente de forma individual e coletiva.

O documento Referencial Curricular da Educação Infantil traz uma proposta voltada para o uso da ludicidade em sala de aula a partir dos jogos e brincadeiras num viés educativo, onde as crianças podem desenvolver-se e compreender o mundo que as cerca por diferentes estímulos, se sentindo pertencentes na sociedade em que vivem.

Portanto, na importância da utilização das brincadeiras e jogos na sala de aula, que com um caráter educativo, onde além de habilidades, o educando possa desenvolver e compreender através de estímulos, as diferentes disciplinas do currículo.

Entre outros aspectos, deve-se considerar também que o desenvolvimento infantil é cercado de diferentes situações, mas que em todas elas, deve haver respeito às diferenças, a afetividade, as emoções e os estímulos sensório-motores.

Ainda, muitos docentes ainda entendem que determinadas expressões corporais realizadas na infância compreendem em bagunça, repreendendo-se muitas vezes as crianças e limitando-as nas suas mais variadas formas de expressão.

No contexto atual, os movimentos corporais, em tese, necessitam de mudanças nas interpretações realizadas sobre o movimento corporal incluindo as concepções de desenvolvimento, norteando a construção de propostas e orientações curriculares para a Educação Infantil.

Sendo assim, a Educação Infantil é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da autonomia corporal e de ter contato com diferentes vivências e movimentos corporais provenientes da cultura a seu redor.

O docente ao sistematizar e intervir nas ações poderá proporcionar à criança conhecimento e domínio da movimentação corporal, da expressão e da comunicação, a partir da ludicidade.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. **Psicanálise da Criança: Teoria e Técnica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- ALMEIDA, G.P. de. **Teoria e Prática em Psicomotricidade: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- ASSIS, O.Z.M.A. **Anais do I Seminário Internacional Educação para o século XXI**. FE/Unicamp, 2018. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/eventos/educacaolpg2017/arquivos/anais.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- BRASIL. Associação Brasileira de Psicomotricidade. **Código de Ética do Psicomotricista**. Disponível em: [www.psicomotricidade.com.br%2Fetica.htm](http://www.psicomotricidade.com.br%2Fetica.htm). Acesso em: 15 abr. 2022.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a educação infantil**. Volume 3, Brasília: MEC/SEC, 1998.
- FONSECA, V. da. **Psicomotricidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FONSECA, V. da. **Cognição, neuropsicologia e aprendizagem: abordagem neuropsicológica e psicopedagógica**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- LUCKESI, C.C. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade, in: Interfaces da Educação, **Cadernos de Pesquisa – Núcleo de Filosofia e História da Educação**, Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, vol. 2, no. 1, 1998, p. 9-25.
- LUCKESI, C.C. Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese, in: **Educação e Ludicidade, Coletânea Ludopedagogia Ensaios 01**, organizada por Cipriano Carlos Luckesi, publicada pelo GEPEL, Programa de Pós-Graduação em Educação, FAGED/UFBA, 2000, p. 21.
- OLIVEIRA, G.C. **Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico**. 16. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- VYGOTSKY, L.S. **O desenvolvimento dos conceitos científicos na infância**. Cap. 6. Pensamento e linguagem. 2011, p. 93-95. Versão para eBook eBooksBrasil.com. Disponível em: [www.jahr.org](http://www.jahr.org). Acesso em: 18 abr. 2022.
- ZANLUCHI, F.B. **O brincar e o criar: as relações entre atividade lúdica, desenvolvimento da criatividade e Educação**. Londrina: O autor, 2005.

---

### Andreia Ferreira de Melo Faria



Licenciada em Matemática pela Universidade Camilo Castelo Branco, UNICASTELO, SP. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP. Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos, SP. Pós-Graduada em História, Arte e Educação nos Museus Paulistas pela Faculdade Casa Branca, FACAB, SP. Professora PEB II - Matemática na Rede Estadual de São Paulo, SEE. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---



## AFETIVIDADE NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

FABIANA LEMES DA SILVA

**RESUMO:** Este artigo tem o objetivo de analisar a influência da afetividade no processo de aprendizagem, pois a afetividade é parte inerente ao sujeito desde o seu nascimento, seja nas relações estabelecidas entre seus pares ou com o objeto. A escolha do tema foi baseada na observação de que alguns educandos em sala de aula demonstram certo receio, insegurança e desconforto no relacionamento com seus professores. Fato que não deve ser analisado com neutralidade e naturalidade, já que todos os estágios do processo de aprendizagem asseguram a formação plena do sujeito incluindo suas identidades e personalidades, por meio das relações afetivas desencadeadas nessas interações. Concluímos que no ambiente escolar a afetividade passa despercebida, devido à priorização dos conteúdos sistematizados, da ordem e da rigidez objetivando o cumprimento dos prazos e metas educacionais. Desse modo as emoções, sentimentos e desejos dos estudantes não ocupam uma posição importante na rotina escolar, a ausência disso pode resultar em casos de indisciplina, evasão escolar e desmotivação para os estudos, pois durante todo o processo de aprendizagem os estudantes sofrem influências emocionais sobre seu aprendizado cognitivo, fato relevante que pode proporcionar ensinamentos essenciais que farão parte de sua vida enquanto sujeitos conscientes e participativos, contribuindo para o crescimento integral dos estudantes para futuramente exercer sua cidadania ser ativo em sociedade tendo consciência da importância de sua ação individual e participação nas decisões coletivas. Nesse sentido, esse artigo tem como metodologia científica a pesquisa bibliográfica baseada em estudos sobre as influências da Afetividade no Processo de Aprendizagem com o objetivo principal de proporcionar reflexões sobre as práticas pedagógicas que envolvam a afetividade durante todo o processo de aprendizagem. Considerando sua importância e os benefícios para relações positivas ao longo do processo de aprendizagem que colaborem para que a sociedade possa ser composta por cidadãos éticos, empáticos e com seu desenvolvimento pleno consolidado.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Emoções. Ensinamentos. Influências. Sentimentos.

### INTRODUÇÃO

A afetividade é essencial para o pleno desenvolvimento dos sujeitos, por isso, a importância da análise das relações definidas nesse contexto entre alunos, professores e comunidade educacional requer muita atenção e planejamento de todas as ações coletivas nesses espaços de construção e reconstrução mútua dos conhecimentos.

Desde o nascimento o contato e a expressão de bebês e crianças dependem muito de um olhar atento e de uma escuta ativa e sensível para que eles se sintam acolhidos e seguros. A escola é um ambiente propício à socialização para que os estudantes participem de grupos por intermédio de projetos, atividades e brincadeiras que possibilitem o direito de expor seus pensamentos, suas emoções e particularidades na interação com outros sujeitos envolvidos no decorrer do processo de aprendizagem.

Também abordaremos a necessidade de que todas as práticas pedagógicas a serem desenvolvidas devem ser planejadas e organizadas por toda equipe escolar para superar dificuldades que comprometam a efetivação das relações afetivas. "A realidade apresenta-se como um campo em que o homem exercita a sua atividade prático-sensível, sobre cujo fundamento surgirá a imediata intuição prática da realidade [...]." (KOSIK, 1985, p.10). De acordo com o RCNEI (1998, vol.1, p. 34):

O processo que permite a construção de aprendizagens significativas pelas crianças requer uma intensa atividade interna por parte delas. Nessa atividade, as crianças podem estabelecer relações entre novos conteúdos e os conhecimentos prévios (conhecimentos que já possuem), usando para isso os recursos de que dispõem. Esse processo

---

possibilitará a elas modificarem seus conhecimentos prévios, matizá-los, ampliá-los ou diferenciá-los em função de novas informações, capacitando-as a realizar novas aprendizagens, tornando-as significativas.

## A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE

O convívio em sociedade é complexo devido aos inúmeros tipos de personalidade e consequentemente de entendimento dos indivíduos que fazem parte desse cenário, desse modo não podemos desconsiderar que há muitas relações socioafetivas acontecendo em todas as situações nas quais ocorrem interações humanas, pois sentimentos estão presentes em todas as convivências.

O afeto se faz presente no processo de desenvolvimento em todas as fases do ciclo da vida, seja no trabalho, nas amizades, na família e não é diferente no ambiente educacional onde a afetividade tem um papel relevante no processo de ensino-aprendizagem da criança. A LDB 96.94/96, artigo 1º destaca que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

La Taille (2003), menciona que no período da infância os adultos têm a oportunidade de apreciar como telespectadores os desafios que a criança enfrenta para superar seus limites, desde engatinhar, falar, andar, entre tantas outras conquistas. La Taille (2003, p. 13) ressalta: [...] “Essa é a mola afetiva do desenvolvimento: ampliar os horizontes, ter êxito no que era antes impossível, compreender coisas antes inexistentes ou misteriosas, impor a própria individualidade; numa palavra, transpor limites”.

Para o teórico Jean Piaget (2007), o desenvolvimento intelectual é baseado em dois componentes: o cognitivo e o afetivo. Ressaltando que concomitante ao desenvolvimento cognitivo está o desenvolvimento afetivo. La Taille, Oliveira e Dantas (1992, p. 110) discorrem que:

[...] O desenvolvimento cognitivo ocorre, então, pelo constante contato do sistema cognitivo com informações vindas do meio, e pelo não menos constante processo de reestruturação que visa, justamente, fazer com que o sistema atinja o equilíbrio e nele permaneça. Estas constantes reestruturações ou reequilibrações passam por grandes etapas (os famosos estágios do desenvolvimento); mas se compreende que passar por todas elas é o destino pré-programado de cada sujeito: depende da solicitação do meio, à qual o sistema cognitivo “reagirá”, construindo novas e superiores estruturas mentais.

Para Vygotski (1993, p. 25 apud ARANTES 2003 (Org.) p. 18):

Quem separa desde o começo o pensamento do afeto fecha para sempre a possibilidade de explicar as causas do pensamento, porque uma análise determinista pressupõe descobrir seus motivos, as necessidades e interesses, os impulsos e tendências que regem o movimento do pensamento em um ou outro sentido. De igual modo, quem separa o pensamento do afeto, nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo, volitivo da vida psíquica, porque uma análise determinista desta última inclui tanto atribuir ao pensamento um poder mágico capaz de fazer depender o comportamento humano única e exclusivamente de um sistema interno do indivíduo, como transformar o pensamento em um apêndice inútil do comportamento em uma sombra desnecessária e impotente.

E segundo Wallon (1941), afetividade ou conjunto funcional afetivo é entendido como a capacidade de ser transformado pelo mundo interno e externo, por sensações agradáveis ou desagradáveis. É considerado um conceito que engloba as emoções, os sentimentos e a paixão. Na emoção há predomínio da ativação fisiológica de base orgânica; o sentimento é vinculado à representação, à leitura e análise cognitiva das sensações e a paixão é o autocontrole cognitivo, fornecendo os meios de adiar a satisfação usando o raciocínio para decidir a maneira de agir.

Para esse teórico, a afetividade ocupa lugar central em sua teoria, pois ele afirma que a afetividade é o meio de sobrevivência por ser motivador por conduzir as manifestações da criança e recém-nascidos para mobilização dos adultos para atendimentos de suas necessidades.

---

Deste modo, na criança, opõem-se e implicam-se mutuamente fatores de origem biológica e social (...). O objetivo assim perseguido não é mais do que a realização daquilo que o genótipo, ou gérmen do indivíduo, tinha em potência. O plano segundo o qual cada ser se desenvolve depende, portanto, de disposições que ele tem desde o momento de sua primeira formação. A realização desse plano é necessariamente sucessiva, mas pode não ser total e, enfim, as circunstâncias modificam-na mais ou menos. Assim, distinguiu-se do genótipo, o fenótipo, que consiste nos aspectos em que o indivíduo se manifestou ao longo da vida. A história de um ser é dominada pelo seu genótipo e constituída pelo seu fenótipo. (Wallon, 1995, pp. 49-50)

Santos (2012, p. 137), indica que o afeto é um estímulo a mais para que o aluno aprenda, bem como fortaleça seu emocional:

A afetividade é considerada a energia que move as relações humanas, pois sem ela, não há interesse, nem motivação; portanto a qualidade da afetividade na relação professor-aluno constitui-se em fator determinante no processo de ensino-aprendizagem.

Não poderia ser diferente no interior da Educação Infantil, local onde estão reunidos bebês e crianças que já possuem construções culturais e linguagens próprias, resultado de suas experiências prévias que serviram de suporte para construção de novos conhecimentos.

As potencialidades de bebês e crianças se apresentam cotidianamente em suas formas de expressão (as culturas infantis) não sendo somente reprodutores da cultura construída pelos adultos, mas também autores de formas particulares de expressão que demonstram de forma autoral e criativa a maneira como entendem o mundo e as relações sociais que o cercam.

Desse modo, as interações no ambiente escolar podem influenciar profundamente o desenvolvimento intelectual do bebê e da criança, podendo estimular ou estagnar seu desenvolvimento, além de indicar quais saberes a atividade intelectual se centralizará.

No campo da afetividade encontra-se uma multiplicidade de termos – emoções, paixões, afetos, sentimentos – aos quais são atribuídos diferentes significados em distintos autores, momentos históricos e abordagens teóricas [...] (ARANTES, 2003 (Org.), p. 15, 16)

Bebês e crianças devem ser protagonistas de suas descobertas, pois direcionam toda a prática pedagógica segundo suas necessidades, curiosidades e anseios para que as aprendizagens sejam significativas e coerentes com o estágio de desenvolvimento no qual se encontram. Também devem ser respeitados como sujeitos de direitos com potencialidades, características individuais e coletivas que devem ser valorizadas e observadas em todo planejamento e organização das intenções pedagógicas a serem desempenhadas no cotidiano do universo infantil.

Nesse contexto, para garantir a qualidade no trabalho executado com bebês e crianças durante a formação docente o tema Afetividade deve ter maior atenção devido aos resultados positivos no desenvolvimento global dos indivíduos, porém ainda é um assunto pouco discutido e abordado nas disciplinas vinculadas à Educação Infantil; que preza pela indissociabilidade entre a relação cuidar e educar, pois o cuidar envolve afeto por parte do educador. Segundo Gayotto et al (1992, p. 78): “A criança precisa encontrar no outro a pessoa que satisfaz suas necessidades para que possa desenvolver sua vida psíquica, e isso se faz com vínculos positivos, com amor”.

Assim, o cuidar e educar se estende para além da Educação Infantil e Fundamental, essa prática acompanha o docente em todos os níveis educacionais.

O atual sistema educativo, principalmente no que se refere ao ensino obrigatório – a bagagem cultural que se acredita que toda pessoa deva ter – está voltado à transmissão de uma série de conhecimentos – as matérias curriculares – de que cada cidadã e cidadão supostamente necessita para se desenvolver adequadamente na vida pública e para preparar-se para o mundo profissional no qual deverá ingressar no futuro. Conhecimentos estes que acreditamos ser fundamentais para a formação intelectual e cultural dos alunos e das alunas para lhes proporcionar os instrumentos cognitivos que permitem o acesso ao pensamento científico e à cultura. (ARANTES, 2003 (Org.), p. 133)



---

Atualmente um dos desafios é a situação da escola pública com salas muito cheias, fazendo com que muitas vezes o professor se concentre mais em seguir à risca seu planejamento diário, deixando de lado um olhar afetivo, uma conversa ou uma brincadeira descontraída com seus alunos. Arantes (2003, (Org.), p. 132) afirma:

O terreno das emoções, ao contrário, é um território que não deve ser pisado pela educação formal, já que pertence ao domínio do particular, do íntimo, do pessoal e do cotidiano, e encontra-se no pólo oposto do público, do científico e do racional.

Pois, compete à escola e ao educador programar um ambiente acolhedor e favorável; conhecer a comunidade da qual a instituição faz parte e a realidade dos seus alunos; respeitando sua individualidade, cultura e diversidade; tendo a consciência de que todos trazem um conhecimento de mundo o qual precisa ser valorizado e respeitado, pois cada ser humano apresenta sua particularidade de enxergar o mundo que o rodeia, variando de acordo com a sua conjuntura de vida.

As instituições de ensino superior, na maioria das vezes, se atrelam exclusivamente à transmissão de conteúdo, deixando de lado as emoções dos sujeitos envolvidos nesse processo. “[...]Sabemos que uma ciência feita por indivíduos que ignoram suas emoções é como uma ciência feita por indivíduos que ignoram aquilo que pensam [...]”. (ARANTES, 2003 (Org.), p. 133)

Ainda, de acordo com Arantes (2003) muitos teóricos da educação lutam para mudar essa consciência educacional em que há ênfase e prioridade sobre lado cognitivo e com conteúdos muitas vezes distantes da realidade dos educandos deixando-os passivos diante de determinados assuntos abordados pelo professor.

Diferente do ensino tradicional, entendemos que os sentimentos, as emoções e os valores devem ser inseridos no currículo e nas práticas educativas como conteúdos escolares. Da mesma forma que aprendemos a somar, a escrever, a conhecer fatos históricos e o mundo em que vivemos, devemos conhecer a nós mesmos e aos demais com quem convivemos. [...] (ARANTES, 2003 (ORG.), p. 163)

Santos (2012, p. 137) também levanta indagações referente à relação professor-aluno e cita:

Será que para ser um professor marcante basta trabalhar para a melhoria da qualidade do currículo, das estratégias pedagógicas e das avaliações? Há algum tempo, a literatura educacional tem se dedicado à ação dos professores e das características que tornam a presença dele importante para os seus alunos. É notável o poder de influência que ele tem através da relação educativa, no sentido de aperfeiçoar os resultados das aprendizagens de conteúdos escolares e pessoais e da sua capacidade de despertar e controlar as emoções dos seus alunos.

Realidade que necessita urgentemente de mudanças para estimular o pleno desempenho dos professores no exercício de sua função por meio da formação continuada com estudos e reflexões sobre o fazer pedagógico em conjunto com a Afetividade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que a afetividade não se refere somente ao carinho do professor para com determinada criança, mas a afetividade voltada para as interações que o professor desenvolve com todos os estudantes.

Por isso, é necessário que o professor assuma uma postura afetiva e positiva para que ele possa exercer sua autoridade (não autoritarismo), pois algo fundamental é que o ambiente educacional seja considerado tranquilo, acolhedor e seguro pelos estudantes para que as atividades desempenhadas sejam proveitosas para que se efetivem as aprendizagens. As boas inter-relações promovem um ambiente mais agradável e com isso possibilitam a oportunidade de um processo de ensino aprendizagem mais eficaz. As relações positivas são expressadas por meio de diálogo, troca, paciência, compreensão e tolerância, inclusive nas regras em sala de aula imprescindíveis para organização e para harmonia nas convivências. Também é importante mencionar que toda a comunidade educacional participe e tenha consciência de seu papel em todas as relações afetivas que ocorrem no contexto escolar para que a teoria e a prática estejam vinculadas.

---

Assim, todo o processo de aprendizagem desenvolvido no ambiente educacional deve proporcionar aos alunos, oportunidades para aumentar sua autonomia; seu protagonismo e uso de sua voz própria em momentos para identificar os seus sentimentos e desejos; construir suas identidades diante da sociedade; aprender a compreender as pessoas e a entender a diversidade de seus comportamentos de ser e estar; realizar escolhas ampliando significados individuais e sociais.

Portanto, as ações pedagógicas desenvolvidas concomitantemente com a afetividade contribuem de maneira significativa para o bom desenvolvimento do processo de aprendizagem favorecendo o crescimento pleno e satisfatório dos estudantes para poderem atuar futuramente individual ou coletivamente em sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANTES, V. A. (org.). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 2003.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, promulgada em 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Editora do Brasil, 1996.
- GAYOTTO, M. L. C. et al. **Creches: desafios e contradições da criação coletiva da criança pequena**. São Paulo: Ícone, 1992.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>. Acesso em: 14 Jan. 2022.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998. v.2. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol2.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol2.pdf)>. Acesso em: 14 Jan. 2022
- GAYOTTO, M. L. C. et al. **Creches: desafios e contradições da criação coletiva da criança pequena**. São Paulo: Ícone, 1992.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. 3ª. ed. São Paulo: editora Ática, 2003.
- LA TAILLE, Y.; Oliveira, M. K.; Dantas, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 21 ed. São Paulo: Summus, 1992.



---

### Fabiana Lemes da Silva

Graduação em Pedagogia pela Universidade Paulista, 2020, (UNIP), São Bernardo do Campo, SP. Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Inglesa pela Faculdade São Luís 2020, (SÃO LUÍS); Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Metodista de São Paulo, 2009, (METODISTA), São Bernardo do Campo, SP. Professora de Ensino Fundamental II e Médio – Língua Inglesa na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---





## JOGOS E DOBRADURAS NO ENSINO E APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA

IVAN APARECIDO DA SILVA

**RESUMO:** Utilizados nas aulas de Educação Física, os jogos de tabuleiros apresentam uma importância no processo de ensino-aprendizagem. O artigo pretende utilizar-se dessa estratégia na aplicação do processo de aprendizagem da Matemática. Serão abordados a utilização dos jogos de Tangram, Quadrado Mágico e Origamis (dobraduras), como um instrumento de auxílio no trabalho pedagógico, propondo uma reflexão sobre as práticas adotadas em sala de aula, e propondo sugestões sobre a prática e utilização dos jogos como atividade de apoio pedagógico no processo de aprendizagem da Matemática, também apresentando sugestões de atividades de apoio e meio facilitador do ensino-aprendizagem, analisando o impacto e as habilidades desenvolvidas pelos alunos durante o processo. O artigo ressalta ainda os aspectos históricos e lendários de tais temas, e demonstra que os jogos tão presentes na Educação Física também podem auxiliar no trabalho pedagógico e no ensino-aprendizagem da Matemática.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Educação. Ludicidade. Raciocínio lógico.

### INTRODUÇÃO

O ensino da matemática percorreu um longo caminho para que suas áreas fossem consideradas importantes para a formação do estudante. Na educação básica, o ensino e a aprendizagem de matemática têm sido alvo de estudos e discussões há muito tempo. Atualmente é elementar o estudo desta maravilhosa ciência, pois sua presença no cotidiano, assim como a sua aprendizagem para o desenvolvimento e formação do cidadão pleno, são inegáveis. Afirmações estas contempladas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBN (1996) em vigor, no parecer do Conselho Nacional de Educação, que estabelece as diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Fundamental e Médio e nos Parâmetros Curriculares Nacionais PCN (1997).

O uso de instrumentos que auxilie na aprendizagem matemática tem demonstrado bons resultados, como: a história da Matemática, a modelagem, a resolução de problemas, os jogos, entre outros. Dentre estes, veremos que a utilização de jogos tem apresentado um papel de destaque. E o objetivo deste artigo é apresentar e verificar a utilização deste, no processo de desenvolvimento do pensamento matemático e como consequência, as competências e habilidades trabalhadas. Os jogos para Vygotsky, segundo Kohl (1998, p 53) deve ser utilizado já desde a infância, pois é um domínio da atividade com relações evidentes com o desenvolvimento. Além dos jogos, destacamos também o uso de origamis, como uma excelente ferramenta em sala de aula para a aprendizagem matemática. Os jogos que serão apresentados neste artigo, assim como os origamis, fazem parte da Matemática oriental, a qual presenteou o ocidente com algumas destas práticas e feitos.

### OS JOGOS NO ENSINO DA MATEMÁTICA

A utilização dos jogos na Matemática é uma prática antiga, segundo Miorim (1998, p 18) Platão já defendia no nível elementar o ensino para as crianças, essas deveriam resolver problemas adequados à idade delas, sendo desenvolvidos de forma lúdica, por meio de jogos. No entanto, somente tempos mais tarde, com estudos mais aprofundados sobre o tema, principalmente no campo da pedagogia, psicologia e mais recentemente na Educação Matemática, é que tivemos a oportunidade de aprender mais sobre o assunto.

Assim, os jogos para o ensino de Matemática devem cumprir o papel de auxiliar na aprendizagem do conteúdo, propiciar a aquisição de habilidades, permitir o desenvolvimento operatório do sujeito, e estar perfeitamente localizado no processo do conhecimento básico ao conhecimento elaborado. Muitos



---

alunos em geral, apresentam dificuldades em entender e assimilar alguns conceitos e conteúdos matemáticos, por isso os jogos aparecem como elementos que proporcionaram uma visão diferente daquela surgida inicialmente numa situação em que com certeza, ajudará na apropriação de conceitos abstratos.

Desta maneira, para Grando, a linguagem matemática de difícil acesso e compreensão do aluno, pode ser simplificada através da ação dos jogos. A construção, pelo aluno, de uma linguagem auxiliar, coerente com a situação de jogo, propicia estabelecer uma “ponte” para a compreensão da linguagem matemática, enquanto forma de expressão de um conceito, e não como algo abstrato, distante e incompreensível, que se possa manipular independentemente da compreensão dos conceitos envolvidos nesta exploração. O jogo gera inicialmente curiosidade nos alunos, transformando-se em interesse e motivação posteriormente, pois a quebra da rotina em sala de aula produz um ambiente necessário para a utilização de métodos e estratégias diferenciadas, proporcionando a todos uma nova chance no aprendizado, buscando desta forma maneiras que esgotem ou minimizem as dúvidas sobre o objeto de estudo.

Muitas crianças ou alunos em geral, apresentam dificuldades em entender e assimilar alguns conceitos e conteúdos matemáticos, por isso o jogo aparece como elemento que proporcionará uma visão diferente daquela surgida inicialmente numa situação e que com certeza, ajudará na apropriação de conceitos abstratos.

O raciocínio lógico, composto pelas habilidades envolvidas no processo, como observar, analisar, conjecturar e verificar também fazem parte da situação de jogo. Assim como o desenvolvimento da linguagem, criatividade e raciocínio dedutivo. Os alunos, ao se depararem com o jogo, assumem posturas e comportamentos bem diferentes dos habituais em sala de aula, se sentem estimulados, não temem o erro, experimentam várias possibilidades, são sociáveis e perdem a timidez, além de se concentrarem para realização das atividades. Diante deste processo, o professor deve aparecer como mediador, aquele que orientará a construção da aprendizagem, deixando o papel de protagonista para o aluno, agente ativo e não mais passivo. Dificultando desta maneira práticas cruéis, onde o aluno é apenas um depósito de informações ou simplesmente um reproduzidor de exercícios resolvidos pelo professor, que objetivavam a memorização de fórmulas ou treino de algoritmos, sem contextualização ou qualquer relação com situações reais, ou cotidianas, o professor não deve se omitir no jogo, mas integrar-se. Ora sendo observador, organizador e juiz, ora questionador.

O professor deve conhecer e explorar várias possibilidades que o ajude nesta difícil, mas, ao mesmo tempo, prazerosa tarefa de ensinar. Ele deve assumir e exercer sua autonomia, assim como refletir constantemente sobre suas práticas, em prol da construção de uma aprendizagem significativa para seus alunos. No que diz respeito a importância dos jogos e a postura do professor frente a eles, os Parâmetros Curriculares Nacionais, afirmam: um aspecto relevante nos jogos é o desafio genuíno que eles provocam no aluno, que gera interesse e prazer, é importante que os jogos façam parte da cultura escolar, cabendo ao professor analisar e avaliar a potencialidade educativa dos diferentes jogos e o aspecto curricular que se deseja desenvolver.

Os jogos podem ser classificados, numa concepção piagetiana, como exercícios, simbolismos e regras. Cada um deles está atrelado a uma evolução dos estágios do desenvolvimento da criança. Este artigo trabalhará com os jogos de regras, pois se enquadram dentro das características diagnosticadas. Nos jogos de regras, a criança torna-se capaz de manter e obedecer às regras, interagir com os outros e ter noção de como vencer. Dentro destes jogos, destacamos os educativos Tangram e Quadrado mágico. Não há pretensões de classificar os jogos escolhidos numa perspectiva mais profunda, pois não é o objetivo deste trabalho, mas proporcionar o estudo das potencialidades que eles produzem para a aprendizagem matemática.

## **A UTILIZAÇÃO DO QUADRADO MÁGICO E DO TANGRAM NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM MATEMÁTICA**

As atividades a serem realizadas pelos professores utilizando os Quadrados Mágicos podem ser criadas, adaptadas ou feitas de acordo com as propostas de diversos autores, como, por exemplo em Januário (2008, p.10-15). O autor sugere atividades com enfoque etnomatemático, onde os alunos por meio de situações-problema valorizem a cultura e a história do povo que criou este artefato, além do desenvolvimento do raciocínio lógico. Temos um exemplo de quadrado mágico de soma mágica igual a trinta, onde os alunos devem preenchê-lo usando apenas o conhecimento matemático. Lembrando, cabe ao professor escolher o tipo de atividade que quer aplicar. Teoricamente o quadrado mágico pode ser definido como um quadrado de ordem  $n$  ( $n$  linhas e colunas), preenchidos com números inteiros de maneira que a soma dos números de cada linha, coluna ou diagonal, seja sempre a mesma.

A utilização do jogo proporciona o progresso do raciocínio lógico matemático, bem como as habilidades envolvidas no cálculo numérico, mental e escrito. Além da análise da capacidade de argumentação dos alunos. As quatro operações (adição, subtração, multiplicação e divisão), frações, equações e progressões, são conteúdos que podem ser trabalhados, dependendo apenas das séries/anos ao qual serão aplicados. No jogo, muitos dos autores sugerem a organização dos alunos em grupo, pois acreditam que desta forma há um proveito maior desta modalidade, essa formação facilita a troca de informação, a colaboração nas conclusões e contribui para as deduções das estratégias entre os participantes. Também facilita o trabalho de observação, avaliação e levantamento de questões pelo professor.

O Tangram é um quebra-cabeça de sete peças, composto de cinco triângulos, um quadrado e um paralelogramo. Com ele é possível formar milhares de figuras, entre animais, pessoas, objetos, letras, figuras geométricas, entre outros. O intuito de narração de lendas sobre o Tangram e o quadrado mágico é servir de pretexto para atividades que envolvam a competência leitora e escritora, pois há inúmeras formas de utilizá-las. Em Souza (2003), as crianças utilizam as sete peças para construir painéis e a partir disso desenvolvem textos coletivos e individuais, trabalhando o desenvolvimento da comunicação oral e escrita. Outro aspecto importante é a concretização de trabalhos em conjunto entre as áreas do conhecimento, como a Matemática e Linguagens e Códigos. A utilização do Tangram promove o desenvolvimento do pensamento geométrico (perceber, representar, construir e conceber) e conceitos como identificação, comparação e classificação das figuras geométricas, além de frações e noções de áreas. Ainda em Souza (2003) é possível ver diversas atividades propostas aos alunos que evidenciam tais afirmações. Uma delas é a construção de Tangram por meio de dobraduras. Um exemplo, seria a utilização dos Origamis. Seguem abaixo as etapas de construção do Tangram por meio de dobraduras, conforme Souza (2003, p: 65-70):

Em uma folha de sulfite, recorte um quadrado e nomeie seus vértices ABCD. Dobre o quadrado ao meio pelos vértices BD e faça um risco com lápis em cima da linha formada. Dobre novamente o quadrado ao meio, mas agora pelos vértices AC. Faça um vinco apenas na linha que parte de A e encontre a diagonal BD já traçada. Ao abrir o quadrado faça um risco com lápis nessa linha e nomeie o ponto de encontro das diagonais de O. Até aqui, obtiveram-se os dois triângulos grandes do Tangram. Dobre de maneira que o vértice C “encontre” o ponto O. Abra e risque a linha de dobra. Formamos assim, o triângulo médio.

Dobre novamente a diagonal AC e faça um vinco até o encontro do segmento EF. Nomeie o ponto de intersecção G. Risque essa linha de dobra. Dobre, então, de modo que o ponto E toque o ponto O. Vinque a dobra entre o ponto G e a diagonal BD. Abra e risque esse segmento.

Com este passo, foram obtidos um dos triângulos pequenos e o paralelogramo. Para obter o quadrado e o outro triângulo pequeno, dobre de maneira que o vértice D toque o ponto O. Vinque a dobra do ponto F até a diagonal BD. Assim, obtiveram-se o quadrado e o outro triângulo pequeno.

A origem do origami é provavelmente chinesa, mas com certeza é creditada aos japoneses o desenvolvimento e popularização desta arte. A palavra origami pode ser traduzida por “dobrar papel”, pois “ori” significa dobrar e “kami”, papel. O alemão Friedrich Froebel (1782-1852) foi o primeiro a utilizar os origamis como método pedagógico, permitindo a exploração deles para demonstração de conceitos matemáticos de forma lúdica. Nas escolas japonesas, no período denominado Meiji (1868), os origamis passaram a ser introduzidos no jardim da infância e no primário. Mais tarde com o japonês Akira Yoshisawa (1950), considerado o pai do origami moderno, há um aperfeiçoamento da técnica e a criação de vários novos modelos, o que chamou ainda mais a atenção para este poderoso artefato, tanto dos amantes da arte quanto dos educadores e matemático.

Inicialmente no Japão os origamis eram feitos apenas pelos mais ricos (Período Heian, 794-1185) com intuito de diversão e em alguns casos, em cerimônias religiosas. Com o custo do papel mais barato, outras pessoas tiveram acesso e passaram a usá-los como adorno, diferenciando os membros das classes sociais a que pertenciam. Somente mais tarde, no período chamado de Tokugawa (1603-1867) é que veio a popularização. É desta época que surge o primeiro livro, “Sembazuru Oricata,” em 1797 (Como dobrar mil garças) de Ro Ko Na.

Os muçulmanos também passaram a praticar esta arte e acabaram levando os origamis para Espanha, que se espalhou rapidamente para o ocidente. No entanto, por razões religiosas eles não faziam figuras de animais, apenas se preocupavam com a relação do estudo da Matemática e os origamis. O alemão Friedrich Froebel (1782-1852) foi o primeiro a utilizar os origamis como método pedagógico, permitindo a exploração deles para demonstração de conceitos matemáticos de forma lúdica.

Nas escolas japonesas, no período denominado Meiji (1868), os origamis passaram a ser introduzidos no jardim da infância e no primário. Mais tarde com o japonês Akira Yoshisawa (1950), considerado o pai do origami moderno, há um aperfeiçoamento da técnica e a criação de vários novos modelos, o que chamou ainda mais a atenção para este poderoso artefato, tanto dos amantes da arte quanto dos educadores e matemáticos.

As atividades com o origami e dobraduras, assim chamados no Brasil, proporcionam ao aluno o desenvolvimento de habilidades manuais e coordenações psicomotoras, além do raciocínio e noções espaciais. Entre outros aspectos, podemos destacar também a imaginação, a criatividade, a concentração e a motivação. A planificação e a construção da superfície de sólidos geométricos é uma importante etapa para o estudo do conteúdo de espaço e forma, pois somente exposições de propriedades e demonstrações em lousa ou livros dificultam drasticamente a noção espacial dos alunos. O lúdico no processo de aprendizagem proporciona ao aluno um olhar divertido e diferenciado sobre a construção do conhecimento, cabendo ao professor usar de todas as ferramentas para que a aprendizagem seja significativa, garantindo espaços de inclusão e uma educação de qualidade para todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino-aprendizagem nunca esteve tão em foco como nestes últimos anos. Na medida em que têm ficado mais claros os processos de aprendizagem e as razões sociais do que se aprende e o quanto o conhecimento pode gerar novas aprendizagens, quantificando, geometrizando, logicando. Com isso, a preocupação por parte dos teóricos e estudiosos, especificamente no ramo da Educação Matemática, tem levado a reflexões, mudanças de posturas e a buscar ajuda em várias ferramentas que nos auxiliem na tarefa de ensinar, assim como também na construção do conhecimento matemático. Isto é, a Educação Matemática tem respondido questões como: O que ensinar? Por que ensinar? Como ensinar?

Os jogos, têm se mostrados bons instrumentos neste aspecto, a motivação que causam nos alunos, atrelado ao lúdico, além da possibilidade de ligação entre as várias áreas do conhecimento, proporcionando atividades ou projetos interdisciplinares vem reiterar as potencialidades destes meios, como importantes recursos, assim como os estilos de aprendizagem são construídas social e culturalmente, inseridos no contexto escolar, auxilia no processo de aprendizagem das crianças, despertando a área afetiva, linguística e cognitiva. O desenvolvimento das habilidades que estes objetos de estudos proporcionam tornam o trabalho do professor prazeroso, além de uma aprendizagem significativa. A manipulação do concreto produz apropriações de saberes imediatos, abrindo caminho para pensamentos analíticos e dedutivos.

O professor neste contexto é uma figura importante, embora não seja o protagonista. Ele será o grande responsável que mediará todas as situações, escolhendo as atividades, intervindo, verificando se o uso dos jogos está sendo suficiente para se atingir o propósito, realizando as adequações necessárias ou buscando novos recursos. A sua autonomia deve ser respeitada, assim como a coragem para desbravar novos caminhos se fazem necessárias, pois ao optar pelos jogos no processo de ensino aprendizagem é preciso ter noção que é, entre erros e acertos, que construímos e desenvolvemos verdadeiramente formas de aprendizagens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORIN, Júlia. **Jogos e resolução de problemas**: uma estratégia para as aulas de matemática. 4ª ed. São Paulo: CAEM/IME-USP, 2002, 100p.
- FIORENTINI, Dario; MIORIM, Maria Ângela. **Uma reflexão sobre o uso de materiais concretos e jogos no ensino de Matemática**. Boletim SBEM-SP, São Paulo, 1990.
- GÊNOVA, Carlos Antônio. **Brincando com tangram e origami**. São Paulo: Global, 1998.
- GRANDO, Regina Célia. **O conhecimento matemático e o uso de jogos na sala de aula**. Tese (Doutorado em Educação Matemática) Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- IMENES, Luiz Márcio. **Geometria das dobraduras**. São Paulo: Scipione, 1997.
- JANUARIO, Gilberto. **Quadrados Mágicos**: uma proposta de aprendizado com enfoque etnomatemático. Niterói: UFF, 2008
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental** – Introdução dos Parâmetros Curriculares. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental** – Introdução dos Parâmetros Curriculares. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- MIORIM, Maria Ângela. **Introdução à história da educação matemática**. São Paulo: Atual, 1998.

---

MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **O jogo e a construção do conhecimento matemático**. Série Ideias, no 10. São Paulo: FDE, 1992. p 45-53.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento** – um processo sócio-histórico. São Paulo: CENP, 1998.

SANTINHO, Miriam Sampieri; MACHADO, Rosa Mariana. **Os fascinantes Quadrados Mágicos. III Bienal da Sociedade Brasileira de Matemática**. Goiás: Anais, 2006.

SILVA, Mônica Saltau da. **Clube de Matemática: jogos educativos**. Campinas, SP: Papirus, 2ª ed. 2005.

SOUZA, Eliane Reame de; DINIZ, Maria Ignez S. Vieira; OCHI, Fusako Hori. **A matemática das sete peças do Tangram**. São Paulo: IME-USP, 3ª ed. 2003.



---

### **Ivan Aparecido da Silva**

Graduação em Geografia pela Universidade Guarulhos (UNG) - 2006, Guarulhos, SP; Especialista em Educação Musical pela Faculdade Campos Elíseos (FCE) - 2018; Professor de Ensino Fundamental II e Médio em Geografia na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---





## A PSICOPEDAGOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA AVALIAÇÃO ESCOLAR

MAURINA PEREIRA COELHO

**RESUMO:** Esse artigo traz reflexões de como é possível avaliar dificuldades de aprendizagens pelos psicopedagogos e prevenção de problemas na aprendizagem, por diagnóstico institucional. Tendo avaliação como prática pedagógica que norteia o planejamento do trabalho docente com base nas legislações vigentes e no currículo adotado pelas instituições respeitando a individualidade e as diferenças entre o modo de aprender de cada discente avaliado.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Autonomia. Diagnóstico. Dimensão avaliativa. Instituição educacional.

### INTRODUÇÃO

A avaliação educacional vem ao longo dos anos, sofrendo os modismos e as influências de outras culturas, acarretando assim, o desvio do seu compromisso pedagógico. Dentro dessa trajetória, a dimensão avaliativa do rendimento escolar, tem se traduzido nas escolas como uma prática autoritária, legitimando um processo de seletividade e discriminação dos alunos resultando em grandes danos sociais e pessoais.

Ao contrário do que está acontecendo, a avaliação do rendimento escolar deveria ter sua função direcionada para o aperfeiçoamento das decisões relacionadas ao processo-aprendizagem para que ocorra a valorização da avaliação, bem como a transformação de sua utilização. Neste processo, entra o trabalho do psicopedagogo, que são profissionais preparados para a prevenção dos problemas de aprendizagem escolar. Através do diagnóstico institucional, identificam as causas dos problemas e elaboram um plano de prevenção junto aos professores para que os alunos se sintam bem no ambiente escolar, valorizando sua autoestima, revertendo o quadro de desequilíbrio do estudante.

Para que a avaliação não gera nos profissionais bem como nos alunos um sentimento de insatisfação, é preciso que ela assuma um compromisso com a educação transformadora, isto é, estar a serviço da transformação de uma sociedade com o objetivo no desenvolvimento do povo e acesso do mesmo ao conhecimento. Na escola, o psicopedagogo institucional, atuará junto aos professores e outros profissionais para a melhoria das condições do processo ensino-aprendizagem, como também para a prevenção dos problemas de aprendizagem. Por isso, é de extrema importância que em cada escola tenha um psicopedagogo institucional.

Nas escolas públicas, a avaliação tem sido vista como algo que limita as oportunidades educacionais e sociais dos indivíduos menos favorecidos, fazendo reforçar assim a discriminação pedagógica daqueles já discriminados economicamente, socialmente e culturalmente pela condição de vida. Já na escola particular, onde a diferença do desempenho do aluno não pode ser culpa dos fatores socioeconômicos, a avaliação gira em torno de limitar a autonomia do aluno, constituindo-se assim num processo de produção e reprodução para obtenção de resultado padrão exigida pela sociedade.

Falando em autonomia, disse Paulo Freire, em um de seus livros: "O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não favor que podemos ou conceder uns aos outros". (Freire, 1996:66)

Partindo da comparação dessas duas visões de avaliação, devemos reconhecer que a escola necessária é aquela que não faz diferença de conceitos, pois, tem como base o educador que não se deixa levar pelos discursos da classe dominante, reconhecendo assim que, "avaliar é um ato amoroso", como diz Luckesi (2001:28), e que torna os alunos em indivíduos iguais e com direito de aprender as mesmas coisas com estratégias, instrumentos e intervenções diferentes avaliação deve ter um grande significado para o professor, para levá-lo a reconhecer a importância de acolher os acertos e os erros do aluno, para ajudá-lo a progredir.

---

O professor tem a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar conteúdos, mas sim ensinar a pensar certo. O significado da avaliação, deve então ter o mesmo sentido para educandos e educadores de escola pública ou privada, de modo a que possam a partir dela compreender sua realidade e participar de mudanças na mesma.

## **AVALIAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA REFLEXIVA EM PROL DA QUALIDADE EDUCACIONAL**

No sistema de ensino vigente, a avaliação tem sido vista como sinônimo de estar e medir capacidades. Avaliar, na verdade, a todo o momento estamos praticando o ato de avaliar: avaliamos a conduta de uma pessoa, a cultura de um grupo social, avaliamos e também somos avaliados, aí está a importância de se saber avaliar. No processo ensino-aprendizagem, avaliar, envolve muitos aspectos que devem ser observados atenciosamente.

Sabemos que uma prática avaliativa é resultado de uma prática pedagógica, por isso encontramos maneiras de avaliar tão distintas, ao longo dos anos a avaliação vem se apoiando em práticas totalmente tradicionais, assim caracterizada como principal fator que ocasiona a reprovação, após repetidas várias vezes à mesma série o aluno se sente desmotivado e sai da escola ocasionando a evasão escolar que faz crescer o índice de exclusão social. A avaliação, se usada de maneira errada, pode trazer vários danos, não só para a vida secular de um indivíduo, mas também na sua vida social.

Um aspecto importante é a atuação do professor no processo de avaliação, pois são os professores que o realizam perante sua prática tendo como resultado desse processo o sucesso ou o fracasso dos alunos.

Partindo dessa visão de Esteban, podemos perceber como o conceito de avaliação está distorcido e a cada dia se distorcendo mais, a preocupação com conceitos e notas leva os professores a usarem uma avaliação mecânica com objetivo apenas de classificar. A expressão MEDIDA, em educação, adquiriu grande importância sendo aliado a ela alguns instrumentos como testes, trabalhos, etc.

O caminho seguido pela avaliação tem sido confuso, complicado e mal sucedido, por isso, é extremamente importante o repensar do significado da avaliação no sistema de ensino brasileiro, repensar essa estrutura reprodutora que vivemos há décadas, repleta de conteúdos desnecessários e que existem porque ainda estão baseados no poder das notas.

O que percebemos na escola é que a avaliação ainda se encontra estruturada em práticas tradicionais, servindo esta, para medir o aluno e não diagnosticar o sucesso ou as dificuldades dos mesmos, ou seja, a escola ainda está voltada para o produto e não para o processo, o que dificulta a compreensão por parte dos alunos, que o interessante não é a nota, mais os conhecimentos abstraídos no decorrer de sua escolarização. Este é o discurso, mas, na prática, diverge da teoria, a realidade é outra. É necessário, no entanto, que a escola volte seu olhar para o verdadeiro objetivo de processo educativo que deve visar o sucesso e autonomia do aluno e não o seu fracasso.

Nesse sentido, é necessário que a escola enxergue a necessidade de realizar uma educação problematizadora, que vise emancipar e não estabelecer um ambiente de competitividade. Para se reelaborar esta estrutura é preciso rever o valor e o significado da nota, é preciso aprender a pensar, a refletir e a rever posições e julgamentos, utilizando a avaliação somente com o objetivo da nota, o sistema de ensino proporcionará aos alunos a passagem por um grande funil, onde só sairá aquele intitulado “capaz”, por ter “vencido” as mais diferentes formas de medir seus conhecimentos. Vejamos como é de grande importância o uso correto da avaliação, como denomina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDBN 9394/96: Art. 24 V – a verificação do rendimento escolar observará o seguinte critério: A avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.

Nesse prisma, a avaliação torna-se um instrumento que auxilia o professor e principalmente o aluno, a conhecer suas possibilidades de crescimento, valorizando seu desempenho, maturidade e originalidade, deixando de lado a ideia de classificar os alunos e de desperdiçar o grande potencial humano. A LDBN, abordando a avaliação de forma contínua e cumulativa do desempenho do aluno, mostra-nos que a avaliação não é um fim, mais um meio pelo qual o professor diagnostica as possibilidades de crescimento do aluno.

Podemos assim tornar válida a fala de Rodrigues citada acima, pois aquele que recebe toda ação educativa é o educando e, portanto, ao avaliar deve ficar evidente para o educador de que o processo avaliativo não está só, ele é apenas um ponto incluso no sistema escolar com o poder de incluir ou excluir os alunos, tanto na comunidade escolar como na própria sociedade. Deve-se ficar claro que reconhecer a importância do ato de avaliar não significa pensar que ele é mais importante entre todo o processo

---

educativo. Significa reconhecer que ele é fundamental para o crescimento, desenvolvimento e estruturação de toda uma sociedade, ou seja, o educador deve estabelecer uma prática que esteja baseada em garantir o desenvolvimento de todo o potencial das novas gerações, trabalhar de forma que permita perceber todo processo de crescimento do aluno. Não é tranquilo, é difícil. Porém, o resultado final é muito melhor.

O professor deve enxergar a avaliação também, como uma forma de analisar sua prática pedagógica e assim saber o que precisa nela mudar. Observando o que os alunos aprenderam, o professor avalia o que precisa retomar, e isso tem de ser feito diariamente. É duro, mas necessário, pois é a partir daí que ocorrerão grandes e importantes mudanças para o ensino brasileiro. Analisar-se dia a dia é empenhar-se para estabelecer uma coerência entre teoria e prática fazendo assim valer a autenticidade do seu testemunho de dizer e o de fazer.

Além de estar voltada para a análise da prática do educador, a avaliação também deve refletir sobre a competência, para estar assim comprometida com a renovação da prática educativa, promover em si mesmo uma avaliação da sua própria prática é internalizar um discurso feito por Freire: "É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática." (Freire, 1996: 43)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades de aprendizagem em escola pública e identificar a importância do educador nesse processo exigiu-me a apropriação dos principais conceitos de avaliação no ambiente escolar. O papel do psicopedagogo na educação, concluo que a importância da educação é confirmada quando esta contribui com o desenvolvimento social, e para o desafio diário do educador, existem barreiras, dificuldades e problemas que precisam ser resolvidos.

Da forma que está, não existe lugar para as certezas absolutas, não existem respostas prontas. Cada situação exige reflexão específica e resposta específica. Nesta perspectiva, a Psicopedagogia contribui significativamente com todos os envolvidos no processo de aprendizagem, pois exerce seu trabalho multidisciplinarmente numa visão sistêmica onde devemos exercer uma prática docente em parceria, em equipe, onde todos devem olhar e escutar, para o sujeito da aprendizagem.

Os problemas e dificuldades de aprendizagem podem ser o professor, o aluno, a família ou até mesmo o ambiente onde se insere o aluno. Nesse contexto, tanto a escola quanto a família estão distantes, como se não fizessem parte da mesma relação, onde presenciamos, por parte da escola, a vontade e disposição de promover uma discussão mais aprofundada em relação ao papel da avaliação do psicopedagogo na instituição.

O aluno com dificuldades de realizar uma avaliação e dificuldades de aprendizagem tem que receber uma educação apropriada às suas necessidades, para além dos profissionais e pais, da adequada formação dos professores e dos agentes educativos, há que ter em conta que o conceito de dificuldade de aprendizagem não implica apenas no reconhecimento do direito que assiste ao aluno de frequentar uma escola regular, pois, caso as práticas educacionais se resumem apenas à sua colocação na escola, sem nenhum tipo de serviços especiais, tais práticas se resultam falaciosas e irresponsáveis.

Há diversas modalidades de avaliação que podem ser empregadas na escola, dependendo do que se pretende verificar. As formas de avaliação que, atualmente, parecem ser mais frequentemente empregadas nas escolas são a prova escrita, os trabalhos em grupo e a autoavaliação que alguns professores convidam seus alunos a fazerem sobre o seu próprio desempenho e a avaliação. Porém, a prova escrita, já que essa parece ser, ainda, o principal instrumento de avaliação empregado pela maioria das escolas. Nessa perspectiva torna-se fundamental a constituição de um conceito de avaliação escolar que atenda às necessidades de escolarização das camadas populares, porque são elas que mais sofrem com o modelo de escola atual. E, se o movimento amplo da sociedade impõe um novo tipo de escola, impõe, também, a necessidade de um novo referencial para a constituição dos processos de avaliação.

Nesse estudo sobre A Importância da Psicopedagogia na Avaliação Escolar, foi possível deparar-me com dados realmente preocupantes referentes à educação e à avaliação da aprendizagem em nosso país, e principalmente nas escolas onde os professores se encontram distantes do acesso à universidade para poderem capacitar-se.

É possível, através da prática construtivista, levar a sério a educação. É necessário refletir na atual situação em que se encontra a Educação, e tornar-nos consciente, tomando algumas medidas para melhor saber desenvolver os conteúdos educacionais, usando formas coerentes para melhorar o sistema de avaliação de nosso país, para que nossas crianças sejam no futuro verdadeiros cidadãos conhecedores, participantes e formadores de consciência concernentes à cidadania ao seu papel como cidadão.



---

As formas de avaliação tradicionais, usadas no Brasil, estão tomando rumo desastroso em nossas escolas e promovendo números assustadores de evasão. A Educação é um direito que deve ser assegurado a todos, através de ações desenvolvidas pelo Estado e pela família, com a colaboração da sociedade. Mas nem sempre esses direitos são respeitados.

Nessa situação, os gestores e professores tentam amenizar os problemas da evasão nas instituições brasileiras, trabalhando diretamente com a sociedade e os pais, conscientizando-os da necessidade da permanência de seus filhos na escola e os demais alunos tendem a evadir-se por infrequência.

Mediante as reprovações e defasagem de conhecimento que se encontram os nossos alunos hoje, é preciso parar e refletir de que forma estamos avaliando nosso aluno, se esta avaliação está servindo apenas para aprovar ou reprovar, puni-lo ou apenas controlá-lo, sem levá-lo a uma real melhoria na aprendizagem.

Dependendo do uso que se faça da avaliação, o educador poderá condenar a uma pena cruel, sem que ele perceba o que está fazendo. Portanto, se torna necessário a cada educador ao mesmo tempo, dar condições para que todos possam exercer sua função como ajudante e construtor deste sistema, podendo entender o que é uma avaliação de desempenho escolar e que os profissionais que atuam na Educação possam se conscientizar que uma avaliação inadequada pode contribuir para uma total exclusão social, cultural e educacional.

Questionam-se, assim, os processos de avaliação da aprendizagem de alunos que estão, usualmente, centrados no desempenho cognitivo, sem referência a um projeto político-pedagógico de escola, e, ainda, o sentido das avaliações escolares que se têm direcionado, especialmente, para o ato de aprovar ou reprovar os alunos.

Concluo que a avaliação deve ser feita de forma a contribuir para formar o indivíduo respeitando suas diferenças e individualidades para que ele seja capaz de resolver os conflitos encontrados em seu dia a dia, sendo um verdadeiro cidadão, capaz de exercer sua própria cidadania na prática e conscientizar os demais ao seu redor.

A avaliação escolar tem provocado muitas reflexões na área pedagógica, tornando-se uma discussão intensa e interminável entre pedagogos e gestores educacionais, cada qual procurando enfatizar o que considera mais importante para os educandos. A situação atualmente vivida no sistema escolar, em termos de avaliação, ainda é problemática visto que educadores estão preparados para criticar a própria prática pedagógica.

Acredito na importância do papel dos gestores educacionais no processo de avaliação. A avaliação, como proposta emancipatória, está voltada para o futuro que pretende, a partir da crítica do autoconhecimento, da autonomia para tomada de decisões conscientes, levar o educando a descrever sua própria caminhada e propor alternativas de ação. Nesse contexto nos propomos a investigar e refletir sobre as propostas de avaliação emancipatória no contexto da prática, compreendendo suas diferentes concepções por meio de um referencial que possibilite também a construção de um novo olhar para os modos de avaliar.

A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente em todas as instituições de ensino. É o tema mais abordado pelos educadores de ensino nas últimas décadas. É uma tarefa didática necessária e permanente da prática educativa. Cabe socialmente à escola, a tarefa de promover o ensino e a aprendizagem de determinados conteúdos de maneira efetiva na formação de seus cidadãos. Dessa forma a escola deve responder à sociedade por essa responsabilidade. Com isso, a avaliação através de notas, conceitos, aprovações e reprovações, fazem parte das decisões que o professor precisa tomar para responder às necessidades de um testemunho oficial e social do aproveitamento do aluno. Nessa perspectiva, a avaliação escolar, será sempre conservadora, mesmo que utilize de instrumentos e atividades inovadoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADPP. Associação Brasileira de Psicopedagogia. 2013. Disponível em: <http://www.abpp.com.br/apresentacao.htm>. Acesso em 15 de Junho de 2013.

FELDMANN, Juliane. **A Importância do Psicopedagogo Dentro da Instituição Escolar**. 2008. Disponível em: <http://renatapsicopedagoga.blogspot.com.br/2008/07/importancia-do-psicopedagogo-dentro-da.html>. Acesso em: 15 de Junho de 2013.

FERREIRA, Tathiana de Almeida. **O psicopedagogo frente à avaliação da aprendizagem escolar**. 2013. Disponível em: <http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0374.html>. Acesso em: 15 de Junho de 2013.

---

MEDEIROS, Suede Alceno. **Avaliação Educacional**. 2008. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/psicopedagogo-qual-e-o-seu-papel-diante-da-avaliacao-escolar-1536626.html>. Acesso em 15 de Junho de 2013.

Psicopedagoga, Renata. **A Importância do Psicopedagogo Dentro da Instituição Escolar**. 2008. Disponível em: <http://renatapsicopedagoga.blogspot.com.br/2008/07/importancia-do-psicopedagogo-dentro-da.html>. Acesso em: 15 de Junho de 2013.

Psicopedagogia, Um Olhar. **Um novo olhar: Psicopedagogia Institucional**. Disponível em: <http://umolharp psicopedagogico.blogspot.com.br/2011/04/intervencao-do-psicopedagogo-na-escola.html>. Acesso em: 15 de Junho de 2013.

VAL, Tia. **AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: Uma Visão Psicopedagógica**. 2011. Disponível em: <http://blog-tiaval.blogspot.com.br/2011/07/avaliacao-da-aprendizagem-escolar-uma.html>. Acesso em: 15 de Junho de 2013.

WIKIPÉDIA. **Dificuldades da Aprendizagem**. 2013. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dificuldades\\_de\\_aprendizagem](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dificuldades_de_aprendizagem). Acesso em 15 de Junho de 2013.

WIKIPÉDIA. **Psicopedagogia**. 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ps>

---

### Maurina Pereira Coelho



Nasci Maurina, nome no qual não me reconheço. Cresci sendo Mara Coelho, nome que me representa e no qual venho utilizando pelas instituições de ensino em que atuei. Licenciada pedagogia pela Uniararas Hermínio Ometto, Licenciada em Arte pela Faculdade Mozarteum, FAMOSP. Pós graduação em LIBRAS pela Universidade Cidade de São Paulo, UNICID. Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela FAB. Estudante do curso Strictu Sensu em educação na modalidade mestrado CUEE. Professora de Ensino Fundamental I e Alfabetizadora na Secretaria do Estado de São Paulo, SEE. Professora de Educação Infantil e Fundamental I da Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---



CONDOROGA®

2 HB

SOFT

2 HB

SOFT

CONDOROGA®



## O TAI CHI PAI LIN COMO INICIATIVA FILOSÓFICA

MÔNICA IARA MARSURA

**RESUMO:** Esse artigo pretende analisar a arte marcial Tai Chi Pai Lin no seu contexto histórico, institucional e doméstico, traçando uma analogia com as modernas iniciativas filosóficas, usando como ferramentas o método semiótico, método histórico crítico e fenomenológico. A motivação para abordar a questão sob a ótica dessas ferramentas nos possibilita a análise do cenário político, econômico, social e cultural da arte marcial, demonstrando sua aplicação na vida acadêmica. Essa iniciativa filosófica nos permite ver a dinâmica da arte marcial no cotidiano e os mecanismos da psicomotricidade aplicada por essa arte marcial. As artes marciais carregam uma filosofia, uma maneira de pensar ou ver as coisas incutindo valores como honra, respeito, coragem, cortesia. Uma filosofia implica um modo particular de pensar, ou de (constatar) as coisas. O que essencialmente distingue uma arte marcial de um esporte de combate é que uma arte marcial tem toda uma filosofia por trás dela: ela transcende os propósitos esportivos competitivos puros, visando a prática e eventual domínio em outros planos além do físico.

**Palavras-chave:** Aplicação. Filosofia de vida. Motivação. Psicomotricidade.

### INTRODUÇÃO

A filosofia das artes marciais pode ser mantida hoje nas escolas e nas aulas de educação física. Pode ser usada para todas as áreas da vida, sua utilidade e benefícios são enormes. Todo treinamento realizado em uma escola de artes marciais ou em uma escola básica, durante as aulas de educação física, deve considerar um espaço para implantar na mente e no espírito do praticante esse modo de ser, de pensar e de ver a vida.

Ao passar o olhar no caminhar ereto do Sr. Liu Pai Lin, pensamos que este idoso não aparenta a idade que tem, pois, o mesmo é habilidoso na sua modalidade esportiva. Essa sondagem em seu cotidiano nos aparenta uma pessoa saudável e normal e ao observá-lo trazemos perspectivas novas e revolucionárias para educação psicomotora de indivíduos de todas as idades.

A questão é o que levou este senhor em sua infância e juventude a praticar uma arte marcial, e na sua meia-idade a sistematizar a cultura chinesa de cunho Taoista em uma outra modalidade, fazendo com que o desenvolvimento da técnica possa ser ensinado a outras pessoas por sistema de ensino a distância.

O processo de construção da totalidade concreta implica eliminar aspectos específicos do fenômeno para “ver” o essencial (universal). Não se pode pedir, portanto, que a totalidade concreta tenha todos os elementos específicos (singular) de um particular (objeto). Ela é totalidade, como essência, exatamente porque deixou de lado aspectos específicos. Mas, o essencial (universal) está presente em cada momento do particular, na síntese entre o universal e o singular (ESCOBAR, 2002, p.5).

Este ‘insight’ e até mesmo o autodidatismo do Sr. Liu Pai Lin neste novo conhecimento ligado ao corpo e a mente, é explicado por Bourdieu que nos diz que isso vem agregado com ethos da família e que fará a diferença no cotidiano da criança no mundo intelectual e acadêmico.

A diferenciação entre éthos e êthos se deu bem cedo no contexto da cultura grega. O êthos, grafado com eta, remonta a Homero, e o éthos, com epsilon, a Ésquilo, o fundador da tragédia grega. O éthos, na grafia de Homero, remonta ao século VII a.C., e comparece com uma significação um tanto abstrata, na medida em que designa os usos e os costumes enquanto relativos a modos (genéricos) de viver, ou seja, a uma sabedoria. Éthos, em Ésquilo (525-456 a.C.), designa mais ou menos



---

a mesma coisa, mas, fundamentalmente, a tradição, no sentido de o que é habitual, corriqueiro, usual, etc., e que vem a se impor como uma sabedoria. (ESSER, 1976)

A motivação para abordar a questão sob a ótica do método semiótico, histórico crítico e fenomenológico é que essas ferramentas possibilitam a análise do cenário educacional, político, econômico e social, com essa metodologia percebe-se a dinâmica do indivíduo inserido naquela sociedade, evitando dessa maneira uma análise intuitiva da mesma.

## AS ARTES MARCIAIS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nos últimos anos, tem havido cada vez mais estudos que corroboram os benefícios de uma prática diária de atividade física para a melhoria do desempenho escolar dos alunos e da sociedade em geral, bem como sua capacidade de reduzir situações de estresse e ansiedade, ações que a OMS classifica como uma das grandes epidemias do século XXI.

Os alunos também têm a oportunidade de aprender artes elementares de controle, entre as quais diferenciamos água, terra, fogo e ar. Estes são manipulados por movimentos corporais, assim como nossa energia interna ou chi, com base em um fluxo de energia através de nosso próprio corpo.

Do ponto de vista puramente educacional, uma mente ociosa é muito mais fácil de enganar, mais fácil de manipular, portanto, mais fácil para uma pessoa que não pratica esportes desde a infância se envolver em vandalismo, ingressar em gangues e experimentar substâncias que ou intoxicações, que podem variar de tabaco e álcool a outras drogas ilícitas. Nesse sentido, esse aspecto da educação física complementa maravilhosamente com as artes marciais, uma vez que estas geralmente exigem grande precisão nas habilidades motoras e grande coordenação, tornando praticamente impossível que realizem essas atividades sob a influência de qualquer droga.

As artes marciais para crianças são excelentes exercícios para canalizar a energia de uma criança hiperativa e também incluem diversão, aumentando suas habilidades físicas e beneficiando a psique e .

Entre os benefícios para as crianças que praticam artes marciais, estão os seguintes:

- Respeito às regras
- Aumentar a concentração
- Eles aprendem a competitividade positiva
- Aumenta a resistência cardiovascular
- Desenvolvimento da coordenação e lateralidade
- Perda de peso e melhora do tônus muscular
- Maior autoconfiança
- Melhoria de , como violência e desobediência
- Aprendizagem dos fundamentos das filosofias orientais, como respeito ao próximo, honestidade, amor ao próximo, lealdade, humildade, companheirismo, trabalho individual e em grupo, entre outros.

A prática de atividade física leva a mudanças muito importantes no organismo da pessoa, melhorando muitos aspectos relacionados à saúde, como diminuir o risco de doenças futuras, reduzir a obesidade e neuroinflamação, melhorar a qualidade de vida e pode impactar positivamente na cognição. É notório que a prática de atividade física deve começar na infância, pois é nesse período da vida que se adquirem hábitos e valores (Guedes, 1999). Assim, é fundamental que a educação física escolar ocorra com atividades que promovam a saúde, autonomia, desenvolvimento criativo e crítico.

Os parâmetros curriculares nacionais de educação física (PCNEF) indicam três blocos de conteúdos fundamentais para o ensino fundamental: 1 – Conhecimento sobre o corpo; 2 – Esportes, lutas e ginástica e 3 – Atividades rítmicas e expressivas (Brasil, 1997). A luta, como conteúdo escolar, pode assumir diversos arranjos, desde brincadeiras infantis como “cabo de guerra”, “briga de galos” até técnicas refinadas da arte marcial. No entanto, sugere-se uma abordagem lúdica para inserir esse tema na escola, de forma que os alunos possam vivenciar a cultura corporal (Brasil, 1997). Apesar de as lutas trazerem inúmeros benefícios aos indivíduos, hoje em dia essa utilização de conteúdos é insuficientemente discutida entre professores de educação física, e os estudos de lutas na educação física também são incipientes.

---

Especificamente sobre as lutas, alguns pesquisadores demonstram que a prática de lutas ou artes marciais tem efeitos positivos em diversos aspectos (Rios et al., 2017). No aspecto físico, pode-se destacar a diminuição do estresse, a melhora do equilíbrio e da força; no aspecto social, pode-se notar redução da agressividade, elevação da autoestima e interação social. Em relação ao cérebro, pode-se verificar melhora na cognição e desempenho em testes aritméticos.

Segundo Oliveira (2000), as brincadeiras infantis, na infância, podem melhorar as funções motoras e cognitivas e contribui para a motivação para o estudo, pois as crianças utilizam muitos estímulos neuromotores durante as aulas, e essas atividades promovem melhorias na velocidade, reflexo e tempo de reação.

Assim, a proposta de um conteúdo das artes marciais e a avaliação de seus efeitos nas crianças podem gerar um produto de extrema importância para a educação física escolar; além disso, pode ajudar a orientar o uso desse conteúdo eficazmente.

## O MÉTODO DO TAI CHI PAI LIN

A metodologia da arte do Tai Chi Pai Lin foi agregar a medicina chinesa, a meditação taoista e o Tai Chi Chuan de viés taoista. O nascimento do método ocorreu depois de um ferimento grave durante a segunda grande guerra, na ocasião Liu Pai Lin ficou lesionado de tal maneira que sua movimentação se dava apenas com auxílio de muletas, quando todos pensavam que ele não voltaria a andar o mesmo da volta por cima de seus problemas e renasce muito mais vigoroso do que antes, aplicando em si todo conhecimento adquirido com seus mestres (SUGAI, 2000)

Segundo Dalai Lama “ O que mais incomoda é ver os nossos sonhos frustrados (O PENSADOR, 2017)

Mas permanecer no desânimo não ajuda em nada para a concretização desses sonhos. Se ficarmos assim, nem vamos a busca dos nossos sonhos, nem recuperamos o bom humor!

Este estado de confusão, propício ao crescimento da ira, é muito perigoso. Temos de nos esforçar e não permitir que a nossa serenidade seja perturbada. Quer estejamos vivenciando um grande sofrimento, ou já o tenhamos experimentado, não há razão para alimentarmos o sentimento de infelicidade.

A arte é um conjunto de movimentos circulares suaves e respiração, isso quer dizer que tomando como exemplo, um movimento de mão ou braço, este tem como resultado uma postura dinâmica ou melhor, asanas da ioga em movimento e a finalidade da mesma é harmonizar o corpo a mente e a respiração.

Os movimentos são feitos devagar de maneira atenciosa na respiração a mente se a calma e o corpo relaxo em movimento. Todo esse conhecimento pode ser abordado na arte Zen.

As artes Zen, como as artes marciais, podem ser de grande valor quando usadas para uma finalidade educacional, pois cada uma delas tem como objetivo descontração física e espiritual que conduz a uma mudança interior. (SUGAI, 2000, p.47, vol.1)

## INVESTIGAÇÃO SEMIÓTICA

Na investigação semiótica é observado a simbologia dos movimentos, da respiração e a iconografia do signo Tai Chi Pai Lin em sua representação ideográfica chinesa tradicional, Os movimentos circulares vistos de maneira estática representam animais, objetos, posturas e até mesmo uma ação, como: acariciar a crina do cavalo, tocar a Harpa, trabalhar no tear, serpente voltando ao ninho, garça branca, estendendo as asas, chicote simples, galo dourado. Percebemos pelos nomes que tais posturas foram observadas e repetidas até a formação da dança marcial.

O Qi Gong é o termo geral para designar técnicas que envolvem mobilização energética. Existem centenas de técnicas que são difundidas principalmente para preservar (manter e recuperar) a saúde dos indivíduos. Existem também formas de Qi Gong destinadas a fortalecer o corpo e a vitalidade (artes marciais). Há ainda o Qi Gong espiritual e até Qi Gong para melhorar os estudos. A principal função do Qi Gong é fazer fluir o Qi (Chi, Ki) pelo corpo através dos canais energéticos. Ou, na linguagem ocidental, melhorar a circulação sanguínea e a renovação celular. Em geral, o Qi Gong, envolve um ou alguns destes elementos: movimento, controle da respiração, som ou mantra, visualização e meditação. O mais importante é através da disciplina tornar-se consciente do corpo e da circulação do Qi (chi). Assim o termo Qi Gong pode ser traduzido como trabalho energético (do

---

sopro ou vitalidade). As formas de Qi Gong mais famosas no ocidente são: Oito Brocados (Ba Duan Jin), Cinco Animais (Wuqin xi), Liang Gong, Zhan Zhuang (respiração da árvore). (SUGAI, 2000, p.39)

## INVESTIGAÇÃO COM O MÉTODO HISTÓRICO CRÍTICO.

### Pequeno histórico

Pai Lin aprendeu tai chi com Zhang Qin Ling e Yang Chengfu. O estilo Yang tem origem no Estilo Chen, diretamente ligado ao taoísta Zhang Sanfeng e às Montanhas Wudang. Existem indicações de que, durante a Dinastia Tang (618-906 d.C.), um eremita chamado Xu Xuan Ping desenvolveu uma arte chamada "os trinta e sete estilos do tai chi", também chamada de chang chuan (punho longo) ou chang kiang (rio longo). Chang San Feng (1247-?), que então vivia num templo taoísta do monte Wudang, já teria desenvolvido uma arte conhecida como "Os trinta e dois estilos do punho longo de Wudang" e, posteriormente, criou "As treze posturas do tai chi", após observar uma luta entre um pássaro (grou) e uma cobra, quando constatou que a flexibilidade se sobrepunha à rigidez, compreendendo a prática da alternância entre o yin e o yang e outras concepções da natureza, que se constituem na base do que depois passou a ser chamado de tai chi chuan.

Em 1200 d.C. o monge Taoísta Chang San-feng fundou um templo na Montanha Wu-tang, para a prática do Taoísmo, visando o supremo desenvolvimento da vida humana. Mestre Chang enfatizou a harmonia do Yin/Yang como um meio de melhorar o desenvolvimento da mente e da habilidade física, a meditação natural, bem como, movimentos naturais do corpo propulsados por uma energia interna que deveria ser desenvolvida a um certo nível de aquisição. Este complexo sistema de práticas recebeu o nome de Tai Chi Chuan.

O homem é um ser em movimento e a atividade física exerce um papel importante em relação aos idosos nos aspectos de saúde, vitalidade e sociabilidade (LEITE, 2000).

Vejamos agora a simbologia ideográfica do nome Tai Chi Pai Lin:

O ideograma Tai Chi 太極 literalmente, quer dizer supremo e cumeeira e o ideograma Pai Lin 太極 literalmente quer dizer cem anos ou longevo, em uma tradução literal e livre quer dizer: A suprema proteção da longevidade.

Os estudos referentes ao Tai Chi aplicados a idosos e crianças demonstraram que o mesmo aumenta os tônus muscular, ósseo, o sistema circulatório, endócrino, e colabora com o aumento de endorfinas, acalma a mente e desenvolve o equilíbrio emocional e motor, fortalece laços de amizade. Segundo a Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, São Paulo, v.4, São Paulo, v.4, n.20, p.136-144. Mar/abr. 2010. ISSN 1981-9900. Em pesquisa sobre Osteoartrite, Função Cardiovascular, Flexibilidade, Coordenação, Força Muscular, Reação Neuromuscular, Propriocepção e Equilíbrio.

Nas palavras de FRANKL afirma:

O que importa não é questionar se a atividade capaz de conferir à existência humana um sentido e um conteúdo se vincule, ou não, a razões de ordem econômico-financeira. Essencial e decisivo, sob o aspecto psicológico, são única e exclusivamente que tal atividade desperte no homem, por mais avançada que seja a sua idade, o sentimento de existir para algo – para algo ou para alguém. (1991, p. 52).

Vemos que as diversas pesquisas tanto nacionais quanto estrangeiras corroboram com os benefícios do Tai Chi para idosos como crianças, para os jovens e até mesmos para aqueles que são vítimas de bullying devido à obesidade, tem nesta pratica esportiva um grande aliado, pois desenvolve o equilíbrio psicomotor, assim como o emagrecimento sem traumas.

Considerada diferentemente por cada pessoa, a qualidade de vida, reflete um conjunto de conhecimentos, experiência, percepções e valores. Inclui o estado funcional (hábitos de vida saudáveis, mobilidade, condição física), os componentes corporais e físicos (nível de dor, doença e tratamento dos sintomas, por exemplo), os componentes psíquicos (capacidade de adaptação, emoções,) os componentes sociais (o local das relações, a integração comunitária) e, enfim, os valores existenciais e espirituais, tais como o amor, o respeito e a liberdade (CHANDLER, 1996).

---

## A OBSERVAÇÃO DA DANÇA MARCIAL

A observação da dança marcial nos dá a lógica existente no conjunto psíquico motor, ou apenas os problemas elencados na sondagem sobre os exercícios, paradigmas sonoros, dançante e respiratórios. A análise de um único indivíduo nos revela com profundidade o caminho a ser seguido e este é um modelo significativo, segundo a fenomenologia.

Aristóteles usa termos específicos de modo a caracterizar o estado de questionamento na dúvida ou confusão. "Mas quem está perplexo e maravilhado está consciente de ser ignorante"

A partir da inquietação questionante ergue-se o desejo do homem conhecer o fundamento de todos os seres. A inquietação que se divide em dois componentes: o desejo de alcançar a meta e o conhecimento.

Uma vez que a busca não é um desejo cego, mas, contém o componente de discernimento, podemos caracterizá-la como um questionamento cognoscente e um conhecimento questionante.

Então, olhar os resultados da investigação nos assusta, mas também nos revela soluções, que norteia o caminho a ser seguido, basta apenas ter bom senso e aceitar novo paradigma que nos é apresentado pelo professor e mestre Liu Pai Lin.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise fenomenológica nos leva a propor a ampliação da zona de desenvolvimento proximal (ZPD), com uma pequena indústria cultural, onde o professor é interventor e experimentalista, propondo trabalhos conjuntos com os alunos, na produção de material didático a ser divulgado na mídia radiofônica escolar ou até mesmo comunitária, como também em homepage, feiras de educação Física, fisioterapia, gerontologia e fitness, seminários científicos sobre longevidade, literatura, tecnologia. Dessa forma o conhecimento é introjetado e gestado pelo aluno e mediado pelo professor. Uma outra medida conjunta para ampliação da ZPD seria uma biblioteca aberta e disponível o ano todo com revistas de trabalhos científicos sobre o assunto, prospectos em forma de folders de cursos e seminários de especialização sobre Tai Chi Pai Lin, disponíveis nas mesas de merenda para que os alunos e funcionários dentro de uma proposta de escola inclusiva.

A análise com as ferramentas investigativas demonstra que a técnica de Liu Pai Lin é um agregado de informações ao seu redor formando um capital cultural e um Know how dos conhecimentos acadêmicos. As medidas para ampliar a ZPD têm como objetivo norteador induzir outras pessoas a construir o seu próprio conhecimento e devolver-se na sociedade, transformando-a em melhor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco?** Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física.** Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC/SEF; 1997.
- ESCOBAR A. M. de U., OGAWA A. R. et al. Aleitamento materno e condições socioeconômico-culturais: fatores que levam ao desmame precoce. **Rev. Bras. Saúde matern. Infant.**, Recife. v.2, n.3, p. 253-61, set./dez. 2002.
- FRANKL, Viktor. E. **Em Busca de Sentido.** 5 Editora Sinodal. São Leopoldo - RS – Brasil. 1991.
- GUEDES DP. **Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar.** Motriz. 1999;5:10-4.
- OLIVEIRA JC. **Das brigas aos jogos com regras: a disciplina na escola;** 2000.
- O PENSADOR. In: **Daila Lama.** Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MjEyMzA3NA/>
- SUGAI, Vera Lucia. **O Caminho do Guerreiro: a contribuição das artes marciais para o equilíbrio físico e espiritual.** São Paulo: Gente, 2000. Vol.1.



---

### Mônica Iara Marsura

Licenciada em Ciências Físicas e Biológicas pela Universidade Camilo Castelo Branco, UNICASTELO, SP. Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante, FAVENI, ES. Professora do Ensino Fundamental II no Estado de São Paulo, SEE. Professora de Ensino Fundamental II e Médio na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---







## A IMPORTÂNCIA DA VALORIZAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA

PATRICIA MENDES CAVALCANTE DE SOUZA

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo compreender as principais críticas a respeito da escola pública e seus desdobramentos sociais, tais como a criação de uma narrativa que pode vir a prejudicar os educandos provenientes do ensino público no âmbito psicológico e social. Também procurou entender os pontos relevantes da educação particular, principalmente no que concerne a problemas e conflitos de interesse, embora a sociedade tenha uma visão menos aprofundada e algumas pessoas definam prontamente, sem grandes análises, que a educação paga é de mais qualidade, quando, na verdade, a questão é profunda, complexa e necessita de muita análise. Segundo os levantamentos feitos no artigo, podemos perceber que a educação pública não tem a priori menos qualidade que a privada, a que se estudar e entender diversos modelos e situações para promover uma opinião sobre a qualidade do ensino. Há consenso entre educadores de que é urgente a valorização da educação e de seus profissionais, pois para que o país tenha um projeto de futuro bem-sucedido a todos, a educação deve estar em primeiro lugar.

**Palavras-chave:** Educação. Democratização. Formação. Políticas públicas. Reconhecimento.

### INTRODUÇÃO

A escola pública é realmente lugar de um ensino precário ou está é uma falácia do neoliberalismo? Não existe um conflito de interesses na escola particular, como democratizar ideias e conteúdos de forma o mais neutra possível se tem um dono com ideologia própria gerindo o negócio? Como algo que visa o lucro pode colocar a criança em primeiro lugar? Talvez a melhor saída seja uma educação democrática e oferecida a todos, pelo Estado.

É importante problematizar a imagem da escola pública frente a escola particular, atribuindo o valor que a escola pública merece e defendendo que a educação deveria ser oferecida pelo Estado, visando a proteção da infância e seus desdobramentos na fase adulta.

Entender o que aconteceu com a escola pública e sua imagem precarizada frente a sociedade, não só analisando o seu real desmonte, mas também a sua beleza e potencial de construir uma sociedade melhor, visando um estudo histórico-filosófico é de suma importância nos dias atuais.

Analisar toda a trajetória da escola no Brasil e a criação da escola pública e particular e compreender o porquê da escola pública ter ficado com sua imagem tão manchada e ter sido tão atacada ao longo dos anos deve ser a estratégia dos nossos pensadores da educação neste momento tão sensível para educação do país, que tem sido atacada de todas as formas, pois no governo vigente, até mesmo as grandes universidades públicas foram chamadas de locais de balbúrdia.

Entender que uma educação de qualidade onde os interesses da criança e adolescente estariam em primeiro lugar só poderia vir da educação pública gratuita, em que o foco é o pleno desenvolvimento da criança e não uma lógica neoliberal de obtenção de lucro frente a escola particular, bem como uma corrida de qual criança obterá as melhores vagas de emprego no futuro.

### ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PROBLEMÁTICA DO DESMONTE DA ESCOLA PÚBLICA E INTENÇÃO DE *VOUCHERIZAÇÃO* DA EDUCAÇÃO

A escola pública aceita a todos, nela é possível ver todo o recorte social. A escola pública não visa lucro, o interesse é a formação de cidadãos e a valorização da infância.

Na escola pública a criança é, na escola particular ela será, ou seja, na pública a criança é vista como um sujeito histórico, na particular ela é um sujeito que está se preparando para o futuro, para o mercado de trabalho.

---

Por que quando avaliamos e comparamos o fazer pedagógico, social e histórico entendemos que somente a educação pública pode atender às necessidades sociais do nosso tempo e mesmo assim, a escola pública é amplamente atacada e deturpada, enquanto a iniciativa privada vem vorazmente tomando este espaço. Quem será o grande beneficiário desta empreitada? A criança ou ao capital?

É amplamente difundida a imagem de que a escola pública está falida, que o ensino oferecido por ela é fraco e que para que a criança tenha um futuro “melhor” ela precisa que toda a sua família e muitas vezes sua infância seja sacrificada para a manutenção de um colégio particular.

Como isso ocorreu, a imagem que a população tem da escola pública? É justa a avaliação social da escola pública frente a realidade?

Qual o caminho que devemos percorrer para resgatar a importância da valorização do ensino público e atingir um real nível de qualidade.

Um recorte social importante que encontramos na escola pública é a diversidade. Estamos em um mundo globalizado, extremamente diverso, que segue tentando manter padrões, tendências e comportamentos esperados de todos, mesmo que para isso precise calar muitos.

Qual é o futuro de uma sociedade menos adoecida e mais apta a conviver melhor com seus pares e com o meio ambiente natural que a cerca? É importante conhecer e aceitar que existe o diferente, e que o diferente não é um inimigo, mas sim alguém que pode complementar o meu ser, nem todos sabemos tudo, o ser humano é um ser gregário, precisamos uns dos outros para o bem viver. Sendo assim, verificamos que só a convivência com o diferente pode trazer os benefícios que precisamos para uma sociedade mais justa, em que haja mais dialogicidade. Como já evidenciava Freire em *Pedagogia do Oprimido*.

Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. Mediatizados pelos objetos cognoscíveis (...) Se, de fato, não é possível entendê-los fora de suas relações dialéticas com o mundo, se estas existem independentemente de se eles as percebem, é verdade também, que a sua forma de atuar, sendo esta ou aquela, é função, em grande parte, de como se percebem no mundo. (FREIRE, 2005. p. 79- 82)

E como conseguir este grande feito? Como conseguir que o ser humano aceite o diferente dele e que ainda permaneça mantendo sua individualidade, alcançar uma homogeneidade no campo da justiça social e uma heterogeneidade no campo individual, em que possa manter sua trajetória cultural protegida e sua individualidade e agregar direitos a todos?

A defesa de uma escola pública de qualidade vem sendo defendida por diversos educadores ao longo do tempo, Anísio Teixeira, Nísia Floresta, Paulo Freire, dentre outros, mas para algumas pessoas essas defesas se traduzem em, olha só, até eles acham a escola pública ruim, quando, na verdade, quer dizer, a educação pública de qualidade precisa de investimento público e valorização social, como disse Paulo Freire, “é urgente que engossemos as fileiras da luta pela escola pública neste país. Escola pública e popular, eficaz, democrática e alegre com suas professoras e professores bem pagos, bem formados e permanentemente formando-se. Com salários em distância nunca mais astronômica, como hoje, frente aos de presidentes e diretores de estatais.”

Parece, no mínimo, utópico, mas somente por meio da escola pública é que este grande feito pode ser atingido, onde crianças ricas, pobres, brancas, pretas, amarelas e vermelhas, podem transitar juntas, em que haja católicos, protestantes, umbandistas, muçulmanos, brasileiros, estrangeiros, expatriados e refugiados, e que estas crianças possam ter algum tipo de deficiências física ou psicológica e, não só sejam aceitas e vistas como crianças “normais”, mas também que possam “ensinar” as demais crianças que é possível viver com algumas aparentes dificuldades, mas que essas dificuldades podem ser contornadas e que outras competências podem ser desenvolvidas. Como podemos verificar em Pucci (1997), a educação dentro de bolhas propaga a uma cultura excludente, tirando da criança a possibilidade de trocas e ampliação da visão de mundo, fortalecendo a dominação das estruturas de poder.

A formação cultural vai perdendo a energia que lhe dava a vida, que a locupletava, passa a ser entendida como configuração da vida real e destaca unidimensionalmente o momento da adaptação. Absolutiza-se sua outra dimensão. O véu da integração encobre as possibilidades de manifestações da autonomia do sujeito, impedindo que os homens se eduquem uns aos outros, dificultando-lhes a compreensão crítica da vida real, favorecendo manifestações irracionais. A consciência da massa, “formada” por bens “culturais” neutralizados e petrificados, é levada a

---

desenvolver valores de consumo imediatos, mantendo distância em relação às reais criações artísticas, excluída do privilégio da cultura. (p. 91)

Por que as escolas precisam ser públicas? O desenvolvimento de uma criança, jovem ou adulto, jamais poderia ser regido pelo viés monetário, pois neste há outros interesses que competem apenas ao capital e não as pessoas.

Vamos pensar nas escolas particulares que são regidas por nichos, por exemplo, escolas protestantes, escolas católicas, escolas militares, escolas alemãs, escolas burguesas, nessas escolas existe uma bolha social em que a criança é inserida em um contexto não condizente com a realidade do mundo. Que espaço é esse que essas crianças estão conhecendo sobre o mundo e seus pares? Elas estão olhando no espelho ou estão tendo a oportunidade de conhecer e ver o mundo com todo seu potencial criativo e de diversidade? É justo que sua família insira esta criança em uma bolha social e a impeça de conhecer todas as diferentes culturas e formas de viver? Elas estão tendo a oportunidade de questionar suas visões de mundo, de terem conflitos ao analisar o pensamento do seu colega comparativamente ao da sua família. Elas têm a oportunidade de dialogar com diferentes culturas e ampliar sua visão de mundo de modo que possam conviver melhor com as diferenças, bem como respeitar sua própria individualidade, ao invés de estar no ambiente completamente homogêneo.

Vamos falar um pouco da escola pública e de todos os ataques que ela tem sofrido. Muitos falam que a escola pública é sucateada, que os professores são desqualificados e que a escola pública é de má qualidade, mas essa não é a realidade dos fatos. Comparativamente uma escola pública de um bairro de classe média baixa com uma escola particular do mesmo bairro, em que uma mensalidade custa em média de seiscentos a mil reais, a escola pública certamente poderá proporcionar mais qualidade do que a escola particular da mesma vizinhança. Por que isso acontece? A escola particular é regida pelo lucro, existe um investidor, um empreendedor, o dono da escola que precisa lucrar com o negócio dele e para isso, para que ela consiga obter lucro dentro de uma vizinhança que não é abastada, ele precisa cobrar uma mensalidade com valor razoável, para que essa família consiga pagar, mesmo que para isso esta família deixe de fornecer ao filho experiências de cultura e lazer de qualidade, alimentação de qualidade e tempo de qualidade, para conseguir pagar a mensalidade, colocando a sua criança em uma pequena bolha burguesa a um custo alto para a criança e a família. A escola pública deve ser vista e apropriada como bem de todos, assim deve ser cuidada e protegida pela sociedade:

Tornou-se senso comum afirmar que o espaço público indica tudo aquilo que pertencente ao Estado e como privado aquilo pertencente à sociedade civil, ao cidadão comum. Em linhas gerais, a palavra “público” pode ser definida (...) De um lado, “público” como oposição do “privado”, e se faz sinônimo do patrimônio comum, daquilo que não pode ser objeto da apropriação de poucos. (GOMES, 2008, p.1)

Já a escola particular, para que possa lucrar e viver deste negócio, o empreendedor precisa arrecadar as mensalidades e pagar todos os custos com a escola, ou seja, o prédio, o espaço, materiais e funcionários. Ele necessitará investir o mínimo necessário, para que no fim do mês possa sobrar rendimento suficiente para que ele possa viver e talvez ampliar o seu negócio. O interesse da escola particular é manter uma lógica capitalista e não está focada no desenvolvimento pleno da criança, haja vista não é possível contratar um professor que consiga ter um salário razoável para continuar os seus estudos, ter tempo de lazer, de ampliar os seus conhecimentos culturais, pois esse professor geralmente trabalha em tempo integral e provavelmente ganhará o piso da categoria, que é bem aquém da necessidade deste professor. “Percebe-se que o professor, ao longo da história do magistério, passou de centro da Pedagogia, a apêndice” (ARROYO, 2000, p.10).

Além disso, para esse empreendedor conseguir lucrar com esse negócio, ele não pode pagar um aluguel caro ou mesmo comprar um imóvel caro, pois ficaria inviável financeiramente manter o negócio, não gerando o lucro necessário. Sendo assim, essas escolas particulares, geralmente, são ambientes extremamente restritos onde não há espaço para que a criança possa correr livremente, com área verde, brincar e se desenvolver físico, motor e psicologicamente de forma plena, então ela acaba passando muitas horas em sua mesa e cadeira, dentro da sala de aula. Uma escola particular que consiga fornecer tudo isso, geralmente é uma escola de alto padrão, atendendo uma pequena elite social.

Sendo assim é só por meio da escola pública, financiada pelo Estado, que é possível termos educação de qualidade para todos, abarcando todas as suas diferenças sociais e culturais, em que o pleno desenvolvimento da criança é o foco principal e não o lucro, em que a criança é vista como um ser de direitos e não como cliente, que há espaço para brincar e correr livremente.



---

Existem histórias muito tristes sobre o prejuízo psicológico de crianças dentro de escolas particulares, mesmo aquelas de alto padrão, em que o mais importante é atender os interesses do capital. Um exemplo que foi dado por uma psicóloga em uma palestra da casa do Saber foi o seguinte: ela atendeu uma família de uma escola de elite de São Paulo, em que a família relata que a menina sofria bullying de um grupo de colegas da sala, porém alguns desses colegas eram de famílias influentes, ricas e muito respeitada pela escola e jamais foram advertidos, assim o bullying se manteve por muito tempo, sendo avaliado pela escola como “brincadeira de criança”, claramente a escola não queria quebrar a relação com essas famílias influentes, pois o relacionamento entre as partes era regido pela lógica de mercado e não pelas questões de proteção da infância e bem-estar da criança.

Além de todo o sofrimento cotidiano da criança que sofria o bullying, ela desenvolveu alguns problemas psicológicos, em razão das situações vivenciadas, como, por exemplo, uma vergonha muito grande do seu corpo, o que a levou a desenvolver sérios problemas de bulimia, e mesmo após tudo isso, a família não conseguiu trocá-la de período, da tarde para a manhã, pois segundo a escola não havia vaga no outro período. Esse é o tipo de proteção que esperamos para as crianças? Sejam elas ricas ou pobres, elas precisam estar protegidas, existem leis que regem a proteção das crianças, elas não são propriedades de suas famílias e nem dessas instituições de ensino.

Veja só a problemática da escola quando o que rege os seus princípios e lógica de funcionamento são as lógicas de mercado e não as leis regras e normas de proteção à infância.

Parece algo romantizado, mas toda criança é muito valiosa para a sociedade, ela é o futuro e é por meio dela que podemos ou não ter um mundo melhor, com lógicas mais justas de funcionamento social, por essa razão a escola é uma instituição que apesar dos muitos defeitos, deformidades e anomalias, é a instituição que possui um potencial de proporcionar uma infância valorizada em sua plenitude, em que ela pode ter ampliada a sua visão de mundo de si e do outro e apenas quando a escola é regida pelos direitos e proteção da infância é que ela pode atingir esse objetivo com propriedade.

Outra questão bastante importante sobre a lógica de mercado, a luz da escola, é a questão das diferenças sociais, ou seja, uma criança que estudou em um colégio de alto padrão, desde muito pequena, desde o seu início escolar e presta vestibular em universidade pública concorrendo com um aluno que estudou toda a sua vida na escola pública, possivelmente ocorrerá uma concorrência desleal onde não há equidade, ou seja, mantém-se a lógica da meritocracia, em que todos podem ter acesso, mas somente alguns conseguirão ascender na pirâmide social, haja vista o aluno da escola particular de alto padrão, passou a sua vida escolar inteira sendo preparado para o momento do vestibular, enquanto na escola pública essa criança vivenciou diversos tipos de conhecimento, bem como dificuldades e conflitos, sua experiência foi mais diversa, focada no pleno desenvolvimento da pessoa humana. A pergunta é, é justo para a criança da escola particular passar sua infância sendo preparada para o dia do vestibular? e é justo para a criança da escola pública esta concorrência tão desleal?

O Estado deveria proporcionar escolas de qualidade para todos, que privilegiasse a criança e seu pleno desenvolvimento. Estas escolas são totalmente possíveis para o Estado, apesar de sabermos de toda a questão de sucateamento da educação pública, ainda assim comparativamente a uma escola particular de pequeno porte, os professores de uma escola pública tem mais oportunidades de estarem melhor preparados, do que os da escola particular de pequeno porte, não porque os da escola particular não tenham capacidade, mas por que eles não tem tempo garantido de formação contínua, e, muitas vezes, nem dinheiro para investir no seu conhecimento. Enquanto na escola pública existe o momento em que esses professores são formados constantemente e estão sempre vivenciando momentos de reflexão sobre a sua prática pedagógica, algo que é levado bastante a sério na escola pública. Além disso, o professor da escola pública pode ser franco e transparente nos seus ideais e debater diferentes visões de mundo, seja com a coordenação pedagógica ou com a direção, sem medo de que possa ser desligado da empresa, ou seja, o professor, principalmente aquele que realiza uma educação de qualidade, que respeita a criança, o jovem e o adulto em sua plenitude, pode lutar por este ideal na escola pública, sem medo ou receio de enfrentar o sistema, em defesa de uma educação mais humanitária.

O professor da escola particular precisa obedecer ao pensamento do empreendedor, quando este entende que questões de gênero, questões de raça, de etnia, de diferença religiosa ou qualquer outra diversidade não seja importante e não necessita ser tratada, esse professor, bem como as crianças, não terão contato com a realidade do mundo. Um exemplo real disso, uma escola particular conceituada, em um bairro de classe média baixa, na cidade de São Paulo, ensinava no ano de 2019 para as crianças da educação infantil, que o lápis cor de rosa claro chamava-se lápis cor de pele, uma mãe tentando ensinar para seu filho, em casa, que aquele lápis se chamava lápis cor de rosa claro, pois existem infinitas cores de pele, precisou ir até à escola conversar com a coordenação pedagógica e a direção, que no caso

---

era dona da escola, sobre o conflito que estava vivenciando em sua casa, tentando ensinar para sua criança o que é certo: entender as diferenças pertinentes a raça e cor e que a cor branca não é a cor de pele prevalecente na sociedade, infelizmente esta família ouviu da dona da escola que sempre foi falado assim e sempre foi ensinado assim e que não havia nenhum problema nisso, ou seja, eu sou a dona da escola e sou eu quem define as regras, toda uma gama de crianças ainda estão sendo ensinadas erroneamente no processo de retrocesso na grave questão do racismo estrutural. Conforme Vygotsky precisamos “trabalhar com a importância do meio cultural e das relações entre indivíduos na definição de percurso de desenvolvimento da pessoa humana, e não propor uma pedagogia diretiva, autoritária” (OLIVEIRA, 2010 a, p.65).

Atualmente vivemos em um momento econômico onde o neoliberalismo tenta desmontar todos os órgãos públicos com a falácia de que apenas um empreendedor privado pode fazer uma boa administração. É muito falado que se os órgãos públicos fossem todos privatizados funcionariam muito melhor, esta falácia é dita a todo momento tanto por políticos quanto pelo povo, existe uma demonização do funcionalismo público, em que estes são tidos como folgados, trabalham pouco e ganham muito ou não querem trabalhar, além de serem incompetentes, quando, na verdade, esta é uma grande mentira vendida pela lógica capitalista, pois muitos funcionários públicos trabalham em ambientes precarizados.

Outra lógica da escola pública, comparativamente a escola particular é que a criança da escola particular precisa manter a lógica de produção da sociedade capitalista o tempo inteiro, com metas, provas, campeonatos, até os bebês e crianças bem pequenas, de uma escola particular, estão o tempo todo sendo expostas a práticas tais como carimbo de suas mãos, fotos e filmagens de momentos estáticos, montados para alimentar a necessidade de produção de seus pais, em que a escola apresenta aprendizados e vivências que não são integrais, enviam uma infinidade de materiais e produções das crianças, para casa das famílias, numa lógica de produção capitalista, a criança chega em sua casa com sua mãozinha carimbada em um papel, representando uma flor, um sol, um animalzinho, em que a professora pintou a mão desta criança, colocou no papel, fez toda a colagem, produziu aquela atividade e entregou para a família como se fosse uma atividade realizada plenamente pela criança, quando, na verdade, a criança nem se deu conta do que estava acontecendo, só foi usada de carimbo, ela não teve praticamente nenhuma interação naquela atividade e nem entendimento do porquê e como, ou seja, mantém-se a lógica capitalista de produção a todo custo, sem reflexão sobre a prática.

Já na escola pública toda atividade que é feita com as crianças e bebês desde tenra idade são sempre reflexivas ou deveriam ser, existe uma prática que é de respeito a criança, de que ela pode produzir sim, atividades materiais, arte, porém essa produção precisa ter sentido para a criança e não ser uma produção que alegrará seus pais, precisa ter sentido para criança dentro do seu contexto de entendimento do mundo e de si. Este é um dos parâmetros que regem a escola pública, infelizmente muitos pais da escola pública, por viverem também nesta lógica capitalista, criticam a falta de produção de atividades dos seus filhos, pois comparam com vizinho que estuda na escola particular e no final do ciclo, do bimestre, do semestre ou do ano, leva para sua casa uma gama de atividades dos seus filhos, porém estas atividades não fizeram nenhum sentido para essas crianças, não há prática reflexiva nem da escola e nem da criança, mas os pais estão felizes com o montante de atividades que estão levando para suas casas.

Segundo Nóvoa (2007) atualmente há uma perda social proveniente da escola, será este problema devido à escola pública? Ou seria devido ao apelo neoliberal das escolas particulares e, conseqüentemente, sua pressão por entregas também na escola pública?

[...] as crianças aprendem pouco, a estudar e a trabalhar. É um problema que se pode verificar nos países do sul da Europa, nas escolas portuguesas, italianas, gregas, em parte das francesas, e também nos países da América do Sul, diferentemente do que se vê nos países do norte da Europa, cujas escolas estão bastante focadas na aprendizagem do estudo, do trabalho, do trabalho autônomo, em grupo, no trabalho cooperativo. É central dispormos dessas ferramentas, principalmente quando se discute a importância da aprendizagem por toda a vida. (NÓVOA, 2007, p. 14)

Além disso, na escola particular espera-se que a criança no dia do índio seja vestida de índio, pintada de índio, que no dia da árvore ela vá com adereços relativos a este dia, que no dia da independência do Brasil ela pinte a bandeira, etc., ou seja, mantém-se a mesma lógica de produção e de superficialidade da sociedade neoliberal, já na escola pública no dia do índio geralmente segue a premissa que de é um dia para reflexão, tentando abordar todo o contexto e problematizar a trajetória dos povos originários brasileiros, dos indígenas.

---

No dia da consciência negra a escola particular, muitas vezes, nem se dá conta dessa data, pois não há crianças negras estudando nessa escola, já na escola pública esse é um dia de grande importância, pois nela existem muitas crianças negras, sendo um dia de muita reflexão e de muitos aprendizados. Na escola pública há constante reflexão sobre a prática, as urgências do mundo demandam mudança, sejam elas sociais ou econômicas, essas reflexões costumam agregar a todos, conforme Paulo Freire enfatizava:

Práxis, que, sendo reflexão e ação verdadeiramente transformadora da realidade, é fonte de conhecimento reflexivo e criação. Com efeito, enquanto atividade animal, realizada sem práxis, não implica criação, a transformação exercida pelos homens a implica. (FREIRE, 2005, p. 106)

Sendo assim só uma escola pública, onde a gestão é democrática, dentro dos limites possíveis para isso, em que os professores têm lugar de fala e voz, em que as famílias podem participar do conselho e terem o seu lugar de fala e escuta, em que as crianças são diferentes e todas acolhidas de maneira que haja um recorte social mais realista e que essas crianças possam aprender a conviver com as diferenças e aprender com elas. Este é um mundo mais justo, mais adequado e que trará um resultado mais positivo para a sociedade, apesar de toda a problemática que a escola pública ainda vive, de todo seu sucateamento, é apenas com ensino público que podemos atingir um nível de igualdade e equidade social, acarretando um mundo melhor para todos. Inclusive a LDB coloca sobre a importância da formação para a cidadania.

A escola como ato social foi evidenciada pelo pedagogo Émile Durkheim (ALPERT, 1945), que defendia a postura social que a escola e a educação em si, devem ter.

Existe mais uma questão voltada para a falácia de que a escola pública é inferior a particular, criando uma falsa impressão de que por que é pago, é melhor, quando na realidade a situação é muito mais complexa que isso. Há quem interessa esta imagem negativa a respeito da escola? será uma criação neoliberal? ou é proveniente de uma sociedade que não obteve uma educação realmente reflexiva, que consiga tirar conclusões menos superficiais como essa?

A imagem de que a escola pública é inferior, tem um reflexo nas famílias, nas crianças e jovens que estudam nestas escolas, de que eles são menos capazes, de que eles estão perdendo algo muito valioso e que não conseguirão atingir os níveis de excelência do aluno da escola particular, contribuindo para que isso realmente ocorra, haja vista o potencial psicológico, autoimagem e autoestima dessa criança e adolescente ficarão comprometidos diante de uma impressão de que eles são menos inteligentes ou tem menos acesso a uma educação de qualidade, fazendo abandonar sonhos, desejos e vontades e dando espaço para que os seus pares que estão em escolas particulares, tenham sua autoestima e esperança no futuro bem maiores.

Faz se urgente uma defesa da escola pública, são inúmeros ataques e informações falaciosas a respeito desta instituição tão importante, usam métricas estatísticas e dados tais como os resultados no PISA de que a educação brasileira vai mal, geralmente referenciando a educação pública, quando isso representa apenas uma métrica do quantitativo de informações e ensino cartesiano que aquele aluno absorveu, com uma lógica capitalista de preparação para o futuro, mais próxima de uma educação bancária do que propriamente uma educação reflexiva, voltada para o bem viver, tal como a avaliação do país pelo PIB, que nada diz sobre a felicidade e bem-estar social da população. De acordo com Oliveira (2000), tentam “introjetar na esfera pública as noções de eficiência, produtividade e racionalidade inerentes à lógica capitalista”. (p. 331)

Sobrinho (2002), tem contribuído para aprofundar as discussões sobre o significado dos exames nacionais em relação à melhoria da qualidade da educação. Ele elucida que ao considerarem a objetividade e as provas estatísticas como suficientes para avaliar a educação, deixam de lado uma parte essencial da realidade que envolve valores, idiosincrasias, necessidades, habilidades, que não pode ser expressa em expressões matemáticas e estatísticas.

Fala-se muito sobre a escola pública “formar” bandidos e nela estarem maus elementos, quando o problema não está na escola, pelo contrário, ela pode vir a resgatar muitos jovens, e sim do sistema neoliberal vigente que joga grande parte da população à margem, a desesperança de entrar na rodovia capitalista e competir de igual para igual.

## CONCLUSÃO

É preciso defender a educação para combatermos a voucherização da educação, jogando as crianças que precisam de educação de qualidade, ainda mais à margem, sendo submetidas a toda problemática da educação particular de má qualidade, pois há uma grande inverdade na afirmação de que basta o ensino ser pago, basta a escola ser particular, para que este seja de qualidade.

Enfim, após avaliar diversas questões concernentes à problemática da escola pública versus a escola particular, entendemos que há um conflito de interesse muito grande na escola particular, que é o interesse econômico versus as reais necessidades das crianças. A escola pública precisa resgatar seu prestígio social e entender todo o potencial que ela tem no seu corpo docente e discente, por uma sociedade mais justa e plena.

Muito se fala que o gasto público na educação brasileira é muito acima do que a de diversos outros países ricos, porém o Brasil tem população e tamanho continentais, ou seja, este tipo de análise é incompleta e enviesada. A análise mais adequada seria o cálculo de investimento por aluno e neste sentido vemos os seguintes percentuais, segundo levantamento do site da revista Exame, publicado em setembro de 2019;

De acordo com os dados, em 2016, o governo brasileiro gastou 4,2% de seu Produto Interno Bruto (PIB) em investimentos educacionais. A média da OCDE é de 3,2%.

Ao mesmo tempo, o gasto por aluno da rede pública é menos da metade do valor investido nos países desenvolvidos.

Na educação fundamental, o Brasil paga US\$ 3,8 mil por aluno enquanto a OCDE investe US\$ 8,6 mil. Já no ensino médio, o gasto nacional é de US\$ 4,1 mil, ao passo que nos países da organização o valor chega a US\$ 10 mil.

Quando ouvimos que o ensino público gasta muito e não traz resultados, entendemos, a partir da análise de alguns dados e avaliando o campo, que não passa de uma narrativa neoliberal, tentando depreciar um bem público, a fim de levar o capital dedicado a educação, a alguns “investidores” que se beneficiarão, sucateando ainda mais a educação, pois com o investimento que é feito hoje e que poderia ser repassado à iniciativa privada, seria impossível remunerar bem os professores, ter uma infraestrutura adequada, alimentação saudável, uniforme e material didático gratuito, dentre outras coisas.

No imaginário dos menos informados a escola pública privatizada se tornaria um colégio de ponta, como Bandeirantes, Porto Seguro, Dante Alighieri, dentre outros, porém verificando o valor das mensalidades destes colégios, bem como o salário de seus professores, é, sem dúvida, uma educação de qualidade, porém ela tem um custo e este é bem maior do que o governo está disposto a pagar, além disso, estes colégios tem um ou mais investidores por trás do “negócio”, que precisam lucrar em cima dele, ou seja, há uma complexidade bem maior o que é vociferado por alguns atores sociais com visão limítrofe ou interesses escusos.

Também há a problemática deste discurso no inconsciente coletivo de professores e alunos da rede pública, que convivem com um discurso neoliberal de que escola pública é sinônimo de baixa qualidade. Para as crianças e jovens é ainda pior, pois este sentimento pode causar certa desesperança e impossibilitar a construção de uma trajetória de sucesso, nos moldes apregoados pelo neoliberalismo. O conceito de inconsciente coletivo de Jung nos conta que “a hipótese do inconsciente coletivo é algo tão ousado como a suposição de que existem instintos. Podemos admitir sem hesitação que a atividade humana é em grande escala influenciada por instintos - abstração feita das motivações racionais da mente consciente”, ou seja, existe um inconsciente coletivo que pode estar sendo construído naturalmente em diversos temas coletivos e pode existir uma narrativa sendo construída por interesses específicos, frutos de narrativas capitalistas.

A escola precisa ser lugar de reflexão, onde os atores envolvidos estão em constante interação e embate de ideias, professores e alunos ensinando e aprendendo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS / DOCUMENTAL BÁSICO

ALPERT, Harry. **Durkheim**. México: Fundo de Cultura Económica, 1945.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: Imagens e auto-imagens**. Petrópolis: Vozes. 5ª ed. 2000. 251 p.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 48ª ed. 2005. p.213



---

GOMES, Marcos Antonio de Oliveira. A questão da educação pública: sinônimo de educação estatal? **Revista Espaço Acadêmico**, nº 90, novembro de 2008.

OLIVEIRA, D. A. A gestão democrática da educação no contexto da reforma do Estado. IN: FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. Â. S. (Orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez, 2000.

NÓVOA, António (Org). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto, 1995

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento em um processo sócio histórico**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2010 a. (coleção pensamento e ação na sala de aula).

PUCCI, B. A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação. IN: ZUIN, A. A. S; PUCCI, B; OLIVEIRA, N. R. (orgs). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011

Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9393/96. Brasília: 1996.

SOBRINHO, J. D. **Universidade e avaliação: entre a ética e o mercado**. Florianópolis: Insular, 2002.

JUNG. C. G. (2000). **Arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes.

FREIRE, PAULO. **Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Editora Olho d'Água, 1997.

FREIRE, PAULO. **Política e Educação**. São Paulo, Cortez Editora, 1993.

<https://exame.com/brasil/brasil-gasta-por-alunos-menos-da-metade-do-que-paises-da-ocde/> Por Clara Cerioni, publicado em: 11/09/2019 às 16h50



---

#### **Patrícia Mendes Cavalcante de Souza**

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho, UNINOVE, SP. Bacharelado e Licenciatura em Letras pela Universidade São Judas Tadeu, SP. Bacharelado em Administração PELA Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, FECAP, SP. Pós-graduação Lato Sensu em Práticas Educativas, Criatividade, Ludicidade e Jogos pela Faculdade de Educação Paulistana, FAEP, SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## A ARTE E SUA IMPORTÂNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

QUITÉRIA MARIA DA SILVA BARROS

**RESUMO:** Essa pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica com o foco voltado à Arte e a Educação. Dentro desse tema, o objetivo deste artigo é relatar qual é o propósito do ensino de artes na educação infantil, para isso, apresentamos alguns conceitos sobre o trabalho com a música e a dança na Educação Infantil. A Arte é um componente importante do desenvolvimento de qualquer criança porque ensina habilidades de trabalho em equipe, analíticas e criativas. Essas habilidades são muitas vezes deixadas de fora dos currículos tradicionais que enfatizam habilidades técnicas, como matemática e ciências, para preparar os alunos para as próximas séries em um campo de estudo gratificante. A Arte também pode ajudar as crianças a resolver quaisquer frustrações em suas vidas, oferecendo um meio saudável e expressivo. Além disso, a exposição à arte e a possibilidade de desenvolver a sua própria arte proporcionam às crianças uma experiência mais diversificada que pode ajudá-las também na sala de aula, permitindo-lhes mais oportunidades para uma experiência de aprendizagem aprimorada. Essa pesquisa irá apresentar a história do ensino de Arte no Brasil e alguns aspectos da legislação pertinente ao tema. Esse artigo foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, com a corroboração de autores que denotam sobre o tema em questão. Como conclusão nota-se que a Arte é parte fundamental para o desenvolvimento pleno e significativo das crianças desde a Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Arte. Corpo. Dança. Expressão. Linguagens. Movimento. Música.

### INTRODUÇÃO

O tema central deste artigo versará sobre Arte e Educação. Um dos intuitos desta pesquisa é apresentar a história do ensino de Arte no Brasil e alguns aspectos da legislação pertinente ao tema.

A Arte sempre esteve presente na história da educação escolar e dependendo da época e do contexto social no qual estava inserida, assumia diferentes papéis e princípios na escola.

Ao longo dos anos o conceito de Arte foi adquirindo diferentes interpretações. Segundo as orientações curriculares do MEC são divididas as especificidades do conhecimento artístico em quatro modalidades: Música, Teatro, Dança e Artes visuais. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais/Artes para o Ensino Fundamental, Referenciais Curriculares para a Educação Infantil e Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio trataram de explicitar os conteúdos de música, artes cênicas, artes visuais e dança e suas metodologias específicas. O trabalho com as Artes Visuais na Educação Infantil deve respeitar as peculiaridades das crianças e o seu nível de desenvolvimento, favorecendo o processo de criação das mesmas.

O educador deve intervir proporcionando o contato com diferentes objetos agindo intencionalmente com o intuito de enriquecer a ação desenvolvida pela criança.

Na sala de aula a Arte é um componente crucial para o desenvolvimento pessoal de uma criança. As crianças também têm a oportunidade de aprimorar suas habilidades motoras através da Arte. Os processos cognitivos envolvidos em aprender a desenhar com precisão, escolher as cores e formas certas e criar trabalhos detalhados ajudam as crianças a desenvolver as habilidades motoras associadas a essas tarefas.

### PROCESSO HISTÓRICO DAS ARTES

No Brasil, o processo histórico em defesa do ensino de Artes teve como grande influência os movimentos internacionais em defesa da Arte Educação, esses movimentos direcionaram o movimento interno do país em favor do ensino de Artes.

---

Mais tarde na Reforma de Fernando de Azevedo (1928), instituiu o jardim de infância e incluiu a musicalização para crianças e ensino de música nos diversos cursos. As concepções modernistas de ensino de Artes ainda se encontravam fora do espaço da escola regular no Brasil.

Durante os anos 1960 houve mudanças na organização da educação nacional, a inclusão do ensino de Artes iniciou-se com a deliberação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961), que propôs, no artigo 38, § 4º, “Atividades complementares de iniciação artística”. No Governo Militar ocorreu uma reforma educacional no Brasil, expressa na Lei Federal 5.692, de 11 de agosto de 1971. A partir dessa Lei, foi estipulada a inserção da Educação Artística nas séries iniciais do ensino fundamental.

De acordo com o artigo 7º: “Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programa de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus”. Com a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5692/71 a Educação Artística foi instituída no currículo reunindo todos os tipos de linguagem, porém esta lei não previa a formação e a qualificação dos professores.

A LDBEN 9394/96 em seu artigo 26º dispõe que: o ensino de Artes constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

A linguagem musical possui uma estrutura e algumas características próprias, entre elas temos a produção, que é centrada na experimentação e na imitação; a apreciação que trata da percepção tanto dos sons e silêncios quanto das estruturas e organizações musicais; e a reflexão que traz questões referentes à organização, criação, produtos e produtores musicais.

Os conteúdos para o trabalho com música na educação infantil com crianças menores, devem abranger alguns conceitos, dentre eles: a exploração de materiais e a escuta de obras musicais para propiciar o contato e experiências com a linguagem musical; o som e o silêncio; a vivência da organização dos sons pelo fazer e pelo contato com diferentes obras e a reflexão sobre a música como produto cultural do ser humano.

As crianças menores podem ter contato com a prática musical por meio das brincadeiras e atividades lúdicas que desenvolvem a percepção, um exemplo deste tipo de atividade é quando o professor canta para os bebês e a criança passa a imitar alguns sons e ruídos. As canções de ninar, os brinquedos sonoros e as brincadeiras com sons e palmas também contribuem para repertoriar a música na educação infantil, favorecendo a interação, por meio da criação, dos gestos, da imitação e das expressões corporais.

O professor pode aproveitar situações em que há um maior interesse das crianças para transformá-las em improvisos musicais, na forma de jogos, que estimulam a memória auditiva e musical, as crianças podem criar pequenas canções e trabalhar com rimas utilizando os elementos do dia a dia em sala de aula.

## A ARTE E A EDUCAÇÃO

A Arte sempre esteve presente na história da educação escolar e dependendo da época e do contexto social no qual estava inserida, assumia diferentes papéis e princípios na escola. Ao longo dos anos o conceito de Arte foi adquirindo diferentes interpretações: a Arte como técnica, como expressão, como linguagem, como comunicação, produção de materiais artísticos e como lazer.

Segundo Barbosa (2006) desde o início do século XX, havia uma preocupação central a respeito do ensino da arte para que houvesse a sua implantação nas escolas primárias e secundárias e a sua obrigatoriedade. A autora destaca a presença do desenho linear, geométrico, figurado, de ornato ou arte decorativa como conteúdos, no campo da arte, que dominavam no ensino da escola primária e secundária nas primeiras décadas do século. Essa influência adveio da Escola de Belas Artes e do Liceu de Artes e Ofícios, pois o domínio da técnica prevalecia nesses lugares.

Ainda conforme a autora a abordagem mais contemporânea da Arte Educação no Brasil está relacionada ao desenvolvimento cognitivo, que vem se impondo cada vez mais entre os arte/educadores brasileiros. Essa compreensão nos impõe a pensar de maneira diferente o ensino de arte na educação escolar, provocando o deslocamento das nossas preocupações relacionadas à questão de “como se ensina arte” para “como se aprende arte”.

De acordo com Barbosa (1991) nas últimas décadas do século XX, no Brasil, educadores ligados à Arte têm empreendido o movimento de resgate de sua valorização profissional e da valorização da

---

Arte como um conhecimento que deve estar presente nos currículos em todos os níveis de ensino. Articulam, assim, diretrizes diferentes para a presença desse conhecimento na escola. Essas diretrizes emergem como fruto da luta em defesa da presença da Arte no currículo e de mudanças conceituais no seu ensino. Mudança e valorização conceitual no intuito de devolver —Arte à educação e favorecer a todos o acesso aos códigos artísticos e às possibilidades de expressão desses códigos. O objetivo daqueles que acreditam nesses pressupostos conceituais é contribuir para a difusão da Arte na escola, garantindo a possibilidade igualitária de acesso ao seu conhecimento.

É preciso levar a Arte, que está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se patrimônio cultural da maioria.

Na sala de aula, o tratamento da Arte baseia-se em três dimensões: Arte como linguagem, como expressão da cultura e como conhecimento. A Arte como linguagem no sentido de realizar leituras e estabelecer sentidos interpretando as relações da mensagem artística; a Arte como expressão da cultura no sentido da preocupação com a influência cultural, observar a arte em sua relação com a cultura, melhor entendendo as obras artísticas; a Arte como conhecimento no sentido de entendê-la como qualquer outra área do conhecimento, vivenciado e refletido pelas crianças.

Segundo as orientações curriculares do MEC, a partir de 1995, são divididas as especificidades do conhecimento artístico em quatro modalidades: Música, Teatro, Dança e Artes visuais. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais/Artes para o Ensino Fundamental, Referenciais Curriculares para a Educação Infantil e Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio trataram de explicitar os conteúdos de música, artes cênicas, artes visuais e dança e suas metodologias específicas.

Com a sanção da Lei 11.769 em agosto de 2008 o ensino de música tornou-se conteúdo obrigatório, mas não exclusivo no ensino curricular de Arte, alterando o Artigo 26º da LDBEN de 9394/96, trazendo a possibilidade da implantação efetiva do ensino de música nas escolas de uma forma mais abrangente.

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas. (BRASIL, 1997, p.19)

Segundo Brasil (1998) o professor deve utilizá-lo como um procedimento de atividades lúdicas para crianças de 0 à 6 anos. Segundo esse documento, o professor em sua prática deve garantir uma série de elementos que possibilite o desenvolvimento da criança, favorecendo ao conhecimento e a compreensão das mais variadas produções com a manipulação de vários materiais, nesse processo, as opiniões das crianças devem ser ouvidas e respeitadas.

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (BRASIL, 1998, p. 85)

O trabalho com as Artes Visuais na Educação Infantil deve respeitar as peculiaridades das crianças e o seu nível de desenvolvimento, favorecendo o processo de criação das mesmas. O educador deve intervir proporcionando o contato com diferentes objetos agindo de forma intencional com o intuito de enriquecer a ação desenvolvida pela criança.

O educador deve compreender o desenho da criança como um processo de criação e como uma forma de linguagem, deve deixar a criança livre para criar e representar aquilo que deseja, as marcas deixadas pelas crianças são únicas e valiosas quando pensamos no verdadeiro sentido de criação e arte.

Privilegiando as diversas formas expressivas, utilizando-nos de diferentes linguagens (fala, jogos, dramatização, música, dança, desenho, pintura, literatura, argila), ampliamos a ideia de arte para além da técnica – como expressividade, comunicabilidade. E expressar-se livremente é, antes de tudo, direito inalienável de crianças e adultos. (LEITE, 1998, p. 149)

O educador deve conduzir o processo educativo dando significado aquilo que a criança aprende, incluir a Arte no currículo escolar, não é suficiente para a garantia de aprendizado, a Arte deve estar



---

integrada as demais áreas do conhecimento e tornar possível que a criança aprenda e compreenda o seu conteúdo de forma relevante e significativa.

Para que as crianças tenham possibilidades de desenvolverem-se na área expressiva, é imprescindível que o adulto rompa com seus próprios estereótipos [...], assim, o professor tem que estar sempre presente e fazer parte do processo de descoberta da criança, desprezando os estereótipos e abrindo a mente para novas idéias e novos materiais, não só entendendo, mas vivenciando as linguagens da arte com a criança. (CUNHA, 1999, p.10).

A Arte na educação infantil pode ser vista de diferentes pontos de vista, para a criança a arte é uma forma de expressão onde ela é capaz de utilizar o lúdico e o imaginário como fontes de inspiração e o professor deve estar atento para fornecer os elementos e as condições necessárias para auxiliar as crianças em suas criações, realizando as intervenções necessárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término desta pesquisa e análise dos elementos apresentados pode-se considerar que a Arte sempre esteve presente na história da educação escolar e dependendo da época e do contexto social no qual estava inserida, assumia diferentes papéis e princípios na escola. Ao longo dos anos o conceito de Arte foi adquirindo diferentes interpretações.

A análise evidenciou que o educador deve conduzir o processo educativo dando significado aquilo que a criança aprende, incluir a Arte no currículo escolar, não é suficiente para a garantia de aprendizado, a Arte deve estar integrada as demais áreas do conhecimento e tornar possível que a criança aprenda e compreenda o seu conteúdo de forma relevante e significativa.

Desta maneira afirma-se que o trabalho com as Artes Visuais na Educação Infantil deve respeitar as peculiaridades das crianças e o seu nível de desenvolvimento, favorecendo o processo de criação das mesmas.

O educador deve intervir proporcionando o contato com diferentes objetos agindo intencionalmente com o intuito de enriquecer a ação desenvolvida pela criança.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Ana Mae. **Arte Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Arte Educação no Brasil: do modernismo ao pós-modernismo**. São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.revista.art.br/site-numero00/anamae.htm> Acesso em: 25/03/2022.
- \_\_\_\_\_. **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Brasília, 1988.
- BRASIL. MEC, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB 9394, de 20 de dezembro de 1996.
- \_\_\_\_\_. MEC. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12579:educacao-infantil&Itemid=1152](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12579:educacao-infantil&Itemid=1152) Acesso em: 25/03/2022.
- \_\_\_\_\_. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental**. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.
- CUNHA, Susana Vieira da (org). **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Mediação, 1999. (**Cadernos de Educação Infantil, n. 8**).
- LEITE, Maria Isabel. **Desenho infantil: Questões e Práticas Polêmicas**. In: KRAMER Sonia; LEITE Maria Isabel. **Infância e Produção Cultural**. Campinas: Papirus, 1998.



---

### Quitéria Maria da Silva Barros

Graduada em Pedagogia, em 2008 pelo Centro Universitário Nove de Julho, UNINOVE, SP. Graduada em Artes Visuais, em 2016, pela Faculdade Mozarteum, FAMOSP, SP. Pós Graduada em Arte na Educação, em 2016 pela Faculdade Associada Brasil. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---

## O TDAH NO CONTEXTO ESCOLAR

SIMONI ALVES PEREIRA ALMEIDA

**RESUMO:** Esse artigo tem como objetivo buscar reflexões sobre O TDAH no contexto escolar. O método foi baseado em uma pesquisa bibliográfica, com autores que corroboram com o tema. Embora os sintomas do TDAH apareçam na idade pré-escolar, é na idade escolar que as dificuldades vão se manifestar, seja no desempenho acadêmico ou na interação escolar. Alunos com TDAH constantemente apresentarão dificuldades nas áreas de comportamento e aprendizagem, porém, aumentar a probabilidade de êxito de cada aluno requer uma variedade de estratégias comportamentais e de aprendizagem, visando à solução dos problemas nessas áreas. Conclui-se que a escola no processo de ensino e aprendizagem de alunos TDAH, deve ser capaz de organizar seu tempo e espaços mais flexíveis e modificar as estratégias de ensino, de modo a adequá-las ao estilo de aprendizagem e às necessidades de todos os alunos, inclusive os com TDAH. Além disso, trabalhar com a criança com TDAH requer o estabelecimento de algumas estratégias e intervenções de forma a facilitar as dificuldades do transtorno. A motivação do aluno pode facilitar também na aprendizagem.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Comportamento. Dificuldades. Educação.

### INTRODUÇÃO

De acordo com Andrade (2006), as escolas não estão preparadas e, todavia precisam aprender, pois mesmo as famílias com poder aquisitivo elevado, as quais podem recorrer a escolas particulares, os pais encontram problemas, imagine nas escolas públicas.

Conforme o mesmo autor afirma, infelizmente, com a implantação da progressão continuada, onde o aluno passa automaticamente de série independentemente do seu aprendizado não ter sido satisfatório, muitas crianças só descobrem que possuem o problema quando chegam ao quinto ano e sequer sabem ler. Aliás, diante de uma sala de aula com uma turma não inferior a 30 alunos, de fato é extremamente difícil um professor conseguir dar atenção individualizada e acompanhar as dificuldades.

Phelan (2005) afirma que há duas regras básicas a serem realizadas em sala de aula: primeiro, essas crianças estão na escola para aprender; há uma tarefa a ser realizada.

O sistema de ensino atual e algumas pedagogias existentes tentam padronizar os alunos, conseqüentemente, acreditam que todos devem corresponder do mesmo modo (Benczik, 2002). Dessa forma, aquele que é diferente ou tem outro ritmo de aprendizagem é visto como aluno problema ou com dificuldade de aprendizagem.

Benczik, (2002) aponta algumas estratégias que podem facilitar o trabalho com crianças com TDAH, dentre elas:

Planejar o ambiente escolar desenvolvendo atividades de forma organizada, de modo que a redução de estímulos seja feita somente em momentos adequados, sempre utilizando os que serão úteis para o desenvolvimento de uma atividade;

Durante o processo de ensino e aprendizagem deve-se reforçar a atenção em atividades que não sejam monótonas, incorporar atividades físicas no processo de aprendizagem; utilizar giz de cera de cores variadas para destacar aspectos importantes do conteúdo, ensinar técnicas para a criança de como fazer resumo, listas de anotações, calendário de compromisso;

Na Disciplina: estabelecer limites de forma clara e objetiva, ou seja, solicitar a ajuda do aluno para que ele auxilie junto ao professor ou a outra criança;

---

Com relação às tarefas: Apresentar os pontos significativos para sua execução; estabelecer uma sequência do grau de dificuldade, uma vez que a criança com TDAH tem baixa tolerância à frustração;

Quanto à avaliação: Não enfatizar o fracasso, uma vez que a criança com TDAH possui baixa autoestima e sem o encorajamento e elogios elas retrocedem; focalizar mais o processo que o produto enfatizando mais a qualidade do que a quantidade, sempre estar atento ao talento da criança, percebendo o que ela tem de especial e o que pode enriquecer o ambiente escolar.

Ainda que os sintomas do TDAH apareçam na idade pré-escolar, é na fase escolar que as dificuldades vão se manifestar, seja em termos de desempenho acadêmico, seja na interação com as pessoas, por isso se faz necessária a intervenção psicopedagógica, pois a criança com TDAH, muitas vezes fica atrasada em termos de conteúdo teórico em relação às outras crianças.

Assim, considerando-se as várias interfaces que se estabelecem na questão escolar da criança com TDAH, deve-se considerar que é de fundamental importância que a escola esteja aberta às diversidades e, portanto, capaz de lidar com os vários ritmos de aprendizagem e que se disponibilize a romper modelos rígidos, adequando recursos e metodologia às necessidades individuais dos alunos.

É aconselhável escolher uma escola que tenha a preocupação com o desenvolvimento global do aluno, em vez de uma que vise a algum tipo específico de sucesso: acadêmico, artístico, esportivo.

A escola que melhor atende às necessidades dos portadores de TDAH é aquela cuja preocupação maior esteja em desenvolver o potencial de cada um, respeitando as diferenças individuais, reforçando seus pontos fortes e auxiliando na superação dos pontos fracos, pois eles precisam de apoio e intervenção psicopedagógica mais intensos. (BENZICK, 2003, p.204)

Levando-se em consideração as estratégias supracitadas, é importante que a escola conheça sobre o transtorno. Se pouco souber, que procure saber, demonstre interesse em aprender e esteja disponível para isso. Dessa forma, será possível estabelecer uma relação de parceria entre família e escola para que, juntos, e apoiados nos profissionais de saúde, possam decidir estratégias adequadas melhor para a criança.

## A EDUCAÇÃO DO ALUNO COM TDAH

Nota-se que a educação escolar tem um papel fundamental na formação do indivíduo com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. Assim sendo, cabe ao educador criar formas de lidar com essas crianças, pois elas possuem inúmeras possibilidades a serem desenvolvidas.

Na visão de Scandar (2009), ser educador de crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é uma tarefa bastante difícil, já que requer do docente muita dedicação, tolerância e, acima de tudo, conhecimento sobre o assunto e suas implicações na aprendizagem, pois o mesmo pode acarretar na criança atrasos escolares e até levá-lo ao fracasso escolar.

Observa-se diante do exposto, que o TDAH é um fator de risco para o baixo desempenho acadêmico das crianças, em razão do seu comportamento agitado e desatento, pois essas, além de terem maiores chances de serem repreendidas e castigadas podem ter outros problemas associados que irão dificultar não só no processo de ensino e aprendizagem, bem como em seus relacionamentos interpessoais.

Para Shettini (1997), é no ambiente escolar que o aluno com TDAH, necessita receber orientação apropriada para que ele possa alcançar um bom resultado adequando-se à sua capacidade, visto que, do contrário, o mesmo pode isolar-se ou ter outros problemas.

Nessa mesma linha de pensamento, Mattos (2003) afirma que alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade são penalizados pelo método tradicional de ensino, uma vez que o mesmo exige que eles permaneçam imóveis, na maioria das vezes sentados em carteiras desconfortáveis, tendo que manter a atenção e seguir regras.

Entretanto, de acordo com o mesmo autor, é importante frisar a diferença entre as dificuldades em se adaptar ao sistema educacional e a impossibilidade de aprendizagem, dado que muitas crianças que apresentam esse transtorno são muito inteligentes e se lhe forem oferecidas oportunidades, certamente poderão ter bom êxito.

Os alunos com TDAH apresentam dificuldades no processamento das informações, que comprometem as faculdades cognitivas de atenção e memória, bem como a motivação para aprender.

---

Tendo por objetivo adequar o processo de ensino e aprendizagem às reais capacidades desses alunos, o professor precisa criar e manter um ambiente estruturado e estável, informando o aprendiz sobre os objetivos concretos das tarefas, mediante instruções não somente orais, mas também visuais.

Importado mesmo modo, a disposição das cadeiras em fileira, o estabelecimento de rotina com regras da sala, períodos curtos para a realização de tarefas, como também a alternância do exercício intelectual e físico, permitindo, assim, a movimentação regular do aluno.

As metodologias de ensino e avaliação devem enfatizar estratégias intencionais, com o uso de frases curtas, claras e objetivas; conceitos chave; pausas periódicas durante as explicações e organização das informações com os conhecimentos já construídos pelo aluno. (ALENCAR, 2006, p. 315-316)

Deste modo, cabe à escola adaptar métodos no processo de ensino e aprendizagem desse aluno, de modo a estimular suas capacidades e habilidades. As atividades devem favorecer a estruturação e coordenação de suas próprias ações, para que o mesmo consiga criar, criticar, descobrir e reinventar o conhecimento.

Segundo Goffredo (2011), para oferecer um ambiente estimulante à criança com TDAH é preciso uma grande diversidade de materiais pedagógicos, considerando que os de fabricação própria, principalmente com o uso da sucata, são mais convidativos do que aqueles adquiridos no mercado.

Diante de todo o contexto, nota-se que tais propostas reforçam a ideia de que é por meio dos estímulos que se proporciona o interesse da criança com TDAH pelas atividades escolares.

Portanto, é necessário que o professor adote uma posição de orientador e de facilitador da aprendizagem, criando estratégias metodológicas, de modo a desafiar permanentemente esse aluno a desenvolver suas potencialidades. Sendo assim, a criança com transtorno de déficit de atenção não tem que ser estigmatizada ou excluída da escola ou do direito de aprender, já que elas necessitam que a sociedade lhes assegure o respeito à sua individualidade e reconheça as suas capacidades.

## O PROFESSOR E A APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM TDAH

Para falar sobre a educação escolar da criança com TDAH é necessário evidenciar que o educar terá muita importância com a parceria entre a família, a escola e o aluno, sendo o professor o mediador deste processo.

Cardoso (2007) afirma que deve haver um diálogo entre pais, professores, psicopedagogo e psicólogo no que diz respeito à criança hiperativa. Diante disso, a relação pais, professor, psicólogo e psicopedagogo se torna frequente e indispensável para o bom desenvolvimento da criança hiperativa.

De acordo com Phelan (2005), no momento em que a criança é diagnosticada com TDAH, os pais devem estar envolvidos ativamente com professores e outros profissionais da educação, sendo que os sintomas do TDAH são tipicamente mais evidentes dentro do âmbito escolar.

Porém, os pais não devem se esquecer de informar à escola com relatório médico do profissional que acompanha a criança para que os profissionais como professores, psicopedagogo possam dar apoio para o estudante com TDAH, pois esses profissionais devem ser de grande ajuda para os alunos e pais no que diz respeito às necessidades educacionais da criança.

Martins (2008) defende que a criança que apresenta sintomas de TDAH, necessita ser compreendida pela sociedade e a instituição de ensino, com o intuito de evitar fracassos escolares e sociais futuros. Muitas vezes o TDAH, por falta de informações adequadas sobre o transtorno, falsas interpretações são transmitidas, e dessa forma, o TDAH é confundido com questões de comportamento, como má educação, falta de limite e incapacidade dos professores e pais em manter a disciplina.

Lidar com a criança com diagnóstico de TDAH na escola é um desafio, pois nas instituições de ensino tem-se uma organização hierárquica com horários fixos, lugares determinados e padrões de comportamento do aluno. No entanto, o TDAH deve ser considerado como uma dificuldade real que está presente no meio social e que necessita de compreensão e intervenções pensadas e planejadas por professores.

Para Cardoso (2007), são incessantes as reclamações de professores com relação às dificuldades de lidar com crianças que demonstram comportamentos inadequados, excesso de atividade motora, desatenção e impulsividade nas relações sociais e realizações de atividades.



---

Porém, é importante salientar que quando os professores entendem exatamente o seu papel educacional e decidem compartilhar informações e experiências em favor do aluno aplicando novos métodos de ensino e aprendizagem adequados e de qualidade que farão parte de suas ações pedagógicas. É importante conhecer as dificuldades que elas possuem e estar a par de todas as informações atuais, ser paciente, desenvolver relações interpessoais, sem limitar-se a transmitir conteúdos, mas criar a possibilidade para que, de fato, a aprendizagem aconteça.

Cardoso (2007) relata ainda a necessidade de o professor conhecer os sintomas do TDAH e afirma que o mesmo necessita buscar informações por meio de pesquisas, reflexões e estudos sobre os processos de ensino e aprendizagem, pois tais conhecimentos servirão como base para o professor para que ele tenha uma visão mais ampla sobre o problema e suas consequências.

Deste modo, o professor poderá evitar rótulos e afirmações errôneas e indesejáveis nas relações interpessoais que surgem no ambiente escolar direcionado à criança que apresenta TDAH.

Conhecendo a complexidade de se trabalhar com crianças com TDAH, conhecendo o dever de ensiná-las e educá-las, torna-se ainda mais necessário desenvolver um trabalho diferenciado para atender às suas necessidades.

De acordo com Cardoso (2007), não são todas as escolas que estão preparadas para se trabalhar as diversidades com relação a talento e estilos diferentes de aprendizagem dos alunos, e seria de suma importância o ambiente escolar ser capaz de trabalhar com várias modalidades, como: arte, música, esporte, dança, e várias outras formas de aprendizagem apreciadas pelas crianças e que desenvolvam habilidades.

O comportamento inadequado mostrado pelos alunos com TDAH frequentemente interrompe a concentração de seus colegas e geralmente resulta em relações pobres com os demais alunos. Adicionalmente, esses problemas geralmente são acompanhados por outros associados (por exemplo, baixa autoestima, depressão) que pode afetar significativamente a aprendizagem. (BENCZIK, 2002, p.35)

O professor sendo conhecedor das dificuldades e consequências que o TDAH trás a criança, poderá mudar a sala de aula para um ambiente motivador e estimulante, contribuindo assim no desenvolvimento da criança, tendo em vista que não se pode desconsiderar a influência que o ambiente tem no comportamento da criança, principalmente da que apresenta TDAH.

Segundo Castro; Nascimento (2009) as estatísticas referentes ao TDAH demonstram que possa haver aproximadamente uma criança TDAH em cada sala de aula com 20 a 25 alunos.

Com base na afirmação, Phelan (2005) relata uma regra básica para professores: Jamais seja conhecido como o especialista em TDAH de sua escola. A concentração de criança com TDAH na mesma sala de aula pode transformar o ano letivo em um pesadelo.

É importante frisar que não cabe ao professor diagnosticar, e sim compartilhar com os profissionais especializados as observações e intervenções realizadas em sala de aula.

Cardoso (2007) apresenta alguns estilos de professores que possivelmente não terão êxito com crianças TDAH em sala de aula: professor preocupado apenas com produção e resultados de tarefas e autoritário. Este professor com certeza encontrará dificuldade sem se relacionar com a criança. O professor pessimista percebendo apenas a parte negativa do aluno com relação ao comportamento e realizações de tarefas.

Este também não conseguiu manter um bom relacionamento com a criança que apresenta TDAH. O professor crítico, ameaçador impulsivo e desorganizado, certamente encontrará ainda mais dificuldade em trabalhar com essas crianças, sendo esse tipo de professor que se sente perfeito e superior a todos, bem parecido com os comportamentos e dificuldades enfrentadas pela criança que possui TDAH.

Para Phelan (2005), as crianças portadoras de TDAH são notoriamente "sensíveis ao professor". Sendo assim, a pessoa responsável pela sala de aula pode causar um efeito maravilhoso ou devastador em relação ao tipo de ano escolar que elas terão.

Percebe-se assim que o modo de ensino do professor tem grande relevância no desenvolvimento da criança que apresenta TDAH. Professores criativos, otimistas, com atitudes consistentes, mas que não demonstram raiva ou insulto ao aluno, um professor amigo e compreensivo e que saiba planejar, organizar formas que facilitam o processo de aprendizagem da criança que possui TDAH, motiva e contribui para um relacionamento agradável entre professor e aluno.

---

Dessa forma, a criança desenvolverá suas habilidades de aprendizagem com mais segurança. Nota-se a necessidade do professor em promover ações pedagógicas atendendo as necessidades da criança que apresenta ou não sintomas de TDAH, tendo em vista que a criança que apresenta TDAH precisa de intervenções coerentes com suas necessidades e dificuldades por parte do professor. Sendo assim, não basta apenas reconhecer os sintomas do TDAH, mas buscar formas adequadas de trabalhar com essas crianças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que diante das inúmeras dificuldades enfrentadas pela criança com TDAH em sala de aula, como, controle de impulsos, concentração, memória, organização e planejamento, nota-se que quanto antes pais e professores perceberem o transtorno, mais oportunidades terão de ajudá-la no seu desempenho escolar.

Nota-se que as normas de comportamentos devem ser muito bem planejadas e claras, a criança precisa de um meio familiar que tenha rotinas, que seja previsível e especifique exatamente o que é esperado dela.

Percebe-se a necessidade da família e escola compreenderem as dificuldades que a criança enfrenta para que de alguma maneira possam auxiliá-lo sempre que for necessário.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, M. J. Q. **Avaliar as estratégias de ensino ascensionais na prática do professor de crianças com transtorno do déficit de atenção/hiperatividade.** In: Congresso Internacional de Avaliação Educacional. 3º, Anais... Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.
- ANDRADE, Enio Roberto. Quadro Clínico do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. In: RODHE, Luis Augusto; MATTOS, P. et al. **Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- BENCZIK, Edyleine. B. P.; BROMBERG, M. C. Intervenções na escola. Em: ROHDE, L. A.; MATTOS, P. (Orgs.). **Princípios e práticas em transtorno de déficit de atenção/hiperatividade.** Porto Alegre: Artmed, 2002. p.199-218.
- CARDOSO, Diana Maria Pereira. O papel do professor diante do comportamento desatento, hiperativo e impulsivo. In: **A concepção dos professores diante do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade em contexto escolar: um estudo de caso.** 135 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. p. 4855.
- CASTRO, Chary A. Alba; NASCIMENTO, Luciana. **TDAH – Inclusão nas Escolas.** Rio de Janeiro: Ciência Moderna Ltda, 2009.
- GOFFREDO, Vera Lúcia Flor Sénéchal de. O cotidiano da sala de aula e o aluno com deficiência mental. In: **Escola: excluindo diferenças.** Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação, 2011. p.15-20.
- MARTINS, Stadler Mikoski Cláudia. Discussões Internacionais e a Legislação Nacional em relação á Educação Especial. In: **Política Pública de Educação Especial e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** 105 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Tuiuti Paraná. Curitiba, 2008. p.41-48.
- MATTOS, Paulo. **No Mundo da Lua: Perguntas e Respostas sobre Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade em Crianças, Adolescentes e Adultos.** São Paulo: Lemos Editorial, 2003.
- PHELAN, Thomas W. **TDA/TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.
- SCANDAR, R. O. **Inquieto, distraído, diferente?** Orientação e aconselhamento para pais e professores de crianças com déficit de atenção e hiperatividade. EDIBA, 2009.
- SCHETTINI F. L. **A criança de 6 a 10 anos: na família e na escola.** Recife: Bagaço, 1997.



---

### Simoni Alves Pereira Almeida

Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Interação Americana (FAINAM) São Bernardo do Campo, SP. Professora de Educação Infantil (PEI) na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

---



## A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TAMIRES APARECIDA SILVA DOS SANTOS

**RESUMO:** A música é um método de aprendizagem. Durante os estágios de aprendizado, o envolvimento ativo com a música pode impactar a maneira como o cérebro processa as informações, melhorando a percepção da linguagem e da fala e, posteriormente, a capacidade de comunicação e leitura. Existem muitas técnicas e práticas que devem ser consideradas para integrar efetivamente a música em sala de aula, para criar e sustentar um ambiente de aprendizado positivo. Neste texto será mostrado como a música aprimora o aprendizado e o desenvolvimento de alunos da Educação Infantil, independentemente do número de técnicas de integração musical usadas, pois se o método for consistente, serve a um propósito e possui um tom apropriado para o ambiente pretendido, aprimorando os processos de aprendizado na escola.

**Palavra-chave:** Aprendizagens. Desenvolvimento. Música. Repertórios.

### INTRODUÇÃO

O valor da música na educação é reconhecido há séculos. Mesmo nos tempos antigos, sem o benefício de toda a pesquisa científica de hoje, o filósofo grego Platão reconheceu a importância da música na educação. Enquanto a educação musical na educação infantil cria uma base sobre a qual o aprendizado futuro da música é construído, a música afeta todo o aprendizado e o pensamento criativo. A interação precoce com a música é importante para o crescimento e desenvolvimento de uma criança pequena e pode afetar positivamente a qualidade de sua vida.

Há muitas maneiras pelas quais a arte musical na educação pode melhorar facetas da instrução de uma criança, além de ter uma influência positiva ao longo de toda a vida. É importante encontrar uma escola que entenda o valor da musicalização e a promova. Pois, quanto mais cedo uma criança é apresentada à música, maior benefício ela pode obter. Lidar com a musicalização envolve um aluno continuamente usando sua memória e fortalecendo essa habilidade.

A memorização é uma habilidade importante em todas as áreas da educação. Os alunos que praticam musicalização podem melhorar sua coordenação olho-mão. Assim como as crianças que praticam esportes, aqueles que lidam com a música na escola desenvolvem e fortalecem suas habilidades motoras. As crianças que aprendem música podem ser mais emocionalmente desenvolvidas e capazes de terem empatia com as outras. Elas também tendem a ser melhores em lidar com a ansiedade e têm maior autoestima.

### O CONCEITO DA MÚSICA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

Vários filósofos, investigadores, músicos e pensadores se debruçaram ao longo da História sobre o conceito de música. A música invade-nos das mais diversas formas no nosso cotidiano, sendo, por isso, muito difícil imaginar um mundo sem música. Contudo, poucas são as pessoas que se interrogam sobre esse conceito, talvez porque o mesmo seja difícil de definir. A música pode ser sentida ou vivida, mas raramente se pensa na sua definição ou no seu conceito. Rosa (1990, p. 18) já dizia: "a minha ideia é que há música no ar, há música à nossa volta, o mundo está cheio de música e cada um tira para si simplesmente aquela de que precisa". Muitas vezes de uma maneira passiva e quase inofensiva, em outras de uma forma viva, criativa, dinâmica e impulsiva, a música conduz-nos a estados de alma e de espírito difíceis de descrever.

A música é uma arte considerada de fundamental importância na educação de crianças, jovens e adultos. O valor da arte musical na educação é reconhecido há séculos. Mesmo nos tempos antigos, sem o arcabouço teórico da pesquisa científica de hoje, o filósofo grego Platão reconheceu a importância



---

da música na educação. A interação precoce com a música é importante para o crescimento e desenvolvimento de uma criança pequena e pode afetar positivamente a qualidade de sua vida (NOGUEIRA, 2003).

Há muitas maneiras onde a arte musical pode melhorar facetas da educação de uma criança, além disso, pode ter uma influência positiva ao longo de toda a sua vida. Quanto mais cedo uma criança for apresentada à música, maior benefício ela pode obter. Lidar com a musicalização envolve um aluno continuamente usando sua memória e fortalecendo essa habilidade. A memorização é uma habilidade importante em todas as áreas da educação.

Os alunos que praticam musicalização podem melhorar sua coordenação olho-mão. Durante o aprender com música é possível observar que as crianças aprendem mais e podem se tornar emocionalmente desenvolvidas e capazes de empatia com os outros. Eles também tendem a ser melhores em lidar com a ansiedade e têm maior autoestima.

## A MÚSICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A música desempenha um papel importante na nossa cultura. Ao pensar no cotidiano, a música aparece em diversas atividades sociais e educativas. Ouvimos música na TV ou enquanto assistimos a um filme. Dada a importância da música, não é surpresa que os pais usem-na instintivamente para expressar alegria, atrair e/ou acalmar seus filhos.

Brito (2003) relatou que a exposição à música desde a infância ajuda as crianças a falar com mais clareza, desenvolver maior vocabulário e fortalecer habilidades sociais e emocionais. O psicólogo Howard Gardner argumentou em 1983 que a inteligência musical é tão importante quanto a lógica e a inteligência emocional. Isso ocorre porque a música consegue fortalecer a conexão entre o corpo e o cérebro, permitindo que eles trabalhem juntos como uma equipe. Por exemplo, as crianças desenvolvem melhores habilidades motoras dançando e se movendo ao som da música, enquanto cantar ao som da música as ajudam a praticar sua voz. Em geral, a exposição à música ajuda as crianças a aprenderem os tons e os sons das palavras à medida que se desenvolvem.

As crianças expressam a música de maneira diferente dos adultos, os anos desde o nascimento até os seis anos de idade são os períodos mais importantes do desenvolvimento musical das crianças. Isso pode ocorrer porque as crianças que recebem tons musicais são involuntariamente diferenciadas no que tange à frequência, melodia e estímulos.

Segundo Chiarelli (2005), os primeiros anos da infância são fundamentais para aprender a decifrar o tom da música e criar um sistema de organização mental para memorizá-la. Isso significa que, à medida que a linguagem se desenvolve, as crianças desenvolvem suas habilidades musicais como bater palmas e cantar, imitando e memorizando o ritmo e o som das músicas. No entanto, a capacidade de desenvolver habilidades musicais pode ser afetada por fatores positivos e negativos. Portanto, a estimulação e a exposição à música e brincadeiras musicais são necessárias para ajudar as crianças a transformar seu potencial em verdadeiro crescimento musical. Em termos de ensino, o impacto negativo mais típico no crescimento e desenvolvimento da música é que os pais não são orientados para a música e não expõem ativamente seus filhos a ela. As escolas que trabalham com música desempenham um papel importante na educação e na expansão dos horizontes musicais das crianças.

Nogueira (2011) aponta que crianças que são mais orientadas musicalmente são consideravelmente mais desenvolvidas em seu comportamento musical do que crianças que experimentam um ambiente menos orientado musicalmente. O ambiente musical pode promover a exposição das crianças à música e melhorar a sua habilidade musical. Dessa forma, a música não é apenas uma ferramenta que ajuda as crianças a crescer e se desenvolver, mas, pode ajudá-las a se divertir.

## A MÚSICA NO PROCESSO DE ENSINO

Por ser uma arte que facilita o pensamento criativo, tem tido cada vez mais espaço na educação infantil, é uma forma de arte responsável por parte do desenvolvimento da criança (cognitivo, social, cultural etc.), podendo ser explorada com mais frequência, em ambientes diversos, com diferentes materiais, possibilitando que o bebê/criança se expresse de maneira livre. A criatividade faz parte do ser humano, e ele deve estimular a criatividade através de atividades que beneficiem o processo de produção artística. Nas escolas, os educadores devem ser criativos para proporcionar aos alunos um ambiente onde possam construir coisas novas e desenvolver experiências que ampliem sua visão de mundo, colaborando para a formação de suas identidades e autonomia (SOUZA, 2000).

---

Além de beneficiar o controle motor rítmico, trabalhar a musicalidade com crianças permite que os alunos desenvolvam uma percepção sensível dos parâmetros sonoros (tom, timbre, intensidade e duração); se beneficiem das vozes faladas e cantadas; estimulem a criatividade em todas as áreas de poder; desenvolvam a audição, percepção visual e tátil; e aumentar a atenção, raciocínio, memória, associação, separação, codificação, decodificação, etc.

Uma das formas de verificar a importância da música na educação infantil é investigando as leis e documentos oficiais relacionados à educação, como a Constituição de 1988; Regulamento da Criança e do Adolescente (ECA, 1990); Diretrizes Nacionais de Educação e Lei Básica. 9.394/96 (LDBEN), Referência Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI, 1998) e normas estaduais e municipais. Esses documentos finais foram elaborados para redefinir práticas e conceitos de ensino em instituições de educação infantil. Nos novos parâmetros, a música passa a ter caráter e a ajustar sua escala, como existe em todas as culturas e como forma de representação humana, ela se torna necessária e justificada no ambiente escolar.

A falta de formação especializada em música dificulta a atuação pedagógica dos professores, levando muitos a continuarem a vê-la como uma atividade meramente cotidiana inexpressiva. Para essa visão simplista e sem intenções exaustivas, todo profissional deve se esforçar pessoalmente para adquirir informação e transformá-la em um recurso que representa mudança em sua prática.

Portanto, o trabalho a partir da linguagem musical precisa ser ajustado de várias maneiras, começando pelo Projeto Político Pedagógico da escola que deve considerar a faixa etária dos alunos. Outros fatores fundamentais que articulam este trabalho são: organização temporal, jogos e brincadeiras, organização espacial, fontes sonoras, gravação e compreensão da produção e apreciação musical. Muitas vezes, o que se encontra nos ambientes escolares não é o uso de estratégias adequadas para desenvolver o conceito pedagógico dessa prática. Comportamento padronizado pode ser visto (BRITO, 2003).

A música teve sempre um lugar importante na educação ocidental. Os habitantes da Mesopotâmia acreditavam que os intervalos musicais eram o espelho da harmonia do universo. Pode-se supor que a música era estudada conjuntamente com a astronomia e com a matemática nos seus tempos (NASCIMENTO, 2010). Para os gregos, a música significava cultura intelectual em geral, incluindo a literatura e a arte. É significativo pensar e verificar como já nesse tempo a música era importante na educação. Essa preocupação foi pertinente ao longo dos tempos. Encontramos, atualmente, no âmbito do ensino e da aprendizagem da educação artística e no campo da pedagogia musical, pedagogos e investigadores que consideram, igualmente, a música fundamental na educação.

A música pode servir como uma força poderosa na aprendizagem precoce e pode fazê-lo de várias maneiras (ROSA, 1990). Muitas vezes os professores excluem a música de seus planejamentos. Cada vez mais os professores da educação reduzem o uso da música em suas instruções cotidianas (ROSA, 1990).

Alguns professores da educação infantil, no entanto, acreditam que a incorporação da música no cotidiano realmente contribuiu para o aprendizado dos alunos. O papel que a música pode desempenhar na vida e no desenvolvimento da criança pode ser relevante. A resposta das crianças ao ritmo, melodia e letra faz da música uma ferramenta ideal para ajudá-las nas instruções aconselhadas por elementos entrelaçados de linguagem, no ouvir, no falar, no ler e escrever (SOUZA, 2000).

Na educação infantil as crianças geralmente respondem cognitivamente e emocionalmente à música quando é usada criteriosamente como ferramenta de aprendizado. Embora as respostas à música certamente não sejam idênticas entre pais e filhos e entre escola e aluno, elas são invariavelmente aparentes.

Snyders (2007) observa que uma variedade de exposições de atividades musicais na educação infantil tendem a promover uma variedade de habilidades de desenvolvimento nas crianças. Por outro lado, quando os alunos são ou foram privados da música parece haver uma associação entre essa deficiência e problemas educacionais negativos como consequências.

Quando se olha para o assunto sobre musicalização e produtividade / engajamento nas escolas para crianças de todas as idades e vários estilos de aprendizagem, o que é realmente chocante é que todas as escolas ainda não engajam o movimento para o plano de aula. A música traz o movimento e os movimentos regulares realizados ao longo do dia com os movimentos usados dentro e entre as aulas ajudam todas as crianças a se auto regularem, o que leva a alunos mais comportados e com melhor comportamento, que podem mais facilmente se concentrar e reter informações de suas aulas.

Segundo Kramer (2003), não é necessário espaço extra e instrutores especiais para inserir a musicalização nas aulas. É preciso mudar de mentalidade e aceitar que a música é benéfica. As aulas de movimento podem ser incluídas entre as aulas com muita facilidade. Os professores podem reduzir o tempo de instrução por aula de 40 para 30 minutos e, em seguida, usar os 10 minutos restantes para

---

intervalos, para que as crianças se concentrem antes do início da próxima lição. Existem vários programas de música na escola que treinam professores para acalmar ou revigorar os alunos. Também existem aplicativos e DVDs instrutivos que podem ser adquiridos por uma escola, de modo a dar aos professores algumas ideias sobre como trabalhar a música.

Os benefícios de incorporar a musicalização no ensino-aprendizagem na educação infantil, mostra que as crianças, especialmente na pré-escola, podem entender melhor os conceitos quando usam a música para representá-las. A cognição incorporada torna os conceitos abstratos mais tangíveis permitindo que o aluno desenvolva uma sensação do conceito descrito, um senso físico que é mais compreensível e convincente do que um conceito que permanece uma entidade mental abstrata como, por exemplo, cantar para tomar o lanche, para comemorar datas especiais, para formar a fila, etc., não havendo uma aprendizagem significativa e expressiva da linguagem musical. Muitas são as possibilidades de se trabalhar com a linguagem musical na Educação Infantil. Proporcionar à criança situações em que ela possa expressar-se e desenvolver sua criatividade é papel da escola e do professor.

## OS BENEFÍCIOS DA ARTE MUSICAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A UNESCO propõe um modelo de educação baseado em aprender a conhecer, a fazer, a socializar e a ser, para que o indivíduo formule seus próprios julgamentos, podendo decidir para si mesmo como agir em diferentes circunstâncias e adversidades da vida para ter relacionamentos saudáveis e sofrer uma transformação pessoal a favor da cidadania.

A escola tem um papel maior do que simplesmente transmitir conhecimento. Não é apenas um espaço onde o ensino-aprendizagem ocorre, mas acima de tudo, neste período de globalização e informação, um lugar para o treinamento humano de pessoas. É papel dos professores ajudar as crianças na compreensão de seu lugar na sociedade, através de novos comportamentos e estratégias, a fim de enfrentar a realidade.

Romanowski (2006) afirma que a musicalização é uma ação educativa, integrada e fundada na educação infantil, incluindo linguagem e movimentos naturais e espontâneos, de forma consciente e intencional. Isso ajuda a encontrar o caminho para se comunicar com eles e outros além de transformar o mundo à sua volta.

É através da música que ocorrem ações interceptivas, proprioceptivas e exteroceptivas. Isto é, através da educação usando o movimento (educação psicomotora), em seus aspectos orgânicos, motores e psicológicos, que ocorre a formação do caráter, bem como o desenvolvimento da capacidade de realizar tarefas diárias que permitem que as crianças vivam em harmonia com seus corpos e com o ambiente circundante; favorece o desenvolvimento de gestos, de movimentos e capacidade de percepção; desenvolve o equilíbrio; estimula a autoconfiança; isto é, atenuar os obstáculos que interferem na aprendizagem na escola; favorece o aperfeiçoamento de força de vontade, tomada de decisão e perseverança; estimula a criatividade, a tolerância e a aceitação de desafios com responsabilidade. A musicalização na educação infantil estimula a conexão que a criança estabelece com outras pessoas e objetos através de suas ações (ROMANOWSKI, 2006).

De acordo com Barreto (2000, p. 88), "O desenvolvimento psicomotor com a utilização da música é de suma importância na prevenção de problemas da aprendizagem e na reeducação do tônus, da postura, da direcionalidade, da lateralidade e do ritmo". A educação da criança deve comprovar a afinidade através do movimento de seu próprio corpo, levando em conta a sua idade, a sua cultura corporal e os seus interesses.

As instruções psicomotoras para serem empenhadas precisam que sejam empregadas junto com as funções motoras, perceptivas, afetivas e sócio motoras, porquanto assim a criança procura o ambiente, experimenta experiências sólidas, imprescindíveis ao seu desenvolvimento intelectual, e é apta a tomar consciência de si mesma e do mundo que a cerca. Ótimas referências de atividades físicas são aquelas de maneira recreativa, que beneficiam a consolidação de hábitos, o desenvolvimento corporal e mental, o progresso da aptidão física, a socialização, a criatividade; propendendo à formação da sua personalidade.

Felinto (2000) relata que ao interagir, a criança dá sentido às experiências vividas de sensório-motor às fases pré-operacionais e que através da musicalização, a criança desenvolve sua psicomotricidade e se relaciona com seu ambiente, através da ação de seu próprio corpo, localizando-se no tempo e no espaço, melhorando a qualidade de vida e bem-estar, além de elaborar e resolver os conflitos diários. Ao interagir com um adulto em atividades previamente planejadas e devidamente registradas, a criança aprende a falar e a internalizar valores, conceitos e papéis sociais, possuindo a cultura com repertório de que fazem parte como indivíduo, fortalecendo e afirmando sua existência como um ser social.

---

Kramer (2003) indica que imitar os ritmos e padrões das músicas – bater palmas e cantar – envolve e estimula a mesma parte do cérebro necessária para o desenvolvimento da linguagem. Essas crianças processam a linguagem e a fala com mais facilidade. Eles acham mais fácil aprender a ler – assim eles começam a gostar de ler em uma idade mais precoce.

Geralmente os mais jovens que foram continuamente expostos à música vão para a faculdade e universidade têm uma maior gama de habilidades acadêmicas e práticas que os ajudam ao longo de seus estudos e em suas carreiras.

Estudantes de música estão constantemente usando sua memória para se apresentar. Ensina-os a analisar, ajustar e adaptar memória. A capacidade de memorizar percorre todos os estratos acadêmicos e beneficia os alunos na educação e além.

O desempenho acadêmico melhora. Os processos necessários para ler música e dominar um instrumento exigem habilidade: os alunos aprendem gradualmente a querer criar um bom trabalho em vez de um trabalho medíocre. Incentiva-os a sempre dar um passo adiante, por exemplo, aprender vários instrumentos ou ser capaz de ler uma série de partituras complexas. Uma vez experimentado, isso se estenderá a todas as áreas da vida.

Disciplina. Os alunos precisarão reservar um tempo para praticar e enfrentar o desafio de dominar um instrumento. Não é fácil, paciência e determinação são a chave para dominar as habilidades necessárias. Às vezes, eles podem se sentir frustrados, mas isso os ensina a continuar e perseverar.

Mas o desempenho acadêmico não é o único benefício da educação e exposição musical. A música – e tocá-la em público – estimula todas as áreas do desenvolvimento infantil; intelectual, emocional, além de habilidades motoras e de linguagem. Desenvolve a confiança e aumenta a sociabilidade. Também lhes dá a experiência de ensinar outras pessoas, por exemplo, quando discutem suas habilidades com os pais ou mostram aos colegas como ler música ou tocar seu instrumento. A educação musical aumenta e estimula o desempenho acadêmico, a lógica e a coordenação. E aprender a tocar um instrumento leva tudo isso para um reino superior.

Benefícios culturais na sociedade globalizada de hoje tornou-se imperativo que os educadores incutem uma consciência multicultural na próxima geração. Em um currículo efetivamente estruturado, uma disciplina cruzada fornecerá conteúdo não apenas por meio das artes, mas também das ciências e da tecnologia. A música, o canto e a dança são veículos ideais a esse respeito, pois são fundamentais para as respostas humanas básicas em uma idade precoce, necessitando, portanto, de pouco em termos de habilidades ou treinamento especial.

A música fornece um pano de fundo que acompanha as culturas de diferentes nações, proporcionando uma visão da história, estilos de vida e expectativas de seus povos, vistos através do estilo musical e do conteúdo de suas canções tradicionais e modernas. Mesmo dentro da mesma nação, existem variações regionais na língua e dialeto que refletem o desenvolvimento histórico e étnico. As crianças que vieram do mesmo país, mas vivem em comunidades diferentes, podem ter visões ou ideias diferentes sobre uma determinada música ou peça musical. Ao discutir essas ideias e diferenças, elas estão continuamente desenvolvendo seus conhecimentos. Uma introdução a todos estes elementos, num contexto nacional e internacional, sobretudo numa idade precoce (SOUZA, 2000).

Benefícios Sociais, Emocionais e de Vida: A música nos ajuda a curar: é uma terapia reconhecida no tratamento de uma série de condições e doenças. Muitas vezes uma peça de música é a nossa fuga. Ela nos afasta do presente e nos permite relaxar e curar.

A autoconfiança se desenvolve. Atuar para uma plateia é intimidante e ser capaz de superar isso cria orgulho e um sentimento de realização. Isso é reforçado pela aprovação de colegas, pais e professores. Torná-lo uma experiência positiva, mesmo que algo não saia como planejado, permite que as crianças construam sua autoestima e carreguem isso com elas por toda a vida.

Pensamento criativo. A capacidade de criar e compor é parte integrante da educação musical. Estudantes de artes podem pensar lateralmente com mais facilidade e reconhecer que pode haver várias soluções para um problema. Ele os ensina a integrar suas ideias e chegar a uma solução.

Trabalho em equipe. Fazer parte de uma banda ou orquestra ensina a todos como trabalhar juntos em uma situação estruturada onde todos são indivíduos valiosos. Eles podem tocar apenas o que parece ser uma pequena parte em um show, mas quando tudo se junta, a percepção de que todos são fundamentais incorpora a importância de trabalhar em equipe. Ele os ensina a apoiar uns aos outros em todos os momentos para a máxima harmonia. A conquista compartilhada ganha um novo significado.



---

Correção de risco responsável. Executar uma peça em público é envolto em ansiedade e medo. Lidar com isso ensina os alunos a avaliar situações da vida adulta em um contexto familiar e alcançar o sucesso, ampliando assim seu potencial.

Preparação para a economia criativa. Investir em educação criativa pode preparar os alunos para uma força de trabalho do século XXI. Nossos novos cidadãos precisam da capacidade de pensar fora da caixa. A música traz muitos aspectos positivos para a educação de uma criança, e no OWIS damos a eles vastas oportunidades de experimentar a música, seja aprendendo um instrumento, usando músicas e sons nas aulas ou discutindo experiências musicais e o que essas experiências significam para eles. A música é algo que assume muitas formas, e é importante garantir que as crianças a experimentem ao longo de sua educação (SOUZA, 2000).

## A CRIANÇA E O FAZER MUSICAL

A relação de uma criança com a música começa muito antes do nascimento. O primeiro gerador de som de um bebê é sua voz. Era através dela que ele expressava suas necessidades e emoções. Bebês balbuciando, zumbindo, gritando e tentando imitar sons familiares são comuns. Isso porque explora as suas possibilidades vocais, acompanhadas de movimentos físicos, que lhe dão condições de se expressar e tentar comunicar verbalmente com os que lhe são mais próximos, nomeadamente pai, mãe, avós, irmãos etc., auxilia o desenvolvimento emocional e cognitivo do bebê, além da comunicação sonora.

Gainza (1988, p. 109-110) destacou:

[...] Em princípio, todo conceito deve ser precedido e sustentado pela prática e manipulação ativa do som: a exploração do ambiente sonoro, a invenção e construção de instrumentos musicais, o uso em Descubra e aprecie objetos sonoros sem afetar os instrumentos tradicionais. Os adultos devem expor as crianças a esses diferentes materiais, pois assim, à medida que descobrem seu próprio potencial vocal, passam a incorporá-lo aos movimentos estabelecidos na interação. Desta forma, notar a música torna-se um elemento constante na atividade de desenvolvimento da criança.

Como resultado, seu potencial vocal aumentou e ela conseguiu criar suas próprias faixas, usando melodias conhecidas em harmonia com outras melodias que havia criado. A capacidade de explorar as possibilidades do som através da improvisação proporciona à criança acesso imediato e rápido a esse exercício. Isso permite que ela conte histórias cantando, escrevendo letras diferentes para a mesma melodia, fazendo rimas com nomes conhecidos, imitando sons diferentes que existem na natureza, etc. Durante esse processo de improvisação, a criança estimula sua imaginação, utilizando seu corpo como principal articulador do processo.

Na teoria cognitivista de Jean Piaget, a concepção de criança se dá na construção do conhecimento. De acordo com este conceito, a criança se desenvolve a partir da elaboração das suas estruturas mentais, o que ocorre à medida que ela aprende e estabelece novas formas de construção do seu conhecimento. A criança está em constante interação com o meio e, para que possa desenvolver-se de forma mais completa, constrói e organiza o mundo que a cerca, atribuindo significados para os novos conhecimentos e aprendendo com as experiências vividas.

Segundo Martins (2002, p. 70):

“O interacionismo proposto na teoria do desenvolvimento cognitivo determina como as crianças interagem com seu ambiente, ou seja, seu desenvolvimento mental”. que o conhecimento musical ocorre quando se estabelece uma interação com o ambiente, que proporciona uma exploração do potencial do som e uma elaboração de conceitos musicais que levam à abstração por meio da experiência concreta.

Para Peres (2003, p. 70): “a educação deve ocorrer em condições que permitam à criança agir livre e espontaneamente, interagir dialeticamente com seu meio, proporcionar o crescimento e o máximo desenvolvimento da criança.”

Nesse sentido, a pré-escola facilita a interação da criança com o ambiente, além da exposição à prática musical, que auxilia o aluno a estruturar e superar suas etapas de desenvolvimento. Quando uma criança constrói sua estrutura mental, ela tem potencial para se desenvolver cognitivamente, possibilitando novas aprendizagens significativas e criatividade em sua relação com o mundo. Como

---

sujeito de ação e construtora de conhecimento, desenvolve seu potencial para formular hipóteses e refletir, construir e remodelar suas estruturas psicológicas. Além disso, vale lembrar que na aprendizagem da música, as experiências anteriores das crianças, como percepção, memória e atenção, são a base em que seu conhecimento é construído. É importante que sejam valorizados e compreendidos como elementos essenciais na formação da criança e, portanto, necessários na sua assimilação do meio.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto procurou compreender os aspectos positivos que o ensino com a inserção da musicalização pode trazer aos alunos da educação infantil, bem como examinar a seriedade do seu aprendizado e apoio na socialização dos alunos, percebendo as configurações de intercâmbio dessa com as demais linhas de trabalho. Distinguir o modo como a musicalização pode ser inserida nas salas de aula da educação infantil e compreender o significado da música como instrumento pedagógico, também foram destacados neste estudo.

Verificou-se que a musicalização pode ser inserida através de brincadeiras e jogos, aqui compreendidos como exercícios com músicas liderado pelo professor e acompanhado pelos pequenos de maneira criativa. Conclui-se esta pesquisa enfatizando que é necessário discutir a formação do docente em relação ao uso da musicalização na educação infantil e o caminho que deve ser formado no andamento da graduação, porém sem compartimentar essa formação.

A educação musical necessita considerar que o ensino-aprendizagem da música não ocorre apenas na sala de aula, mas em circunstâncias mais amplas. Por isso, o professor não deve discutir a música na escola, mas refletir sobre em que a educação musical pode ajudar no dia a dia dos alunos, interesses e dificuldades, buscando sempre decifrar a realidade em que vivem e atuam e quais formas de conhecer e aprender. O ato musical no espaço escolar pode ajudar no processo de aprendizagem despertando e estimulando a área afetiva, cognitiva e linguística das crianças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRETO, S. J. **Psicomotricidade: educação e reeducação**. 2. ed. Blumenau: Acadêmica, 2000.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1998, vol. 3.
- BRITO, T. A. **Música na educação infantil** – propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Editora Petrópolis, 2003.
- CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti. A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser, **Revista Recre@rte** Nº3 junho 2005: Instituto Catarinense de Pós-Graduação.
- FELINTO, Marilene. Do que você gosta de brincar? **Jornal Folha de São Paulo**. 500 Brincadeiras. São Paulo, 16 de abril, 2000.
- GAINZA, Violeta Hemsy. (1988). **Estudos de Psicopedagogia Musical**. São Paulo: Sumos.
- ILARI, B. (2003). A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. **Revista da Abem**, 9, 7-16.
- KRAMER, Sônia. **A Política do pré escolar no Brasil: A arte do disfarce**. 7. ed. São Paulo: Cortez. 2003.
- MARTINS, Amílcar. (Coordenação). (2002a). **Didática das Expressões**. Lisboa: Universidade Aberta.
- NASCIMENTO, M. E. P. do. Os profissionais da educação infantil e a nova lei de diretrizes e bases da educação nacional. In FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Org.). **Educação infantil pós-LDB: rumos e desafios**. 2.ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010, p. 99-112.
- NOGUEIRA, M.A. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**, Vol. 5, No. 2, dez 2003.
- PERES, Américo Nunes. (2003). Educação Intercultural: Utopia ou Realidade? Porto: Profedições, Lida. / **Jornal a Página**.
- ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo "Estado da Arte". **Diálogos Educacionais**, v. 6, n. 6, p. 37-50, 2006.
- ROSA, Nereide Schilaro Santa. **Educação Musical para Pré-Escola**. Rio de Janeiro: Libador, 1990.
- SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3º ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA, Jussara (Org.). **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música da UFRG, 2000.



---

### Tamires Aparecida Silva dos Santos

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Anhanguera de São Paulo. Professora de Educação Infantil (PEI) na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---







## O BRINCAR HEURÍSTICO, AS CRIANÇAS E AS MATERIALIDADES

TÂNIA DE JESUS ALVES

**RESUMO:** Esse artigo tem a intenção de apresentar, por meio da pesquisa literária, o contexto do brincar heurístico, das materialidades, bem como suas especificidades e aplicabilidades. Entretanto, a partir dos estudos, foi detectado que é importante assegurar que não existe uma receita para o brincar heurístico e nem mesmo o julgamento do certo ou errado, mas, dado o momento em que as crianças adquirem mobilidade, esse brincar que é simples, livre e amplo, oferece a capacidade de pesquisa, de exploração de objetos para descobertas que são conectadas aos artefatos que eram desconhecidos, além da possibilidade de favorecer e manter o protagonismo das crianças pequenas e dos bebês. Dessa forma, idealizar um novo brincar, repleto de possibilidades e descobertas. O brincar heurístico é uma atividade lúdico-educativa por meio da qual se estimula a descoberta e a experimentação das crianças na primeira infância. É uma atividade lúdica livre supervisionada na qual as crianças interagem com diferentes tipos de objetos, formas e materiais. Nas creches a concepção do brincar heurístico já é utilizada há algum tempo e os pequenos são os protagonistas de seus próprios aprendizados. As crianças exploram, investigam e descobrem de forma natural, instintiva e autoguiada pelo seu próprio interesse e curiosidade inata.

**Palavras-chave:** Brincadeiras. Desenvolvimento. Inovação. Lúdico. Pesquisa. Protagonismo.

### INTRODUÇÃO

A abordagem do brincar heurístico foi desenvolvida por Elinor Goldschmied a partir de observações de um grupo de bebês e crianças pequenas e suas interações com objetos que foram disponibilizados a elas, além do mais esse brincar caracteriza-se pelo respeito à infância que a referida abordagem propicia.

O brincar assim denominado heurístico oferece manuseio de objetos simples que são encontrados no cotidiano, além de oportunidades de manipulação para expandir as ideias, a curiosidade, a criatividade resignificando a utilização desses objetos. Dessa forma, a criança idealiza um novo brincar, arquiteta novos significados aos objetos, tornando-se habilidosa, inovadora e extraordinária em suas brincadeiras.

A criança, desde bebê, tem muitas necessidades, entre elas o brincar, que é um de seus direitos. O brincar é a atividade principal do dia a dia da criança. O interesse da criança em observar seu entorno, em senti-lo, apertá-lo, pegá-lo, jogá-lo parece nunca esgotar-se. Dessa maneira, a criança vive várias experiências, conhece a si mesma, aos outros e o ambiente que a rodeia. (FOCHI, p. 55)

Entretanto, para o brincar heurístico é de suma importância que o educador realize o planejamento dos materiais, dos espaços, do tempo e seja um facilitador, além de observador.

De acordo com as autoras Dubovik e Cippitelli,

Na elaboração de cada contexto está a grande importância da disposição dos materiais, uma vez que essa distribuição promove, facilita ou potencializa determinadas ações e condiciona as relações de intercâmbio entre as crianças.

É um intenso trabalho de investigação e exploração por parte dos professores, que implica procurar materiais que ofereçam distintas possibilidades lúdicas de construção. (DUBOVIK, CIPPITELLI, 2018, p. 60)

Portanto, a organização das materialidades e a curadoria são fundamentais nessa abordagem do brincar, ademais a necessidade constante da observação atenta por parte dos educadores, afim de favorecer aos bebês e às crianças pequenas aprendizagens, novas experiências e descobertas de sensações.



---

Piorski afirma que,

Na relação que a criança estabelece com o mundo das substâncias, corporeidade e artesanias, quando unidas, são relâmpagos na imaginação da brincadeira. O corpo a corpo com a matéria acorda os sentidos, que, por sua vez, repercutem vontades imaginárias no ser. Cada contato com a vida formal, com as formas materiais, promove um dinamismo onírico e uma conscientização corpórea na criança. Aos poucos, tanto o mundo se torna mais dado à exploração, quanto o corpo se sente mais preparado para investigar. É um campo de estudos do brincar que se vincula ao nascimento da consciência, do *juízo analítico*. (PIORSKI, 2016, p. 95)

Nesse sentido, o brincar heurístico carrega em si, dentro de sua singeleza, grandes oportunidades de conhecimento e levantamento de hipóteses para utilização das materialidades, favorecendo a conquista, o contato com artefatos de texturas desconhecidas, com elementos da natureza, oportunizando o brincar livre e sem regras, sendo que essas materialidades promovem o silêncio desses atores principais em seus descobrimentos e investigações que exigem concentração e um tempo que, muitas vezes, alguns adultos acreditam que uma criança pequena e um bebê não disponibilizam para suas averiguações.

Consequentemente, o brincar heurístico é concebido em três fases, sendo a primeira fase a preparação, a seleção dos materiais adequados para aquele momento e os mais significativos à criança. A segunda fase consiste na exploração dos materiais realizada pelas crianças e a descoberta de suas qualidades, por meio de manipulação, empilhamento, no enrolar, no moldar, no combinar e as infinitas possibilidades que se oferecem. Já a terceira fase pode ser considerada a mais importante do brincar, pois a coleta de material faz com que se desenvolvam novas habilidades, como normas sociais e de convivência, o relacionamento com os pares e a classificação de objetos.

Enfim, o importante é lembrar que o papel principal do educador é a observação atenta sem intervenção e a curadoria dos objetos para que sempre estejam em ordem e disponíveis para outras possibilidades, todas as vezes em que o brincar heurístico for solicitado como constituinte de uma proposta pedagógica.

## **BRINCAR HEURÍSTICO: MATERIALIDADES E SUAS DESCOBERTAS**

A criança se movimenta desde seu nascimento, porém está sempre em busca de novas aprendizagens, então, seu percurso envolve trocas de experiências com outras pessoas e com seu entorno pessoal, propiciando muitas possibilidades para ampliar seus movimentos, reagir aos atos externos, por meio de suas percepções e coordenação de seus gestos, diante de um ambiente.

Nessa perspectiva, Oliveira nos diz que,

O controle e o domínio do movimento são fortes motivadores nos jogos iniciais do bebê, para quem a descoberta das sensações do próprio corpo, das possibilidades de movimentos ao agir sobre o espaço, manusear objetos e interagir com adultos e outras crianças é muito prazerosa. [...] Brincar com o próprio corpo ou com o corpo da mãe, inicialmente indiferenciados para o bebê, constitui a fase inicial de sua atividade lúdica. Até os 4 meses, aproximadamente, a sucção e o exercício funcional dos movimentos das mãos no campo visual geram imensa satisfação. [...] Mais tarde, quando a criança se torna capaz de sentar-se e o seu campo visual é ampliado, seu interesse estende-se do próprio corpo para os objetos e para o que pode fazer com eles. (OLIVEIRA, 2012, p. 114)

Então, trabalhar com crianças bem pequenas pressupõe a necessidade de que o ambiente seja preparado com antecedência e atenção, pois ele também atua como um espaço formador e promotor de aprendizagens, consequentemente, é importante prepará-lo para possíveis entrosamentos e ações das crianças porque elas são ativas, inteligentes e autônomas em suas construções.

Em vista disso, seguem algumas imagens de materialidades transformadas para que as crianças pudessem interagir dentro de suas livres ações, sendo que a transformação das caixas em máscaras foi realizada mediante observação das brincadeiras das crianças que colocavam e tiravam as caixas em suas cabeças simulando um esconde-esconde.



Figura 1: Acervo próprio.



Figura 2: Acervo próprio.

Dessa forma, a oferta de objetos peculiares com suas próprias características favorece novas experiências, com a finalidade de estimular a pesquisa, a curiosidade, o encanto, pois esses objetos, com seus próprios significados, são atraentes e conquistam a atenção das crianças pequenas e dos bebês mesmo antes deles se sentarem. E, assim, são oferecidas algumas imagens da curadoria e disposição das materialidades e, por conseguinte, suas investigações por parte dos atores envolvidos em novas descobertas.



Figura 3: Montagem do ambiente. Acervo próprio.

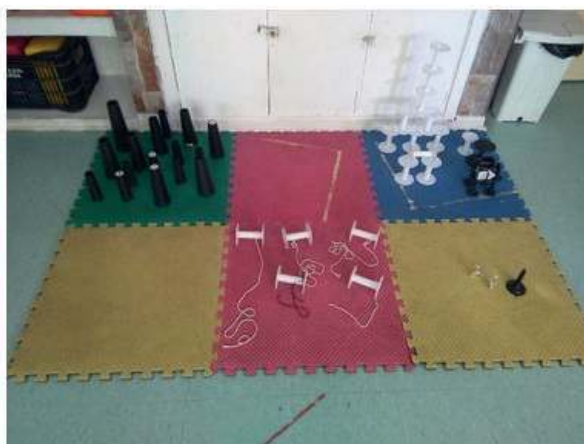


Figura 4: Montagem do ambiente. Acervo próprio.



Figura 5: Montagem do ambiente. Acervo próprio.



Figura 6: Montagem do ambiente. Acervo próprio.



Figura 7: Interações. Acervo próprio.



Figura 8: O protagonismo e a descoberta. Acervo próprio.

Então, o brincar com esses objetos denomina-se como brincar heurístico que, segundo as autoras Goldschmied e Jackson,

A palavra grega eurisko, da qual é derivada nossa palavra “heurístico”, significa “serve para descobrir ou alcançar a compreensão de algo”. Isso é exatamente o que as crianças pequenas fazem espontaneamente, sem qualquer direcionamento dos adultos, desde que tenham os materiais com os quais efetuarão suas explorações. (GOLDSCHMIED, JACKSON, 2006, p. 148)

Contudo, a abordagem do brincar heurístico não é uma receita engessada com certo ou errado, sendo que cada educador irá recolher seus próprios aparatos e montar seu acervo de materialidades e essa será a maior parte do trabalho a ser realizado, com a finalidade de libertar a criatividade e torná-la estimulante. Também faz parte do trabalho a observação, os registros sobre as atitudes que a criança a ser observada desenvolve, porém sem intervenção, sem julgamento ou direcionamento, sendo que poderá ter uma exceção caso uma criança comece a causar desordem ou impedir que as outras desenvolvam suas atividades. Como afirma Goldschmied e Jackson,

Talvez uma coisa das coisas que o adulto possa achar difícil, em um primeiro momento, é não intervir, e sim permanecer calmo e atento. Se pensarmos por um momento em como nos sentimos quando nos concentramos em alguma atividade prazerosa e que nos exige bastante, veremos que não queremos ou precisamos de alguém que fique sempre dando sugestões e conselhos e elogiando nosso trabalho; só queremos continuar a trabalhar, embora possamos ficar contentes de ter essa companhia amigável ao nosso lado. Nesse sentido, os bebês não são muito diferentes dos adultos. (GOLDSCHMIED, JACKSON, 2006, p. 118)

Em tempo, ainda de acordo com Goldschmied e Jackson, é possível montar uma lista de materiais que se destinam ao brincar heurístico, como,

**A ser obtidos ou manufaturados**

Castanhas grandes  
Chaves velhas, em molhos pequenos  
Cilindros de papelão de todo tipo (como os que vêm em rolos de papel-toalha, papel contact e para computador)  
Conchas de moluscos  
Cones de pinho  
Latas e recipientes de tamanhos variados  
Pompons de lã, não muito grandes, em cores primárias  
Restos de madeira de carpintaria  
Rolhas  
Sacos e caixas pequenas  
Tampas de latas de metal  
Tiras de veludo, seda e renda

**A ser comprados**

Argolas de cortina, de madeira e metal  
Bolas de pingue-pongue  
Botões grandes de marfim  
Pedaços de correntes com diferentes comprimentos e tamanhos de elos



---

Prendedores de roupa  
Rolhas pequenas e grandes  
Rolos para cabelo de diâmetros diferentes  
Tapetes de borracha (GOLDSCHMIED, JACKSON, 2006, p. 160)

Em suma, esses são alguns exemplos das materialidades que podem ser adquiridas e/ou coletadas para criar as sacolas do brincar heurístico, materiais esses que precisam ficar guardados quando não utilizados, colocados à mostra no momento do brincar e a curadoria deve ficar a cargo do educador, para que sejam limpos e/ou substituídos sempre que se tenha necessidade.

Dessa forma, a utilização de materiais não estruturados possibilita valorizar a personalidade de cada criança envolvida no brincar, possibilitando o protagonismo e a autonomia. Além de valorizar várias habilidades que poderão ser estimuladas. Os interesses que as crianças manifestam no cotidiano dão vida ao currículo e conciliar esses interesses com as descobertas propostas com atividades do brincar heurístico é um grande desafio; fazer com que cada situação seja uma nova experiência é o que dá, ao trabalho de cada educador, um sabor original e único.

O brincar heurístico permite às crianças vivenciarem a manipulação e a classificação de objetos como uma atividade lúdica, tendo como principal característica ser um material não estruturado, não comercial e muito variado. Nessa perspectiva, a criança explora e manipula espontaneamente as possibilidades de ação com esses materiais, respondendo ao seu ritmo de desenvolvimento e favorecendo aspectos como coordenação visual, manual e de objetos, demonstrando curiosidade sobre o seu entorno e combinando todos os tipos de objetos que lhe são oferecidos em seu ambiente. É um tipo de atividade que permite que as crianças aprendam e direcionem suas descobertas de acordo com seus próprios ritmos evolutivos e seus interesses, sem limitar o aprendizado.

Com as brincadeiras as crianças podem conhecer melhor a si, conhecer melhor o outro e o mundo, refletir sobre a vida em conjunto com os demais e aprender a construir outros conhecimentos.

## O BRINCAR HEURÍSTICO E OS MATERIAIS DA NATUREZA

Os brinquedos do chão fincam a criança no mundo e também a acordam para firmar o mundo em si. Mas isso não decorre de um acordo pacífico com o real; na realidade, existe uma luta. A criança esse, laborioso ser combatente, trabalha para animizar<sup>1</sup>, encantar, criar uma aura mágica no mundo, elaborando imagens de intimidade por meio da imaginação da terra. (PIORSKI, 2016, p. 20)

Na modalidade do brincar heurístico não é possível deixar fora os elementos da natureza que oferecem grandes possibilidades para arranjos e investigações, afim de criar novas brincadeiras ou de realizar os jogos simbólicos.

Nesse sentido, é possível coletar e manter a curadoria dos apetrechos fornecidos pela própria natureza, como tocos de árvores, sementes, folhas, cortes dos caules das árvores, cascas de coco, castanhas grandes, seixos rolados de vários tamanhos, cabaças, cascas de árvores, pinhas, galhos, conchas, terra, areia, pedriscos e tudo que por for possível recolher do universo natural.

Piorski ainda afirma que,

A criança, com sua capacidade de fabular, é impulsionada a recriar o real no irreal. Quer irracionalizar a matéria, decompor as formas da cultura a partir do manancial de reminiscências, do lastro de memória e experiências humanas registradas em suas células, em seu campo sensorio, em seus sonhos. (PIORSKI, 2016, p. 31)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar heurístico, em si mesmo, coloca as crianças pequenas e os bebês protagonistas de seu próprio desenvolvimento e de sua aprendizagem porque está centrado em suas descobertas, pois essas materialidades permitem a manipulação e a investigação de aplicabilidades para as mesmas, também favorece a concentração e a mobilidade.

Contudo, os educadores têm a participação secundária, porém não menos importante, pois a organização, a seleção e a curadoria das materialidades dependem deles, além da necessidade constante

---

<sup>1</sup> Animizar: no sentido de dar vida; animar, vivificar.



---

de observação, da escuta ativa, mas sem exercer nenhum tipo de interação com os bebês e as crianças, durante essa contemplação.

Enfim, consideramos de grande importância a necessidade de ampliar as experiências para favorecer novas descobertas a partir de elementos até então desconhecidos ou ignorados com a finalidade de estimular o protagonismo e a construção de conhecimentos por meio de pesquisas e investigações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBOVIK, A., CIPPITELLI, A. **Construção e construtividade**: materiais naturais e artificiais nos jogos de construção. São Paulo: Phorte, 2018.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

ESCOLA FLORESCER. **O brincar heurístico** – brinquedos da natureza. Disponível em: <https://escolainfantilflorescer.com.br/2019/09/20/obrincaheuristico brinquedosdanatureza/#:~:text=Heur%C3%ADstico%20vem%20da%20palavra%20grega,fun%C3%A7%C3%B5es%20para%20o%20objeto%20explorado>. Acesso em: 06 Abr. 2022.

FOCHI, P. (Org.). **O brincar Heurístico na Creche**. Percursos pedagógicos no observatório da cultura infantil – OBECI. 1. 1ª Ed. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018.

GOLDSCHMIED E., JACKSON S. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. 2ª Ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

OLIVEIRA, Z. R. de (Org.). **O trabalho do professor na educação infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. 1. ed. 2016. 3. Imp. 2019. São Paulo: Petrópolis, 2016.

ROCHA, R. S., POLONINI, J. F. G. **O brincar heurístico na educação infantil em época de covid-19**: relato de experiência da abordagem como estratégia de educação a distância. Disponível em: <https://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2020/article/view/1792#:~:text=Janaina%20Fernandes%20Guimar%C3%A3es.,O%20BRINCAR%20HEUR%C3%8DSTICO%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20EM%20C3%89POCA%20DE%20COVID,ISSN%202316%2D8722>Acesso em: 06 Abr. 2022.

---

### Tânia de Jesus Alves



Pós-graduada em Neuropsicopedagogia, Educação Especial e Inclusiva, Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), São Paulo, SP, Brasil. Pós-graduada em Direito Educacional, Faculdade Mozarteum de São Paulo (FAMOSOP), São Paulo, SP, Brasil. Aperfeiçoamento e Docência do Ensino Superior, Universidade Bandeirante (UNIBAN), São Paulo, SP, Brasil. Graduada em Pedagogia, Universidade Guarulhos (UnG), Guarulhos, SP, Brasil. Professora de Educação Infantil, Prefeitura de São Paulo, São Paulo, SP. Professora de Educação Básica, Prefeitura de Guarulhos, Guarulhos, SP.

---

## A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

TATIANA LIMA PASSOS

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo salientar a importância dos jogos na educação infantil. Os jogos são como ferramentas no processo de aprimoramento e desenvolvimento das habilidades manuais e motoras, por isso são uma ótima forma de usar o lúdico para estimular o aprendizado das crianças, não podendo ser visto apenas como um passatempo, pois, são formas de estimular o lado criativo e a autoconfiança, pois, é através dos jogos que o educando compreende e entende o conceito de limites e regras. A aplicação do mesmo nas unidades de Educação Infantil são estratégias pedagógicas que facilitam o processo de ensino aprendizagem e para o desenvolvimento motor e é perceptível que os jogos e brincadeiras são indispensáveis e extremamente importantes para a primeira infância.

**Palavras-chave:** brincadeira na escola; jogos na educação infantil e jogos na escola.

### INTRODUÇÃO

Os jogos e brincadeiras, inseridos desde os primeiros anos de vida, nos ensinam a se relacionar com o outro e com o meio ao redor, sendo assim, o jogo tem um papel fundamental na Educação Infantil, pois é partindo deste pressuposto que o desenvolvimento cognitivo e afetivo do indivíduo é afluído, digamos que o jogo por si próprio, possui aspectos fundamentais para a aprendizagem racional e emocional.

É importante destacar que cada atividade destinada a crianças, sempre visa um objetivo, seja ele livre ou com regras, todos tem algo a despertar, às vezes são sensações e sentimentos, ou percepção visual e desenvolvimento motor, dentre outros benefícios.

Pode-se salientar ainda, que os próprios educadores podem criar brincadeiras dotadas de uma lógica ou fundamento a ser aprendido, haja vista, que o embasamento para dar determinada atividade aos seus alunos necessita de certa destreza, respeitando sempre seu público e sua faixa etária. Atentando-nos, ainda que na temática dos jogos não haja um envolvimento de somente apreender a criar da própria criança, muito do que há a desenvolver o educador, tem papel fundamental, pois o ambiente também contribui para o aprendizado e o desenvolvimento do aluno.

Portanto, caberá ao professor oferecer-lhes material apropriado, bem como, um espaço estruturado para o desenvolvimento da brincadeira, permitindo o enriquecimento em matéria imaginativa e criativa, de modo que possibilite descobrir, e experimentar diversas sensações que nunca vivenciou antes, sempre destacando que o ambiente deve ser protegido.

Os jogos e as brincadeiras são tão requisitados na infância, pois eles auxiliam as crianças a vivenciarem os jogos com regras, que por sua vez, tendem a aprender a esperar e também a tática de ganhar e perder, e os jogos simbólicos que incentivam a criatividade e interação, contribuindo assim com a autoestima.

Concluímos que os jogos possuem temáticas diferentes e podem ser agregados a conteúdos curriculares tais como: a língua portuguesa, matemática, raciocínio lógico, entre outras, concluindo que a base de uma educação de qualidade não depende tão somente de um maçante ensino ultrapassado, pode ser lúdico e divertido aprender.

### HISTÓRIA DOS JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Estima-se que os jogos surgiram no século XVI, e que os primeiros estudos foram na Roma e na Grécia, com propósito de ensinar letras, mas com o início do cristianismo, o interesse cresceu, com o propósito de uma educação disciplinadora, de memorização e de obediência.

---

Segundo Nallin (2005): com o aparecimento da Companhia de Jesus, uma organização religiosa inspirada em moldes militares, decididos a lutar em prol do catolicismo e que utilizaram o processo educacional como sua arma o jogo educativo passou a ser empregado como um material auxiliador do ensino, se expandindo desde então.

Já em uma visão mais branda e posterior, segundo Kishimoto (1993): "O jogo tradicional infantil é considerado como arte da cultura popular do povo, esse jogo assume características anônimas, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade".

Portanto, até os tempos de hoje ninguém sabe a gênese desses jogos, seus criadores são anônimos e o que se sabe que eram atitudes abandonadas por adultos, por fragmentos de romances, poesias, mitos, e rituais religiosos.

## QUAL A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Importância dada aos jogos e as brincadeiras consistem em incentivar o desenvolvimento de novas habilidades, bem como, uma maneira de buscar novas explicações, acreditando que, para as crianças, é sempre mais agradável trabalhar com situações hipotéticas e imaginárias, desde que sigam uma determinada regra.

Sendo assim, de alguma forma os jogos e brincadeiras, são fontes de felicidade e prazer, por isso, buscam uma maneira de apresentar um exercício de liberdade, representam as conquistas de quem pode sonhar sentir, determinar, se aventurar e fazer, com energia para superar os desafios da vida, seja materializada criando o lugar e os objetos.

Vimos que ao brincarem as crianças vão criando um mundo paralelo, se apropriando de uma realidade só existe para ela, e desta forma criam um espaço onde possam expressar, de modo simbólico, e depositar todas suas fantasias, desejos, medos, sentimentos, sexualidade e agressividade, neste mundo simbólico, sendo por meio dos jogos, uma criança pode criar uma série de situações, e conseqüentemente irão lhe proporcionar equilíbrio, desafios corporais com uso de objetos, de obstáculos e alvos.

## A ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS ESCOLARES

A Educação infantil deverá proporcionar o desenvolvimento integral da criança em todos os seus aspectos, físico, intelectual, linguístico, afetivo e social, visando à complementação da educação recebida da família e na comunidade, conforme o determinado no artigo 29 da LDBEN 9394/96.

No entanto, a organização dos espaços escolares, são de uma forma genérica bem simples de serem aplicadas, conforme as legislações em vigor, às questões educacionais, afirmam que todas as crianças, a partir dos 04 anos, devem ter espaços garantidos em instituições especializadas conforme determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9394/96). Ainda determina que é obrigação do Estado, proporcionar a todas as crianças, que tenham uma educação de qualidade e as instituições devam, obter certa autonomia para elaboração das atividades curriculares, de acordo com a faixa etária de cada aluno.

Este tipo de interação entre as crianças, sempre ocorrerá no ambiente escolar, bem como, com os professores os outros funcionários, desta forma ela construirá seu conhecimento nas diferentes dimensões, e poderá dividir umas com as outras.

A exploração de um determinado ambiente escolar, ocorre através do movimento, desta maneira, é oferecido às crianças um espaço com vastas variedades e desafios, para que o seu corpo possa experimentar diferentes ações e situações, aumentando gradativamente o conhecimento de seu próprio corpo.

## JOGOS E SUAS IMPLICAÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS

Entendemos que não se esgotaram as possibilidades de se conhecer e compreender os jogos e as brincadeiras, mas nosso propósito é destacar, em especial, seu papel na educação. Muitas são as pesquisas nas áreas de educação e psicologia, elas apontam que os jogos e as brincadeiras são muito utilizados na educação infantil, pois elas possuem um grande impacto na vivência direta da criança dentro do ambiente escolar:

Em uma explanação, ao qual concordamos com MACEDO (2007): quando destaca: a importância da dimensão lúdica nos processos de aprendizagem escolar como uma das condições para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes e, quem sabe, para uma recuperação do sentido original da escola" (p. 09).

---

Por outro lado, Segundo Kishimoto (1999), o jogo educativo utilizado em sala de aula na maioria das vezes vai além das brincadeiras e se torna uma ferramenta para o aprendizado. Para que o jogo seja um aprendizado e não uma obrigação para a criança, é interessante deixar que o aluno escolha com qual jogo queira brincar e que ele mesmo controle o desenvolvimento sem ser coagido pelas normas do professor, o mesmo acredita que a função não deve ser imposta como obrigação, pois assim não terá o objetivo de aprendizado e sim de imposição.

No atual cenário em que estamos, à incidência de problemas envolvendo a escola, o aprender e o ensinar nos leva a pensar como resgatar a escola como espaço de prazer, conhecimento e produção, como antigamente era um local divertido.

Portanto, hoje muito se salienta que as dificuldades enfrentadas por alunos e professores possivelmente são pistas de que a escola perdeu o elemento prazer e tornou-se uma obrigação, a diversão perdeu seu espaço. Dessa forma, aprendizagem e desenvolvimento se perdem em processos mecânicos e cada vez mais nossos alunos sentem-se confusos com relação a seu papel na educação e na escola. A estranheza com que nossas crianças lidam com a própria educação supõe que estas, as crianças, estão sendo ignoradas quando são construídas as propostas para sua formação.

## O PAPEL DO EDUCADOR

O professor deve ser o mediador entre as crianças e os objetos, ajudando a resolver os conflitos, não esquecendo que cada criança traz consigo conhecimentos prévios e uma cultura familiar, tornando-se um parceiro mais experiente, proporcionando e garantindo um ambiente prazeroso, saudável de vasta experiência educativa e social.

Alguns dos educadores, possuem uma visão bem distorcida de que o brincar não é deixá-la fazer o que quer e como quer, cabendo assim, ao educador estimular as crianças para valorar sua opinião e suas descobertas, e não apenas estar ao seu lado permitindo toda e qualquer ação, acreditando que este é o papel a ser seguido.

## JOGO SIMBÓLICO X JOGO COM REGRAS X JOGOS DIGITAIS

Possuímos três distintas formas de jogos, na maneira que cada um possui sua peculiaridade e é destinada para certo tipo de situação. Digamos que a estruturação do conhecimento caberá ao educador propiciar a utilização dos jogos e brincadeiras, de tal forma que possibilite à criança, atingir todas as etapas, objetivando o vivenciar, modificar e recriar.

O principal objetivo na educação infantil dentro de um ambiente é o desenvolvimento, sendo que as brincadeiras e os jogos são uma forma de aprendizagem, os professores de educação infantil devem elaborar propostas de trabalho que incorporem as atividades lúdicas.

Desta forma o faz de conta ou **JOGO SIMBÓLICO**: permite que a criança possa imaginar criar, imitar, assumir diferentes papéis e experimentar situações distintas, podendo também, transformar o significado dos objetos que manipula, como, por exemplo, uma massinha transformá-la em um bolo, ou seja, o intuito deste é iniciarem a brincadeira imitando seus próprios familiares, usando gestos característicos e frases, que eles mais usam com as crianças, para a desenvoltura de suas percepções.

Em contra partida o **JOGO COM REGRAS**: é o brincar de forma ordenada, importante para desenvolver a lógica e a estratégia, que o ao mesmo tempo, lhe proporcione algo estimulador no exercício de suas atividades mentais, ampliando sua capacidade de ajudar as demais com sua própria autoria, mesmo sendo ele portado de regras e desafios.

Podemos dizer que nos **JOGOS DIGITAIS**: o contexto muda de figura, pois as relações das crianças com as ferramentas digitais, estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Assim os tantos outros aplicativos disponíveis na 'internet', servem como ferramenta digital, para um papel de interação social, e também dinamismo no processo de ensino e aprendizagem.

## BRINCADEIRA X JOGOS

A Brincadeira vulgarmente falando, traz um sentido, de lúdico tem caráter de livre escolha de ordem que contrapõe a lógica da produtividade e indica pistas para definição de papéis sociais e da cultura humana subjetiva.

E o brinquedo em si, o objeto, o conjunto de procedimentos e habilidades, é tão diferente a brincadeira possibilita sempre uma nova experiência, mesmo que as crianças estejam brincando da mesma brincadeira pela milésima vez, sempre terá algo novo, novas sensações e novos aprendizados.



---

A perspectiva atual se defende é a utilização dos jogos e brincadeiras na educação infantil, que por serem atividades que envolvem a criança como um todo, e realçar os sentidos do modo mental, físico e o social.

O trabalho com o lúdico, pode estar ligado aos jogos, são através dele que a criança se torna capaz de buscar hábitos; e dar vida aos objetos, promover a aprendizagem, formal ou informal.

Além dos objetivos cognitivos serem aflorados a, esperamos que as crianças sejam capazes de desenvolver atitudes, respeitar o próximo, melhorar os comportamentos criar vínculos verdadeiros com os colegas, ampliando o sentimento de um grupo, e trabalhar a competição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da evolução histórica, as pessoas acreditavam que os jogos, cantigas, danças não passavam de uma brincadeira fútil, entretenimento imoral para aflorar a sexualidade das crianças, questão que posteriormente foi derrubada pelos estudiosos.

Em um contexto histórico mais definido o que se pode levar em conta, no atual cenário, houve uma grande evolução educacional, onde grandes reflexos positivos nas salas de aula, de acordo com a maneira que os jogos e brincadeiras foram inseridos.

Podemos observar que desde o primeiro instante, que uma criança é inserida em um ambiente escolar, ela será designada a apreender a lidar com a convivência com as demais, ou seja, será inserida diretamente em uma sociedade.

Nessa jornada, aprenderá a dividir, terá que lidar com limites, imposição de hierarquia que será dada por sua professora e outros tantos aprendizados.

Salientamos que os jogos e brincadeiras são muito mais importantes do que se é questionado, pois, eles podem determinar a personalidade do indivíduo, desde o instante que adentrou em uma pré-escola, sem dúvida somos capazes de pormenorizar um assunto como este, que parece ser ultrapassado.

Destarte, a real importância das brincadeiras e dos jogos na sociedade escolar nos acompanha há muitos séculos, e é de extrema relevância no ambiente, pois estimula muitos pontos da criança levando-as para que se tornem adultos, dotados de muitas perspectivas de vida.

Por fim, podemos afirmar diversos são os benefícios dos jogos, e que estes melhoram a convivência em sociedade de forma mais sadia e fazendo do ambiente escolar local de harmonia, para todos, possibilitando uma visão escolar bem mais almejada por todos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A IMPORTÂNCIA DO JOGO E DA BRINCADEIRA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**-disponível em:<https://pepsic.bvsalud.org/scielo>

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E DAS BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**- disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/a-importancia>.

BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Ministério da Educação, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. **Jogos digitais e alfabetização, como dar mais dinamismo ao aprendizado**. NOVA ESCOLA: disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18163/jogos-digitais-e-alfabetizacao-como-dar-mais-dinamismo-ao-aprendizado>.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. Campinas: Papyrus, 2000.

PIAGET, J. **A formação do símbolo: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.



**Tatiana Lima Passos**

Graduada com licenciatura plena em Pedagogia. Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I na Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

## RESPEITO PELO RITMO, AQUISIÇÕES E APRENDIZAGENS DAS CRIANÇAS

VILMA MAXIMIANO VIEIRA

**RESUMO:** Muitos pais profissionais da educação possuem ansiedade, pressa em ver as crianças os bebês seu filho, andar, sentar, escrever, causando um 'apressamento' no ritmo o que futuramente poderá causar transtornos a criança ,muitos tentam ajudar fazendo pelo bebê e criança pequena o que ela poderá e deverá fazer por si própria. A criança realiza conquistas simultaneamente apesar de depender de nós para alimentar-se e cuidar. Quando estiver preparada a criança por si só irá rastejar, rolar, ficar em pé andar sem a necessidade da intervenção do adulto, cabe ao adulto propiciar ambientes aconchegantes, alegres,estar ao lado das crianças,não interromper, não ter pressa,deixar o movimento livre. O bebê e a criança pequena necessita 'vivenciar' cada fase da sua vida no seu ritmo sem comparações e/ou pressa pelos adultos.

**Palavras-chave:** Antecipação. Comparações. Desenvolvimento. Fases. Formação. Tempo.

### INTRODUÇÃO

#### O Que é Ritmo ?

Ritmo é um conjunto de forças e movimentos cíclicos que se alternam e se repetem em polaridades, constituindo-se de atividade e pausa,que se expressa e estabelece tecendo novas relações entre tempo e espaço, ele traz força sem esforço, e fundamentalmente proporciona vida nova, renovação e fortalecimento da vida, diante dessa explicação podemos dizer que para que tudo ocorra em seu tempo precisamos deixar fluir cada fase (estamos falando aqui das crianças) a natureza possui um ritmo, por exemplo, nas marés, nas ondas do mar – com tantas menores até uma onda bem maior –, e nas marcas que as ondas deixam na areia podemos constatar esse elemento rítmico. O ritmo é a característica central dos organismos vivos. No crescimento, a planta mostra polaridades e alternâncias. Ao brotar, a semente – exemplo máximo de contração – expande-se ao despontar para cima, com o broto; e para baixo, com a raiz. No crescimento da planta encontramos os polos vertical e horizontal: o caule cresce na vertical e as folhas e galhos na horizontal.

Cada criança tem seu ritmo de descobrir, de andar, de falar, de mover-se e de explorar. O ritmo de cada criança é único, portanto, ele pode ser um organizador em potencial do tempo de suas aprendizagens.

O ritmo também marca a construção dinâmica da composição da identidade, aquilo que torna cada bebê e criança singular, através do movimento do corpo e das interações com o meio. Segundo Cabanellas et al (2020, p.57):

Devemos estar conscientes de que uma nova ordem surge da dança caótica na qual a mente se prepara para uma mudança e que essa ordem tem um caráter emergente e um vínculo com o ambiente: é a manifestação de uma ordem interior mais profunda no processo da criança se adequar ao seu mundo.

O ritmo é um processo de desordem e ordem interior, que ao interagir 'experencialmente' com o outro, com o ambiente, sentimentos e emoções, promove movimento (motor, cognitivo, psicossocial) e a construção do conhecimento.

Por ritmo, entende-se também a ordem interna do corpo. É o ritmo que organiza a respiração, a frequência cardíaca, a coordenação motora, as complexas relações de funcionamento, a alteridade do corpo, o pensamento e as infinitas possibilidades de ser, estar e desenvolver-se naturalmente. O ritmo

---

é uma ordem, flexível e viva, que projeta um desejo interno de compreensão da ordem externa. Nas palavras de Cabanellas et al (202, p.58) o ritmo “é o fato fundamental pelo qual ocorre um encontro significativo e construtivo com o ambiente”. É um movimento interno que se reorganiza com o movimento externo. O ritmo, nesse sentido, é a experiência viva.

Para bebês e crianças bem pequenas que estão em constante movimento de aprendizagem, Cabanellas et al nos diz que:

Por meio desse processo de descobrir o mundo e descobrir a si mesmo, a ação intencional emerge, como um gesto, como uma construção simbólica possível e como uma brincadeira estética consciente. Nessa situação específica, podemos observar como a infância opera criativamente, contribuindo com processos de transformação criativa, formas de inclusão no mundo, interação social e autoconstrução significativa. (2020, p.59)

## RITMO E AQUISIÇÕES DAS APRENDIZAGENS DOS BEBÊS E CRIANÇAS

Ao compreender um pouco mais sobre o ritmo natural e próprio de cada criança, percebe-se nas rodas de conversa com famílias e formação de educadores uma angústia muito grande acerca do desenvolvimento, aquisição de aprendizagens e conhecimentos da criança. Uma angústia fomentada pela comparação das etapas de desenvolvimento, naquilo que “a criança já consegue fazer ou que ainda não consegue fazer”. Com a ansiedade da aquisição da aprendizagem rápida das crianças, o olhar do adulto torna-se homogeneizador sobre os tempos das crianças. Olhar esse que padroniza ações e movimentos dentro de uma sequência de tempo organizada por tabelas prontas, desarticuladas com uma concepção de criança que é sujeito, e assim desrespeitando violentamente seus ritmos.

Essa ânsia pelo aprendizado do bebê e da criança pequena acaba atropelando a autonomia natural. Essa ideia parte de uma lógica de educação transmissiva na qual precisa-se ensinar tudo, e nesse processo a criança é vista como uma tábula rasa. Nessa lógica, perde-se grandes oportunidades de conhecer esse sujeito na sua inteireza, no seu desenvolvimento próprio, no que gosta, suas curiosidades, seus sentimentos, o que lhe instiga e seus encantamentos.

A criança, como sujeito singular, tem seu tempo, seu ritmo, sua personalidade, sua forma de ver o mundo e interagir com ele. O dever do adulto é garantir um espaço seguro, um olhar atento e confiante, toque afetuoso e respeitoso a todas as sutilezas. Emmi Pikler (2016) é uma importante referência nos estudos e pesquisas sobre desenvolvimento e movimento dos bebês e das crianças bem pequenas. Pikler foi uma médica húngara que durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou com crianças órfãs e abandonadas, aprofundando-se em uma abordagem científica que reverbera gradativamente até os dias de hoje. Emmi Pikler fundou o Instituto Lóczy<sup>1</sup>, que mesmo não sendo mais um abrigo, permanece atendendo crianças de 0 a 3 anos sendo um importante centro de pesquisa em Budapeste e para o mundo todo.

Através da sequência de movimentos das crianças, Emmi Pikler fundamentou a importância do mover-se em liberdade, pois as sequências motoras desenvolvem-se de acordo com o ritmo, tempo, espaço e confiança dedicada a cada criança. Para a pediatra húngara Emmi Pikler, a conquista autônoma dos movimentos da criança está ligada ao desenvolvimento cognitivo. Um depende do outro: movimentos, relações, sentimentos e cognição, num amadurecimento harmônico da criança por inteiro.

Confiança e cuidado são pilares fundamentais para que a criança se mova em liberdade.

Quando oferecemos aos bebês liberdade para se mover, reconhecemos o papel dos movimentos para o desenvolvimento infantil. Ao se mover de forma autônoma e livre, o bebê aprende sobre o seu próprio corpo, desenvolve e reconhece suas capacidades motoras, e, dessa forma, aprende a aprender.

É importante que neste acontecimento o adulto não tenha pressa e antecipe situações que possam atrapalhar o desenvolvimento livre. Bernard Golse no prefácio do livro *Maternagem Insólita* (APPELL; DAVID, 2021, p. 11), significa que os jardineiros costumam dizer que não serve para nada puxar as folhas para que elas cresçam.

Sem dúvida, é a mesma coisa no que se refere ao crescimento”. Quando tentamos acelerar o ritmo das crianças estamos pulando etapas de sequências motoras dos processos fundamentais que serão a base de toda sua vida. segundo Sylvia Nabinger em entrevista ao blog tempo de creche:”O bebê a criança pequena experimenta a aventura, descobre tasteando, reproduz, coordena cada aquisição à

---

<sup>1</sup> Atualmente o instituto chama-se Instituto Emmi Pikler.

---

medida que segue seu caminho, enfatizava Emmi Pikler. Essa afirmação mostra a importância de respeitar todas as manifestações espontâneas do bebê, a ordem e o ritmo de seus aparecimentos." É importante que o adulto reconheça seu papel neste percurso. Autonomia não é abandono e liberdade não é permissividade (FALK, 2016, p.56). Existe um poético equilíbrio desta relação cotidiana. Sobre estas relações de protagonismos.

Soares nos apresenta que:

Assumir o paradigma da criança potente e protagonista é, muitas vezes, difícil, pois é preciso abrir mão da postura de "quem ensina" e deixar de lado a ansiedade por conquistas diárias. E, em lugar disso, confiar, acompanhar e permitir que a criança viva sua infância, sem interferência invasiva, que pode trazer consequentemente excitabilidade excessiva, falta de atenção, insatisfação e sensação de incompetência. (2017, p.54).

A dependência vinda da antecipação de posições que a criança ainda não chegou sozinha produz uma falsa autonomia. Tanto a dependência quanto a autonomia são construídas conforme a criança interage e percebe as relações no ambiente em que está. Appel e David (2021), a partir da observação de uma criança que se sente desconfortável em uma posição, em que o adulto deverá auxiliá-la para que reencontre o domínio da situação, enfatiza que "[...] só se ajuda, a reencontrar uma posição já conhecida, a criança que está iniciando a aquisição de uma nova possibilidade motora; porém, nunca para uma posição que ela não possa encontrar por ela mesma". (2021, p. 87)

Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata.  
Quem tenta ajudar um broto a sair da semente o destrói.  
Há certas coisas que não podem ser ajudadas.  
Tem que acontecer de dentro para fora.  
Rubem Alves

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não podemos ou devemos antecipar os processos que vão ser adquiridos com o tempo por nossos bebês e crianças. Ao observarmos crianças em crescimento, é possível perceber que o desenvolvimento infantil segue comprovadamente uma sequência na aquisição de habilidades e capacidades, o desenvolvimento segue a sequência céfalo-caudal e próximo distal. Embora haja diferenças individuais no ritmo desse desenvolvimento.

É importante ressaltar que não há nenhuma vantagem em engatinhar, andar, ler e escrever mais cedo, o corpo é uma ferramenta de conhecimento, logo, o bebê deve ser o único a iniciar seus movimentos e posturas.

Desde muito cedo os adultos projetam nas crianças seus desejos, anseios e aspirações nos bebês e crianças pequenas limitando e dando importância ao tempo *Chrónos*, nossos bebês e crianças estão vivenciando o tempo *Kairós* onde cada criança é protagonista do seu aprendizado sem se importarem ao tempo *Chrónos* esse para nossas crianças é o menos importante em sua fase de vida, para os bebês e crianças o que realmente importa é seu tempo, seu ritmo seu espaço, precisamos dar tempo à infância, sem pressa com uma escutava observante, ativa, sem comparações a infância deve ser vivenciada, respeitada por cada bebê e criança em seu ritmo

Luiza Lameirão em seu texto nos diz: Assim como não há pressa ou atraso no movimento das estrelas, também se considerarmos as crianças como sementes, veremos que quando forçadas a amadurecer elas não dão bons frutos. Precocidade no processo educacional das crianças é o que mais vemos atualmente. Crianças com comportamento 'adultizado' perderam a chance de amadurecer devagar, perderam a doçura da fruta amadurecida em seu tempo. Os cronobiologistas dizem que a criança amanhece os tempos. A semente da vida humana é a criança e vale refletir como estamos preparando esse lugar para que essa semente possa germinar.

"A pressa faz com que as coisas amadureçam precocemente. O fruto amadurecido "a pulso" não permite que a semente esteja plena de nutrientes e possivelmente esta semente não dará bons frutos. O que se colhe antes da hora pode murchar sem amadurecer e até apodrecer, e assim, comprometemos a possibilidade de futuro.( Luiza Lameirão)"



---

Segundo Içami Tiba ( 2002 ), a pressa não é característica infantil porque a criança tem muito prazer durante a realização de um trabalho. É por isso que imediatamente após empilhar várias caixinhas, derruba tudo e começa de novo. A criança investe muito mais tempo empilhando do que admirando o trabalho acabado, seu prazer não está no produto final, mas sim, no processo sequencial da ação, enquanto aprimora suas habilidades. A cada novo movimento desordenado pela criança, um novo movimento é conquistado. Assim é seu ritmo.

Como disse Luiza Lameirão em seu texto, tudo tem o seu tempo para acontecer. Na natureza exterior, esse tempo já é característica de cada espécie. Por exemplo, a pausa no crescimento das plantas acontece antes do florescimento. Não será, então, que a pausa é sempre necessária para uma nova qualidade nascer? No ser humano, o organismo corporal tem as pausas dadas pela natureza, porém, nossa alma necessita de pausas inseridas conscientemente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPELL, Geneviève. DAVID, Myriam. **Maternagem Insólita**. Coleção Primeira Infância, Educar de 0 a 6 anos. São Paulo. Omnisciência, 2021.
- CABANELLAS, Maria Isabel. et al. **Ritmos Infantis: tecidos de uma paisagem interior**. 2ª Edição. São Paulo: Pedro & João Editores, 2020.
- SOARES, Suzana Macedo. **Vínculo, Movimento e Autonomia: educação até 3 anos**. São Paulo. Omnisciência. 2017.
- FALK, Judith. **Abordagem Pikler: educação Infantil**. Coleção Primeira Infância: educar de 0 a 3) São Paulo: Omniscência, 2016.
- TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. São Paulo Editora Gente. 2002.
- Luiza Helena Tannuri Lameirão. **O ritmo para o ambiente propício à criança**, Link:[http://www.fewb.org.br/covid\\_artigo\\_ritmo.html](http://www.fewb.org.br/covid_artigo_ritmo.html)
- Sylvia Nabinger - <https://tempodecreche.com.br/postura-do-pofessor-e-rotina/12-dicas-sobre-movimento-e-aprendizagem-a-partir-de-emmi-pikler/>



---

### Vilma Maximiano Vieira

Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro, SP. Pós-graduação em Educação Infantil pela Campos Sales (FICS), SP e Especialização Latu Sensu em Planejamento, Implementação e Gestão Da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF), RJ. Professora de Educação Infantil (PEI), na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP).

---

## O PLANEJAMENTO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

VIVIANE DE CÁSSIA ARAUJO

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo discutir o planejamento e a prática pedagógica como norteadores do processo de ensino e aprendizagem infantil, a partir de pesquisas bibliográficas sobre o tema. Dentro das influências pedagógicas, o planejamento e a prática pedagógica não serviram apenas para a discussão no campo da educação, mas também foram fonte de preocupação, inclusive de políticas públicas, principalmente relacionadas à qualidade da educação. Em termos de prática pedagógica, o planejamento é um processo em que o professor determina para onde quer ir e quais os caminhos adequados para chegar lá, a partir de situações presentes e já pensando no futuro, para que a educação possa atender tanto às necessidades das sociedades desenvolvimento e o aluno. Os resultados encontrados indicam que práticas como o planejamento são essenciais para garantir uma boa aprendizagem aos alunos.

**Palavras-chave:** Educação. Competências. Formação. Políticas públicas.

### INTRODUÇÃO

O presente texto teve como objetivo realizar um levantamento bibliográfico sobre planejamento e práticas pedagógicas como norteador no processo de ensino e aprendizagem infantil. O professor sabe que cada aula precisa ser bem planejada para deixar claro os objetivos e os métodos de avaliação para os alunos.

Dentro das influências pedagógicas, o planejamento e a prática pedagógica não serviram apenas para a discussão no campo da educação, mas também foram fonte de preocupação, inclusive de políticas públicas, principalmente relacionadas à qualidade da educação.

Vasconcellos (2000) entende o planejamento como uma atividade contínua e dinâmica que exige reflexão e tomada de decisão. O plano, por outro lado, é produto dessa reflexão e pode ou não ser explicado em forma de registro. O planejamento é permanente para ele; enquanto o plano é preliminar e sujeito a alterações.

O planejamento é de suma importância, pois mantém o professor focado no aprendizado e nas competências e habilidades que espera desenvolver no aluno e a sua relação mostrando o que existe entre a atividade proposta e a avaliação que ele fará sobre sua aprendizagem, verificando o que o aluno realmente aprendeu e o que não conseguiu aprender, replanejando sua prática pedagógica para trabalhar com atividades variadas, que atinjam o propósito de desenvolver determinadas habilidades e competências pretendidas em aula.

O planejamento, então, é um processo em que o professor determina para onde quer ir e quais os caminhos adequados para chegar lá, com base nas situações presentes e já pensando no futuro, para que a educação atenda tanto às necessidades de desenvolvimento de sociedade e do aluno, o que muitas vezes não é o caso, acarretando problemas no processo educacional.

Por isso, é preciso olhar a prática docente do ponto de vista pedagógico e de planejamento, para que os direitos sejam alcançados e respeitados em relação à aprendizagem e desenvolvimento. Para a presente discussão literária, contamos com Vasconcellos (2000), Barbosa e Horn (2008), Queiroz e Rocha (2010), Turra (2011) e outros pesquisadores que discutem o tema em questão.

Esta pesquisa utilizou metodologia qualitativa, baseada em uma revisão de literatura para discutir o assunto em questão. Os resultados encontrados indicaram que as práticas pedagógicas e o planejamento são dois elementos essenciais para o desenvolvimento pleno do aluno.

---

## HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO

Tratar da história da educação é de grande importância nos dias atuais para entender como se dão os processos de ensino e aprendizagem no contexto educacional. No século XVII Comenius, bispo evangélico da Igreja Morávia, professor, cientista e escritor, que como fundador da didática moderna, desenvolveu ideologias avançadas no campo da educação baseadas no pressuposto de experiências sensoriais.

Rousseau, filósofo, teórico político e escritor, considerado um dos mais importantes filósofos do Iluminismo e um dos precursores do Romantismo, desenvolveu suas teorias a partir dos interesses das crianças e do mundo ao seu redor naquela época, ambas as ideias estavam associadas à metodologia tradicional, ou seja, aquela em que o professor é o portador do conhecimento, e que, com o desenvolvimento da educação, deixou de ser eficaz para atender às novas necessidades da sociedade. Com o desenvolvimento da sociedade, tornaram-se necessárias novas teorias e formas de aprender e ensinar, o que contribuiu para o surgimento de novos sistemas educacionais:

O iluminismo educacional representou o fundamento da pedagogia burguesa, que até hoje insiste, predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista. A burguesia percebeu a necessidade de oferecer instrução mínima, para a massa trabalhadora. Por isso, a educação se dirigiu para a formação do cidadão disciplinado. O surgimento dos sistemas nacionais de educação, no século XIX, é o resultado e a expressão que a burguesia, como classe ascendente, emprestou a educação (GADOTTI, 1995, p.90).

Henrique Pestalozzi (1746-1827), afirmou que a função primordial da educação é estimular as crianças a desenvolverem habilidades naturais e inatas. Para ele, a escola ideal não deveria ser apenas uma extensão da casa dos filhos, mas também representar um ambiente familiar e, assim, oferecer uma atmosfera de segurança e afeto. Neste conceito, a criança se desenvolve de dentro para fora (diferentemente da escola tradicional).

O professor deve respeitar os estágios de desenvolvimento da criança para orientá-la. Ou seja, atentar para seu desenvolvimento, habilidades e necessidades, dependendo da faixa etária em que se encontra, e ensiná-lo a ler e imitar a natureza como método pedagógico (NASCIMENTO, 2003).

Herbart, filósofo alemão, foi o primeiro a caracterizar a pedagogia como uma ciência, de forma organizada e sistemática com objetivos claros e bem definidos. A estrutura teórica construída por Herbart baseia-se no funcionamento da mente, o que o tornou um pioneiro: além do caráter científico, adotou a psicologia aplicada como eixo principal da educação. O pensamento de Herbart sobrevive até hoje, pois o pensamento pedagógico está fortemente ligado às teorias da aprendizagem e à psicologia do desenvolvimento, o que nos remete a Jean Piaget (HILGENHEGER, 1993).

Em outras palavras, suas contribuições para a psicologia e a pedagogia ainda são válidas hoje, mas seu pensamento e prática do século XIX foram ultrapassados pelo movimento escolar ativo. John Dewey (1859-1952), o principal proponente, fez inúmeras críticas às concepções de Herbart. Com o advento da Escola Nova, a educação recebeu uma série de intervenções até então ausentes da Escola Tradicional. No Brasil, a escola dos anos 1960 apresentava conteúdos que em sua maioria não faziam sentido para os alunos. Porque grande parte do conteúdo desenvolvido estava relacionado à produção, mercado de trabalho que resultou da revolução industrial.

A Escola Nova estimulou o desenvolvimento da autonomia e da capacidade crítica dos alunos, o que não acontecia antes. Portanto, a atuação do professor e do aluno é essencial para o bom andamento da aprendizagem e de todo o processo envolvido. Dentro do mesmo movimento, surgiu uma nova concepção de educação: a pedagogia de projetos. São vários os representantes desse novo movimento, como Montessori, Decroly, Claparède, Ferrière e outros (COLL, 1999).

Em outras palavras, seu aprendizado ocorre pela experiência. O aluno que desenvolve o projeto planeja suas ações, reúne informações e finalmente entende suas causas e consequências, desenvolvendo faculdades críticas e autonomia. Saviani, filósofo e educador brasileiro, defende no contexto da política educacional e das escolas que os educadores são confrontados com duas posições antiéticas, a Nova Pedagogia e a Pedagogia Tradicional.

Defende-se uma educação histórico-crítica, também conhecida como educação conteúdo-crítica, cujo objetivo principal é a relação entre a transmissão de conhecimentos significativos que contribuam para a inclusão social do aluno (ARANHA, 1996).

---

Ainda, temos a pedagogia crítico-social, onde o desafio da educação é permitir que os alunos desenvolvam diversas competências e habilidades. Nessa concepção de educação, o aluno tem a responsabilidade de assumir sua posição de agente ativo de transformação social. Dessa forma, os interesses da sociedade são perseguidos, cabendo ao ensino o papel de capacitar os alunos a dominar conteúdos, desenvolver o pensamento lógico e científico e torná-los cidadãos críticos perante a sociedade como um todo (LIBÂNEO, 1990).

Hoje, portanto, existem diferentes concepções de educação e é preciso escolher aquela que melhor corresponde à realidade da escola e da comunidade em que está inserida.

## PLANEJAMENTO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

O planejamento e a prática pedagógica são essenciais e devem existir desde o jardim de infância. Assim, uma forma interessante de se trabalhar é com a pedagogia de projetos. No Brasil ela foi introduzida por um movimento chamado Escola Nova, que era o oposto da escola tradicional. O movimento ganhou força com a participação de diversos educadores como Montessori, Decroly, Claparède, John Dewey e William Kilpatrick.

Saviani (2008) enfatiza que a mudança de foco para métodos ao invés de conteúdo levou a uma falta de preocupação com o que deveria ser ensinado e mudou a forma como deveria ser ensinado. Embora a ideia seja boa, esse fato relatado acabou sendo um ponto negativo, pois de alguma forma menospreza o conteúdo e, assim, desfavorece o aluno que frequenta a escola pública por exemplo, pois muitas vezes só tem acesso ao conhecimento por meio deles.

A aplicação da pedagogia de projetos como prática pedagógica abre inúmeras possibilidades e, além da própria prática, promove um repensar e repensar a escola e o currículo. Hoje podemos observar uma pedagogia mais dinâmica que privilegia, por exemplo, atividades de lazer que buscam construir o conhecimento por meio dos próprios alunos e do professor como mediador desse processo que lhes confere desenvolvimento e autonomia.

O trabalho em equipe também inclui outros temas como: o sujeito reconhecedor, pensante, curioso, questionador, que tem conhecimento prévio de todas as disciplinas, transmite aos alunos conhecimentos interdisciplinares e atualizados sobre o mundo globalizado. Dessa forma, a prática pedagógica alicerçada garante uma formação de qualidade por meio de um currículo rico, dinâmico e flexível, e está aberta a novas ações pedagógicas, voltadas para as reais necessidades dos alunos (QUEIROZ e ROCHA, 2010). Trazendo para a Educação Infantil, segundo Moraes (2006), trabalhar com projetos nesta fase traz diferentes oportunidades de trabalhar com a criança temas de seu interesse, que surgem de necessidades cotidianas e que são interessantes, num contexto de questionamento, aprendizagem e discussões importantes. Outro aspecto a ser considerado é o da interdisciplinaridade. Esta tem a função de orientar a aprendizagem reflexiva para a compreensão da realidade e das mudanças sociais ocorridas, conscientizando e desenvolvendo uma visão abrangente da sociedade em que vivemos.

Na perspectiva dos projetos, então, a ideologia não é mais praticada para educar as crianças para a vida no futuro distante, mas para viver e transformar o mundo ao seu redor através do conhecimento que adquirem no momento presente (GONÇALVES, 2000).

Queiroz e Rocha (2010) defendem que a implementação de um projeto passa por algumas etapas essenciais como a preparação pedagógica e a seleção das atividades. Na sala de aula, as ações precisam ser organizadas de forma coletiva e cooperativa, pois o desenvolvimento do projeto requer a incorporação da realidade física do ambiente. O professor deve aplicar critérios na elaboração e organização das diferentes atividades, prestando atenção ao tipo de atividade a realizar com os alunos.

Na educação infantil, os projetos tratam principalmente de compreender a criança nos mais diversos aspectos, como o sujeito cognitivo, o ser pensante, o curioso e o ser questionador, levando em conta seus conhecimentos prévios; porque são produtores de seu próprio conhecimento e se desenvolvem a partir de ações coletivas, cooperativas, sociais, resolução de conflitos, raciocínio sobre hipóteses e questionamentos. Dessa forma, trabalhar com projetos traz novas perspectivas nesse sentido.

O ato de decorar não tem sentido nos dias de hoje. Todo conhecimento, ou quase todo, é construído a partir do contexto em que é utilizado, razão pela qual é impossível separar os aspectos cognitivos do indivíduo, suas emoções e sua socialização durante o processo. Portanto, é importante pensar no planejamento e na prática pedagógica, pois o professor também deve pensar na nossa prática, pois a formação dos alunos não deve trabalhar apenas questões intelectuais.



---

O processo é complexo, e por isso o professor deve ser atento a outras questões, como olhar para o conhecimento prévio e experiência dos alunos. Somente participando, sentindo, envolvendo-se, resolvendo problemas, interagindo, etc. em determinados contextos eles se desenvolverão plenamente. O que conta nessa fase são as experiências feitas, os problemas vivenciados e as ações desencadeadas. Além disso, a pedagogia de projeto pode ser utilizada não apenas na educação infantil, mas em todas as fases do ensino, desde que seja utilizada de forma correta para que os objetivos propostos sejam de fato alcançados.

Além disso, pode-se observar que:

Os projetos podem ser usados nos diferentes níveis de escolaridade, desde a educação infantil até o ensino médio. O que é importante considerar, a priori, é que cada um desses níveis possui especificidades e características peculiares que os vão distinguir em alguma medida: com relação ao grupo etário, a realidade circundante, às experiências anteriores, dos alunos e professores (BARBOSA e HORN, 2008, p.71).

Assim, a prática social importa e a relação entre professor e aluno torna-se dialética. Assim: O ponto de partida do novo método não será a escola ou a sala de aula, mas a realidade social mais ampla. A leitura crítica dessa realidade permite apontar para um novo pensamento e ação pedagógica (GASPARIN, 2011, p. 3).

O autor acima defende o uso da realidade dos alunos, entrelaçada com a especificidade teórica do ensino, que é um rico processo dialético de trabalho pedagógico. Por fim, a avaliação do projeto deve ser realizada no decorrer do projeto, para permitir a análise dos resultados, o prognóstico de possíveis problemas e as correções correspondentes e possíveis intervenções e ajustes para alcançar os resultados esperados (TURRA, 2011).

Portanto, cabe ao professor planejar diferentes atividades que favoreçam uma aprendizagem mais dinâmica, sem descuidar do peso das habilidades e competências que precisam ser desenvolvidas com as crianças. A sociedade sempre teve planejamento na vida humana, pois era necessário se organizar para desenvolver as atividades cotidianas.

O planejamento no contexto escolar refere-se a atividades que discutem a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem e as condições externas que influenciam seu curso. Deve-se lembrar também que o planejamento proporciona a articulação entre ensino e avaliação, já que esta serve como ferramenta de previsão, organização, pesquisa e reflexão.

Vasconcellos (2000) defende que o planejamento docente deve necessariamente contemplar uma situação real para que seja transformado. A ideia desta mediação do professor é dar início às coisas e é necessário estabelecer o que se pretende com o aluno ao longo do ano, não só em termos curriculares, mas também em termos do que o professor deve fazer com eles destinados a desenvolver nas crianças.

Segundo Tormena e Figueiredo (2010), a participação da comunidade como um todo torna-se uma ferramenta facilitadora para o processo de ensino e aprendizagem, onde todos que falam a mesma língua e entendem as mesmas ações promovem o desenvolvimento infantil pode facilitar e contribuir. Principalmente porque fazemos parte da sociedade do conhecimento que exige demais do professor em relação às atribuições que lhe são atribuídas.

A prática pedagógica dos professores tem sido em grande parte a salvação de uma pedagogia que exige mais empenho por parte do professor, onde ele deve escolher atividades e temas que façam uma conexão entre o conteúdo e o cotidiano dos alunos. Assim: "Estes temas se chamam geradores porque, qualquer que seja a natureza de sua compreensão como da ação por eles provocada, contém em si a possibilidade de desdobrar-se em outros tantos temas que, por sua vez, provocam novas tarefas a serem cumpridas" (FREIRE, 1974, p. 124).

Portanto, hoje em dia é necessário utilizar métodos diferenciados que transmitam conhecimentos mais significativos e tornem a criança protagonista de seu próprio conhecimento, sendo uma das práticas empoderadas desse processo o uso de projetos:

A organização dos projetos de trabalho se baseia fundamentalmente numa concepção da globalização entendida como um processo muito mais interno do que externo, no qual as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento tem lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem (HERNANDEZ e VENTURA, 1998, p. 63).

---

Nesse contexto, é preciso repensar o que a educação realmente espera das crianças e buscar novas estratégias e práticas sem se perder nos objetivos e expectativas de aprendizagem. A educação infantil deve compreender a criança como um indivíduo que se desenvolve social e individualmente e também respeita sua individualidade, ensino descontextualizado do que a sociedade espera hoje. Quando a forma de planejar é alterada, é possível perceber a complexidade e a importância dessa transformação e libertação, além de observar a importância dessa consciência que muda a prática pedagógica em favor do aluno.

Trabalhar dessa forma, desde o planejamento e a prática pedagógica, pode nutrir diferentes habilidades e habilidades nas crianças, aprendendo a interagir com o mundo ao seu redor e construindo sua identidade (DELORS, 2001).

Além disso é preciso ressaltar que na prática pedagógica o professor deve cuidar de verificar seu planejamento, pois infelizmente para muitos é mais fácil utilizar o planejamento dos anos anteriores do que refazê-lo para o ano seguinte, sem levar em conta as especificidades da turma, a individualidade da criança, o contexto em que estão inseridos, nem que exibam comportamentos e estilos de aprendizagem diferentes:

Uma boa parte dos atos de ensino não está, deixaram de estar ou nunca estiveram sob o controle da razão e da escolha deliberada. Por um lado, a profissão é composta por rotinas que o docente põe em ação de forma relativamente consciente, mas sem avaliar o seu caráter arbitrário, logo sem as escolher e controlar verdadeiramente. É a parte de reprodução, de tradição coletiva retomada por conta própria ou de hábitos pessoais cuja origem se perde no tempo (PERRENOUD, 1993, p. 21)

Ainda na opinião do autor, este tipo de pressupostos indica que a prática pedagógica não pode ser apenas a aplicação de determinados conteúdos, regras fixas ou receitas prontas. As práticas vão muito além de regras, convenções estabelecidas e/ou discussões educativas, envolvendo também a rede pública ou privada de ensino, o que infelizmente também faz diferença na atuação profissional, nos recursos e no que é ensinado. Não apenas os professores, mas a comunidade educacional como um todo precisa repensar como as crianças aprendem hoje.

As práticas pedagógicas devem ser norteadoras no sentido de construir novos saberes, discussões e saberes pedagógicos e novas possibilidades para o processo de ensino-aprendizagem desde a educação infantil, pois principalmente nesta fase geralmente há apenas um professor que inicia a docência com a turma na maior parte do tempo e geralmente os acompanha desde o início até o final do ano letivo.

Por fim, o educador deve refletir sobre sua trajetória, revendo sua prática pedagógica e seu planejamento, pois, apesar de sua formação acadêmica, são justamente essas duas questões as mais influenciadas pela experiência adquirida ao longo de sua carreira, o que permite um trabalho prático e efetivo com crianças. Por isso, ao planejar, o professor deve levar em consideração uma reflexão constante de suas práticas, estruturada em observação, registro, planejamento e avaliação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como educadores, sabemos da importância de ter um bom planejamento e prática alinhados com as expectativas de aprendizagem que queremos desenvolver com os alunos. No entanto, é preciso observar que a educação atual não é apenas ter que lidar com conteúdo, como não é já é suficiente e está sendo constantemente modificado pelas mudanças que o mundo atual exige de competências e habilidades e por um contrato pedagógico que implica na forma como o professor deve ensinar e transmitir conhecimento.

Para isso, é necessário primeiro rever o posicionamento do ambiente educacional, trazer as práticas para a realidade de seus alunos e familiares, e desenvolver e aprimorar novas estratégias sem simplificar o que as aulas representam para a criança. No caso da educação infantil, é muito importante o planejamento e a justificativa da prática pedagógica, na qual a criança deve ser considerada como um indivíduo desenvolvendo sua personalidade, conhecendo o mundo e demonstrando curiosidade para aprender.

Por isso é preciso ter coragem e enfrentar as mudanças que os tempos atuais exigem, tendo consciência da importância de reprogramar as ações e sua função dentro do ensino e compreender o processo de aprendizagem. Novos métodos de ensino surgem quando ganham forma e são colocados em prática, trazendo clareza e reflexão crítica. É necessário, portanto, estar atento ao planejamento e às medidas correspondentes e reduzir distâncias, dificuldades e resistências entre o planejamento e o trabalho docente diário.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


- ARANHA, M. L. A. **História da Educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.
- BARBOSA, M.C.S. e HORN, M.G. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- COLL, S.C. (Org). **Psicologia da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. 5a ed. São Paulo: Cortez, 2001. 288 p.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. 184 p.
- GADOTTI, M. **Histórias das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1995.
- GASPARIN, J.L. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.
- GONÇALVES, F. S. **Um olhar sobre a interdisciplinaridade**. Brasília: MEC, Seed, 2000, p.45-50.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **Organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 199 p.
- LIBÂNEOTOR, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.
- MORAES, L.A.Y. **O trabalho com projetos na educação infantil**. São Carlos, UFSCar. 2006. 82 p.
- NASCIMENTO, R.O. Comentários sobre as teorias da mente e a psicologia da educação. **APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista** Ano I n. 1 p. 41-48, 2003.
- PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação perspectivas sociológicas**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1993. 201 p.
- QUEIROZ, D.C.S.; ROCHA, F.F. **Projetos na Educação Infantil**. Faculdade Alfredo Nasser. Instituto Superior de Educação. Aparecida de Goiânia, 2010. 52 p. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/PROJETOS%20NA%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INFANTIL%20-%20Dayse%20Cristina.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. 10. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- TORMENA, A.A.; FIGUEIREDO, J.A. **Planejamento: a importância do plano de trabalho docente na prática pedagógica**. 2010. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_fafipa\\_ped\\_artigo\\_ana\\_aparecida\\_tormena.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernos/pde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_ped_artigo_ana_aparecida_tormena.pdf). Acesso em: 07 dez. 2022.
- TURRA, N.N. Metodologias de pesquisa para o estudo geográfico da sociabilidade juvenil. **Raega: O espaço geográfico em análise**, Curitiba, v. 23, n. 2177-2738, p.340-375, 2011.
- VASCONCELLOS, C. S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 9 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

---

### Viviane de Cássia Araujo

Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá (ESTÁCIO/UNISEB); Pós-Graduação Lato-Senso em nível de Especialização em Pedagogias Humanísticas pela Faculdade XV de Agosto (FAQ). Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I da Prefeitura Municipal de São Paulo, PMSP.

---



**NÃO CUSTA NADA  
HOMENAGEAR  
UM PROFESSOR/A  
ESPECIAL**

Envie sua homenagem com algumas fotos para:  
[primeiraevolucao@gmail.com](mailto:primeiraevolucao@gmail.com)



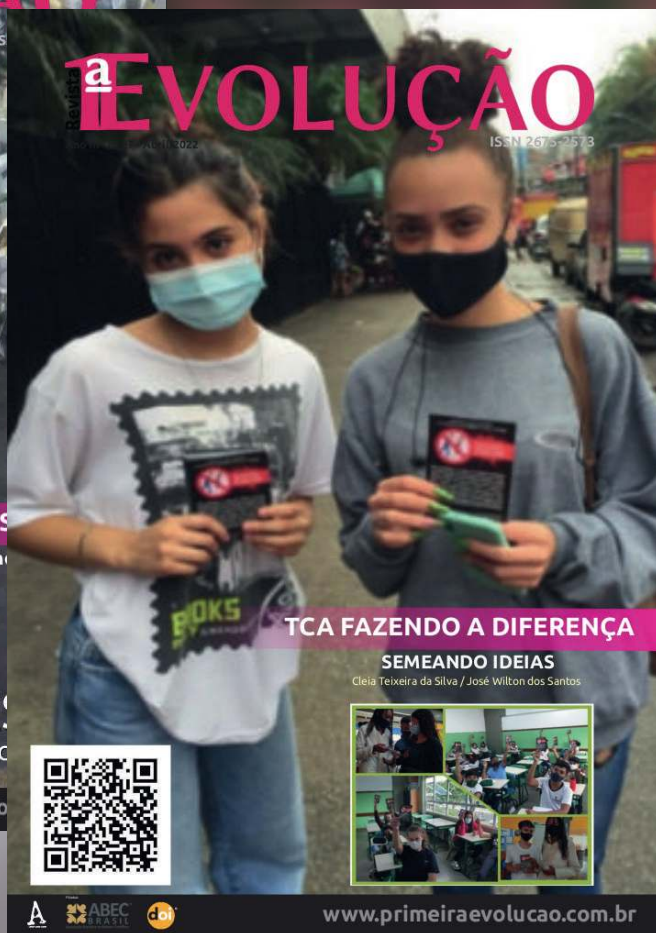


Venha você também  
**EVOLUIR**  
CONOSCO



Revista **EVOLUÇÃO**





**ORGANIZAÇÃO:**

Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**

Alecina do Nascimento Santos

Andreia Ferreira de Melo Faria

Fabiana Lemes da Silva

Ivan Aparecido da Silva

Maurina Pereira Coelho

Mônica Lara Marsura

Patrícia Mendes Cavalcante de Souza

Quitéria Maria da Silva Barros

Simoni Alves Pereira Almeida

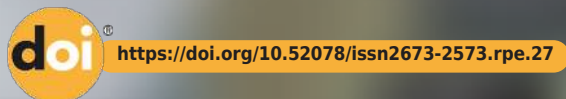
Tamires Aparecida Silva dos Santos

Tânia de Jesus Alves

Tatiana Lima Passos

Vilma Maximiano Vieira

Viviane de Cássia Araujo



Produzida com utilização de softwares livres



[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

Filiada à:

